



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

AMANDA ARAÚJO DOS SANTOS

**A LEITURA LITERÁRIA EM SALA DE AULA:
EXPERIÊNCIA COM JOGO SÉRIO NA FORMAÇÃO DE LEITORES
EM ESCOLA DO CAMPO.**

**SUMÉ - PB
2019**

AMANDA ARAÚJO DOS SANTOS

**A LEITURA LITERÁRIA EM SALA DE AULA:
EXPERIÊNCIA COM JOGO SÉRIO NA FORMAÇÃO DE LEITORES
EM ESCOLA DO CAMPO.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo.

Orientadora: Prof^ª. Ma. Carolina Figueiredo Sá

Coorientadores: Prof^ª. Dr^ª. Valéria Andrade;

Prof^º. Dr. Marcelo Alves de Barros

**SUMÉ- PB
2019**

S237e Santos, Amanda Araújo dos.
A leitura literária em sala de aula: experiência com jogo sério na formação de leitores na escola do campo. / Amanda Araújo dos Santos. - Sumé - PB: [s.n], 2019.

111 f.

Orientador: Professora Ma. Carolina Figueiredo Sá.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

1. Leitura literária. 2. Leitura na escola. 3. Formação de leitores
4. Educação do Campo. 5. Jogos teatrais. I. Araújo, Bruno Medeiros Roldão de. II. Título.

CDU: 37.018:028(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

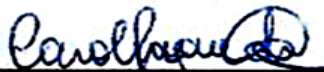
Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

AMANDA ARAÚJO DOS SANTOS

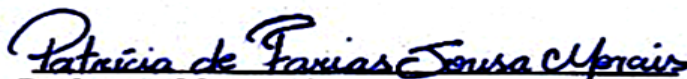
**A LEITURA LITERÁRIA EM SALA DE AULA:
EXPERIÊNCIA COM JOGO SÉRIO NA FORMAÇÃO DE LEITORES
EM ESCOLA DO CAMPO.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo.

BANCA EXAMINADORA:



**Professor Ma. Carolina Figueiredo Sá
Orientadora
(UAEDUC/CDSA/UFCG)**



**Professora Ma. Patrícia Farias de Sousa/Morais
Examinador I
(SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DA PARAÍBA)**



**Professora Me. Maurício Barbosa de Lima
Examinador II
(UAEDUC/CDSA/UFCG)**

Trabalho aprovado em: 10 de Julho de 2019.

SUMÉ - PB

Dedico este trabalho à minha vó Helena que não teve a oportunidade de ser alfabetizada: “Queria muito ler a bíblia, mas me dá um desgosto porque não sei lê, às vezes, chega dá vontade de chorar”. Dedico este trabalho também a todos(a) os carregadores de livros que lutam por um mundo melhor.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que colaboraram na minha trajetória acadêmica. Foram muitos os esforços durante quatro anos, em que exigiram tempo, paciência, dedicação, custos, e muitas outras coisas que, se não com a colaboração de todos, talvez não tivesse chegado aqui. Mas antes de tudo, gostaria de agradecer primeiramente a Deus, alicerce de todas as coisas, em que muitas às vezes, cede amparo e refúgio para nossas angústias e alegrias.

Agradeço também a minha família e amigos que estiveram presentes comigo nos momentos mais difíceis e que também fizeram parte desses quatro anos. Amo todos. Agradeço a todos os professores pelas compreensões, principalmente a minha orientadora pelas motivações e pela determinação de fazer a educação ser um compromisso com a sociedade apesar de todos os desencontros.

Deixo também meus agradecimentos a todos os coordenadores e supervisores dos projetos e programas a qual pude fazer parte como o PIBID Diversidade, o Pré Vestibular Solidário da UFCG, e o Residência Pedagógica e excepcionalmente o Grupo Teatral Arupemba dirigido pela professora Eliane Lisboa, o qual tive a oportunidade de vivenciar momentos únicos durante a graduação e sem dúvida foi uma das melhores experiências que pude ter durante a minha formação e que me ajudou a evoluir muito quanto profissional e enquanto pessoa.

Chegado o momento de fechar mais um ciclo em que ocorreram muitas alegrias e tristezas, deixo a minha motivação para que outras pessoas também possam encarar esse desafio e lutar por uma sociedade mais justa e igualitária independente da sua área de formação, valorizando a educação e garantindo oportunidade para todos.

RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivo investigar os impactos de uma abordagem didática que utiliza jogo sério em sala de aula sobre a prática da leitura literária. Nesse sentido, foi proposto um espaço para o envolvimento e formação de leitores a partir de um jogo sério de leitura, que buscou formar leitores engajados com a leitura literária dentro do espaço representativo da sala de aula, através de ações de busca de leitores na comunidade. As reflexões teóricas de Martins (1994), Lajolo (2000), Candido (1918), Barros e Andrade (2017) embasaram teoricamente este estudo, contando com a pesquisa-ação para o desenvolvimento de uma intervenção que permitiu a produção dos dados da pesquisa. Além disso, foram utilizados como procedimentos de pesquisa a observação, a entrevista, e a análise de documentos curriculares. Este trabalho foi desenvolvido ciente de que a leitura é importante para a formação do indivíduo como um todo e que a leitura literária em sala de aula deve ser um exercício constante a ser realizado. Assim, podemos concluir que experiência de integrar a diversão, a leitura, a escrita, e a análise textual, com a gamificação da literatura com o auxílio da tecnologia da informação na forma de jogo sério de realidade alternada, foi satisfatório, uma vez que conseguimos alcançar tais objetivos pretendidos nesta pesquisa.

Palavras-chave: Ensino de Literatura. Leitura literária. Estratégias didáticas.

RESUMEN

Esta investigación tuvo por objetivo investigar los impactos de un abordaje didáctico que utiliza juego serio en el aula sobre la práctica de la lectura literaria. En ese sentido, fue propuesto un espacio para la participación y formación de lectores, a partir del juego serio de lectura que buscó formar lectores comprometidos con la lectura literaria dentro del espacio representativo del aula, a través de acciones de búsqueda de lectores en la comunidad. Las reflexiones teóricas de Martins (1994), Lajolo (2000), Candido (1918), Barros e Andrade (2017) apoyaron teóricamente este estudio, contando con la investigación acción para el desarrollo de una intervención que permitió a la producción de los datos de la investigación. Además, fueron utilizados como prácticas de investigación la observación, la entrevista, y el análisis de documentos curriculares. Este trabajo fue desarrollado esciente que la lectura es importante para la formación del individuo como un todo y que la lectura literaria en el aula debe ser un ejercicio constante a ser realizado. Así, podemos concluir que la experiencia de integrar la diversión, la lectura, la escrita, y el análisis textual, con la gamificación de la literatura con el amparo de la tecnología de la información en la forma de juego serio de realidad alternada, fue satisfactorio, una vez que logramos alcanzar los objetivos presuntos en esta investigación.

Palabras clave: Enseñanza de Literatura. Lectura literária.Estrategias de enseñanza.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	LEITURA LITERÁRIA: SENTIDO, FORMAÇÃO E INOVAÇÃO.....	13
2.1	A IMPORTÂNCIA DA LEITURA.....	13
2.2	LEITURA LITERÁRIA: O SENTIDO DE LER LITERATURA.....	19
2.3	ENSINO DE LITERATURA: PRÁTICA DOCENTE E FORMAÇÃO DE LEITORES.....	24
2.4	O ENSINO DE LITERATURA E A LEITURA NAS ESCOLAS DO CAMPO.....	29
2.5	A ADAPTAÇÃO DE OBRAS LITERÁRIAS CLÁSSICAS COMO ESTRATÉGIA DE LEITURA.....	33
3	PRÁTICAS INOVADORAS DE LEITURA LITERÁRIA: ABORDAGEM E METODOLOGIAS ALIADAS À TECNOLOGIA E O JOGO SÉRIO NA SALA DE AULA.....	38
3.1	A LEITURA NA ESCOLA E AS NOVAS TECNOLOGIAS.....	38
3.2	A PLATAFORMA LERATOS E A GAMIFICAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA.....	41
4	METODOLOGIA	47
4.1	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	48
4.1.1	Análise documental.....	48
4.1.2	Entrevista Semiestruturada.....	49
4.1.3	Observação.....	49
4.1.4	Questionários.....	50
4.1.4.1	<i>Questionário fechado com os alunos.....</i>	<i>50</i>
4.1.4.2	<i>Questionário aberto com a professora ao final da pesquisa.....</i>	<i>50</i>
4.1.5	Intervenção da pesquisa-ação: realização do jogo sério com os estudantes da turma e procedimentos para coleta de dados.....	50
4.1.6	Análise dos resultados.....	52
4.2	CONSIDERAÇÕES ÉTICAS.....	52
4.2.1	Caracterização da comunidade.....	52
4.2.2	A escola Maria Balbina Pereira.....	54
4.2.3	Participantes.....	55
5	ANÁLISE DOS DADOS DE PESQUISA.....	57
5.1	PRESCRIÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO DE LITERATURA NA ESCOLA: BNCC E REFORMA DO ENSINO MÉDIO.....	57
5.2	DADOS DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA: COMPREENDENDO AS PRÁTICAS DE ENSINO A PARTIR DA PERSPECTIVA DOCENTE.....	63

5.3	DADOS DAS OBSERVAÇÕES NA ESCOLA: AMBENTAÇÃO QUANTO AO CONTEXTO ESCOLAR DA CLASSE.....	67
5.4	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA INTERVENÇÃO JOGO SÍRIO.....	85
5.5	CONSIDERAÇÕES SOBRE OS POSSÍVEIS IMPACTOS DA INTERVENÇÃO NA PERCEPÇÃO DOS DICENTES PARTICIPANTES.....	85
	REFERÊNCIAS.....	94
	APÊNDICES.....	97
	ANEXOS.....	108

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso intitulado *A leitura literária em sala de aula: experiência com jogo sério na formação de leitores em escola do campo*, apresenta uma pesquisa realizada na disciplina de Língua Portuguesa na turma do 3º ano do ensino médio da Escola Maria Balbina Pereira, município de Serra Branca (PB). A pesquisa teve como objetivo o de investigar os impactos sobre a prática da leitura literária através de metodologia que utiliza jogo sério¹ em sala de aula, oferecendo um espaço para o envolvimento e formação de leitores. Este espaço na sala de aula passa a ser representativo em meio à sociedade, tendo em vista que a leitura pode ser desenvolvida em qualquer ambiente, inclusive o virtual.

Em meio à contemporaneidade e de encontro a uma sociedade que possui variados tipos de interação com a internet através do uso das tecnologias e índices baixos de hábito de leitura literária, é necessário pensar que tipos de estratégias tornam-se favoráveis para aliar às práticas de interação virtual junto às práticas de leitura favorecendo o gosto pela mesma. Desse modo, impulsionam-se estratégias que promovam momentos de leitura nas escolas em que os desafios sociais estejam presentes, encarados como algo a ser problematizado e possivelmente solucionado. O aluno pode se sentir encorajado além da leitura, a ser um cidadão crítico e atuante na sociedade. Pois, sabemos que é de fundamental importância formar leitores, principalmente nos dias de hoje, em que a tecnologia ocupa grande espaço na vida pessoal e social do aluno.

Cientes de que a leitura é importante para a formação do indivíduo e por isso o deve ser um exercício constante a ser realizado, entendemos que é necessária motivação constante para que crianças e jovens sintam vontade e necessidade de ler. Ainda mais quando se trata da literatura. Desse modo, torna-se crucial desenvolver estratégias para experiências com a leitura literária em sala de aula, não somente para formar leitores, mas para que sejam leitores críticos e assíduos capazes de reconhecer a estética presente nas obras a serem lidas, e que levem para a vida o sentido de ler literatura como sendo importante manifestação artística do ser humano.

E é justamente por isso que sabemos a importância de documentos curriculares que orientem o ensino nas escolas públicas. Os mesmos devem contemplar na formação do

¹(CASTELLANI *et al*, 2013 *apud* BARROS; ANDRADE, 2017, p. 112) jogos denominados de jogos sérios têm sido usados para promover o engajamento e treinamento e para incentivar a realização de tarefas por meio da diversão.

indivíduo os conhecimentos pertinentes para tornar os cidadãos habilitados em todas as áreas do conhecimento. E também ofertar múltiplas escolhas a partir da complexidade de orientações existentes em seus documentos. No ensino de literatura, por exemplo, um currículo deve contemplar as orientações que competem ao seu ensino e a formação de leitores, pautado na formação crítica do aluno. Por isso, a análise dos documentos curriculares que norteiam o ensino é crucial para sabermos a que propósitos de educação atendem e como influenciam diretamente na sala de aula, já que a partir dele a escola realiza a escolha de conhecimentos a serem distribuídos. Sendo a análise do currículo atual um dos objetivos de nossa pesquisa.

A prática docente também é um dos fatores importantes que pode influenciar na aprendizagem do aluno. Desse modo, o desempenho do professor contribui para a aprendizagem significativa do aluno. Ser professor não é somente administrar uma sala de aula, por isso, para que a efetivação da prática docente de fato aconteça é necessário que se aplique o saber na sala de aula de forma a distribuir metodologicamente os conteúdos para que haja a facilitação da aprendizagem. O papel do professor é importante em qualquer área de conhecimento, no ensino de literatura, o professor é quem procura despertar o interesse não só para os conhecimentos teóricos, mas também para o sentido prático deles, em que envolve leitura, análise, interpretação e apreciação de obras literárias, estando ciente da importância da leitura e do despertar do gosto por essa leitura especificamente a literária através da mediação.

Para tanto, sabemos que existem diversos tipos de leitura e que são ofertadas em variados suportes e que são realizadas de acordo com o interesse e necessidade de cada leitor. Essas leituras despertam interesse de acordo com a forma em que são apresentadas, e dessa forma também acontece com a leitura literária, que requer um trabalho em que o leitor seja orientado a realizá-las de forma apreciativa. É na disciplina de Língua Portuguesa no espaço reservado para a literatura que o trabalho com a leitura literária se faz presente nas escolas e é a partir deste ambiente que o aluno tende a despertar o seu gosto, sendo de fundamental importância neste momento o papel do professor. Esse tipo de leitura é importante não só dentro, como também fora da escola, pois o gosto pela literatura transpõe os seus muros, levando-se para a vida a apreciação literária.

A leitura literária vai muito além de apenas ler uma obra de um autor renomado. Por isso, algumas problemáticas se apresentam no trato a esse tipo de leitura. Para leitores iniciantes, dependendo da forma que esse tipo de leitura lhes são apresentados, pode-se

criar aversão à leitura ou simplesmente se sentirem desmotivados a ler. Em um país como o Brasil, por exemplo, que possui baixo índice no hábito de leitura², novas práticas de ensino chamam atenção para uma nova dinâmica no que se refere às provocações com a leitura literária, fortalecendo metodologias de modo a incentivar a leitura, por isso, torna-se importante saber se os documentos curriculares contemplam orientações que atendam a essas necessidades.

Uma das razões para se trabalhar com a leitura em sala de aula é a necessidade de que os alunos vivenciem experiências que lhes permitam compreender a sua importância, pois é a partir dela que conseguimos obter conhecimentos para nos expressarmos e nos envolvermos com a literatura. E uma das razões para se trabalhar com a tecnologia em sala de aula e especificamente o jogo é que ele propõe e mantém a vontade dos jogadores a sempre continuar e não se limitar com a derrota, buscando sempre a vontade de permanecer, motivando-se a cada etapa ganha. É nesse contexto de envolvimento que alunos e professores em um ambiente de encorajamento, com a ideia de leitor/jogador, que o jogo Inês & Nos surge através da abordagem LerAtos³, buscando nesse espírito de jogo a motivação para a leitura, utilizando da tecnologia para avanços na aprendizagem, a saber, a junção de meios de interação, comunicação e conhecimento.

Os procedimentos desse trabalho valeram-se do uso da tecnologia para promover o incentivo à leitura juntamente ao enfrentamento de desafios de problemas sociais com o despertar da literatura. Esta pesquisa também reflete sobre as novas metodologias que devem despertar novos olhares com a prática docente. Pois é através dessa prática que novas metodologias podem ser aplicadas em sala de aula. Para tanto esse trabalho teve por objetivo geral: investigar os impactos sobre a prática da leitura literária através de metodologia que utiliza jogo sério em sala de aula para formação de leitores. Com os objetivos específicos de: analisar as Prescrições Curriculares atuais que norteiam o ensino de literatura no ensino médio; avaliar a prática docente quanto ao ensino de literatura em escola do campo; realizar intervenção pedagógica para formação do leitor com jogo literário; e por último analisar os impactos da intervenção para discentes e docentes participantes.

² De acordo com a pesquisa e estudos feitos pelo IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística) em parceria a ONG Ação Educativa e o Instituto Paulo Montenegro.

³ Abordagem inovadora de ensino-aprendizagem na escola que usa jogos de sérios de realidade alternada e leitura e produção de textos, para desenvolver suas habilidades de leitura e escrita, melhorar o desempenho em conteúdos curriculares interdisciplinares e aumentar o nível de engajamento dos estudantes e professores em ações sociais em suas respectivas comunidades. (BARROS; ANDRADE, 2017).

É nesse contexto de inovação que novas práticas surgem e que acabam por ser propagado em diversos ambientes inclusive o escolar. É em meio a esse contexto e partindo da realidade de cada indivíduo que o ensino nas escolas do campo vem se construindo com base no desenvolvimento e a formação humana dos sujeitos sociais. Entre as concepções da Educação do Campo contempla-se a educação contextualizada na formação do indivíduo em todas as áreas de conhecimento. Assim, professores convivem com seus alunos, buscando conversar, compreender seus hábitos e comportamentos, para que se familiarizem com as suas visões de mundo e seus contextos culturais, assim a leitura literária que venha a ser apresentada para alunos em uma disciplina de literatura em uma escola do campo possui essas peculiaridades, já que se trata da formação dos sujeitos do campo.

É em meio a essa discussão que conceitualmente se justifica a investigação referida. O aporte teórico adotado nessa pesquisa tem por objetivo esclarecer sobre a prática docente, e a prática da leitura literária em sala de aula. Para tanto, dialogamos com nomes de: Martins (1994), Lajolo (2000), Candido (1918), Barros e Andrade (2017). Referências válidas para a sistematização do tema. Por fim, esta pesquisa tem por interesse despertar para a valorização da leitura na sociedade em geral e em especial, jovens leitores do compõe tem como viés contribuir com as comunidades escolares e professores de literatura servindo como fonte de pesquisa e orientação para refletir sobre as práticas de leitura literária em sala de aula, e a formação de indivíduos leitores/cidadãos críticos e assíduos inseridos na sociedade, de forma a refletir e a garantir sua participação nos seus direitos sociais, políticos, econômicos e culturais. Outro interesse que se soma à pesquisa é o de contribuir com a comunidade o qual o pesquisador é pertencente, tendo estudado e estagiado na mesma instituição. Sendo ainda no período do estágio que a pesquisa foi realizada.

Deste modo, no desenvolvimento deste trabalho apresentamos a fundamentação teórica, que reflete inicialmente sobre a importância da leitura literária, sobre o ensino de literatura e a prática docente, bem como sobre a leitura nas escolas do campo e práticas inovadoras de leitura literária em sala de aula. Em seguida, apresentamos a metodologia adotada para a realização da pesquisa, que consiste nos procedimentos metodológicos de produção de dados na análise dos resultados, além de apresentarmos a caracterização da comunidade, escola e dos participantes da pesquisa. Após este capítulo, realizamos a análise dos dados da pesquisa, concluindo com as considerações finais.

2 LEITURA LITERÁRIA: SENTIDO, FORMAÇÃO E INOVAÇÃO

A leitura literária, mediante esforços, vem se fazendo presente nas escolas, ainda que de forma tímida, perpassando por discussões referentes à prática docente, ao currículo de literatura, e à formação de leitores. Tudo isso, contando com metodologias que fomentem a leitura literária não só na escola, mas na vida do indivíduo, envolvendo práticas sociais mais amplas que as estritamente escolares.

2.1 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA

A todo o momento no cotidiano estamos envoltos às várias possibilidades e práticas de leitura. Ao transitarmos nas ruas da nossa cidade ou comunidade, por exemplo, encontramos variados gêneros em variados suportes, como propagandas disponíveis em frente às lojas, panfletos, outdoors, ou cartazes, e também dentro da nossa própria casa desde a receita de bolo, até a bula de remédio e os boletos de compras para pagar. Além de estarmos imersos nessa infinidade de possibilidades de leitura a tecnologia nos proporciona uma ampliação dessas facilidades como o uso das redes sociais, por exemplo, em que um leitor não se dá conta de que muito leu realizando troca de mensagens ao longo do seu dia.

Desse modo, como podemos perceber, a leitura se faz presente no nosso dia a dia como algo tão corriqueiro que, às vezes, nem nos damos conta. Mas é nesse sentido que conseguimos extrair a importância da leitura, pois como nessas possibilidades citadas acima, dificilmente conseguiríamos passar o dia sem naturalmente lermos, uma boa quantidade de textos. Textos esses que se fazem presentes em diferentes contextos sociais nos quais circulamos, pois a leitura faz parte da nossa vida e do modo como nos relacionamos com as pessoas e no modo como nos comportamos no mundo.

A leitura conceitualmente está atrelada a decifração da escrita e do código linguístico. Superada a ideia de somente decodificação linguística, hoje existem várias concepções ao sentido de ler como, por exemplo, ler é atribuir significado ao que se lê, possuir capacidade de articular ideias e relacionar as partes com o todo do texto lido e perceber como esse texto se organiza para comunicar algo. A estas concepções, segundo Martins (1994, p. 32) “ambas são necessárias à leitura. Decodificar sem compreender é

inútil; compreender sem decodificar, impossível. Há que se pensar a questão dialeticamente”. Deste modo, ler, além das concepções de vieses teóricos também tem seu significado singular a cada um que for questionado sobre o que seja leitura, já que se trata de uma experiência individual.

E é justamente por isso que as apreensões de mundo que adquirimos a partir da leitura, muitas vezes nos mostra o quanto mais devemos ler, mesmo possuindo uma leitura de mundo de acordo com o quê se vivencia. Assim, evidencia Freire (1989, p.13), a “leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra”. Desse modo, podemos afirmar que carregamos consigo nossa forma de ver e perceber o mundo, pois lemos o que está ao nosso redor antes mesmo de aprender as letras como grandes observadores que somos do mundo em que interagimos.

Para Martins (1994, p. 17) na verdade “o leitor pré-existe à descoberta do significado das palavras escritas; foi-se configurando no decorrer das experiências de vida, desde as mais individuais às oriundas do intercâmbio de seu mundo pessoal e o universo social e cultural circundante”. Neste sentido, Martins se refere à nossa capacidade de organizar os conhecimentos adquiridos, a partir disso estabelecendo relações entre experiências e a solução de problemas que se apresentam na nossa vida, partindo de leituras que fazemos de coisas, pessoas, situações. Quanto mais ganhamos experiências com essas leituras, em vivência, somos capazes de modificar o mundo e melhor compreendê-lo.

Se retomarmos um pouco da nossa história, saber ler e escrever era um privilégio de poucos. Significava possuir as bases de uma educação adequada para a vida quem soubesse ler se diferenciava, pois a educação proporcionava “o desenvolvimento das capacidades intelectuais e espirituais [...] dos indivíduos livres, da classe dos senhores.” (MARTINS, 1994, p. 22). Atualmente, a leitura ainda é um dos principais meios de se adquirir conhecimento, mas torna-se ainda uma atividade de privilegiados. Sabemos do grande número de analfabetos existentes no Brasil divulgados em pesquisas por órgãos como o IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística), esses números em pleno século XXI ainda se fazem significativos no nosso país, pois, por muito tempo permaneceram estagnados, apesar das políticas públicas de incentivo houve demora em se pensar na ascensão da leitura.

Indicações que também nos preocupam são os números de analfabetos funcionais, divulgados pelo INAF (Indicador de Analfabetismo Funcional), relativo às pessoas que

sabem ler, mas não conseguem fazer uma interpretação crítica do que leem, ou possuem muita dificuldade de entender e se expressar por meio de letras e números em situações cotidianas, além de jornais e revistas que anunciam a todo tempo notícias a respeito dos leitores brasileiros, como, por exemplo, a Revista Veja (2018) que divulgou segundo os dados do INAF: “três em cada dez jovens e adultos de 15 a 64 anos no país (29% do total, ou seja, o equivalente a cerca de 38 milhões de pessoas) são considerados analfabetos funcionais.” O que é de extrema preocupação para a nossa sociedade.

Além disso, temos as pessoas que sabem ler, mas não leem. O que também é um fato preocupante em um país que se mostra em desenvolvimento, as pessoas que não valorizam o hábito da leitura. Isso acontece porque, segundo Martins (1994, p. 23) uma vez alfabetizada, a maioria das pessoas se limita à leitura com fins eminentemente pragmáticos, mesmo suspeitando que ler significa inteirar-se do mundo, sendo também uma forma de conquistar autonomia, de deixar de “ler pelos olhos de outrem”.

E finalmente há os que leem e sabem fazer o uso dessa leitura, os privilegiados, que sabem fazer o uso cotidiano da leitura para sua responsabilidade social como cidadão atuante. Privilegiados desde a sua formação, em ter acesso à leituras, em poder visitar uma livraria e ter a condição social e econômica de se satisfazer na compra de qualquer livro que seja. Favorecidos desde quando o barulho da biblioteca é de dentro para fora; privilegiados nas motivações de ler dentro do lar e fora dele; em utilizar espaços para se expressarem, frequentando bibliotecas que ofertam atividades lúdicas para provocação de um leitor confiante que sabe que ler é uma atividade realizada para seu desenvolvimento social, político, econômico e cultural.

Ainda sobre dados, segundo a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, desenvolvida em 2016, pelo Instituto Pró-livro 30% da população brasileira nunca comprou um livro. A pesquisa aponta também um pequeno avanço no número de leitores, de 50% do ano anterior para 56% na última pesquisa. Além disso, mostra também o perfil da amostra, o percentual do perfil do leitor de livros e do comportamento do leitor brasileiro com motivações e hábitos de leitura, do gosto pela leitura, principais influenciadores, entre outros percentuais fundantes para uma pesquisa de relevância para um estudo pertinente sobre o quadro de leitores brasileiros, assim tomados por uma base concreta de dados, a fim de sabermos analisar o contexto atual, para entendermos o que realmente precisa ser feito.

Dentre essa via, o que é necessário fazer para que leitores fiquem cientes da importância de saber ler? E, mais ainda, fazer o uso da leitura em seu cotidiano para seu crescimento, não somente como algo corriqueiro, mas, para a partir disso, obter um olhar crítico da realidade em que vive local, regional, nacionalmente, ampliando suas visões de mundo, e, utilizando a leitura como um meio de ascensão de vida, de cultura, e em defesa dos seus direitos e deveres enquanto cidadãos, para que essa atividade não fique restrita a intelectuais: acadêmicos, pensadores, estetas, críticos, artistas e aos “senhores”?

Primeiramente a solução com certeza não é uma fórmula mágica. Tratando-se especificamente sobre metodologias do ensino, a partir da superação da prática formalista e mecânica de se ensinar a ler no processo de alfabetização em que há muitos anos e que ainda infelizmente se utiliza, pode ainda contribuir significativamente. Os processos de alfabetização e letramento devem acontecer simultaneamente segundo Soares (2003) através da aquisição do sistema convencional de escrita –a *alfabetização* –e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita –o *letramento*. (SOARES,2003, p.14).

Apesar de anos de civilização ainda não se ensina a partir dos princípios de como e por que se tem que aprender, mas sim numa lógica de aprender por aprender, não dando visibilidade a real importância da leitura, e o seu papel na vida de um indivíduo inserido em sociedade. Além disso, deve-se se preocupar não somente com o processo da alfabetização, mas bem como, o processo de letramento de cada indivíduo em processo de formação.

Ainda em meio à educação também é preciso pensar o papel do professor como sendo um incentivador de práticas leitoras, formando-se leitor para conseguir formar outros leitores. E pensar também que o papel do professor não é somente o de proporcionar leituras aos educandos, mas ser um mediador de leituras, ou seja, aquele que medeia entre o leitor-texto-autor dando o caminho para descobertas aos seus leitores. Tratando antes de "dialogar com o leitor sobre a leitura, isto é, sobre o sentido que ele dá" (MARTINS, 1994, p. 34). Por isso, o aluno precisa ser instigado a essa leitura e o professor precisa estar atento às várias estratégias, como, por exemplo, o de facilitar a leitura para que a mediação de fato aconteça, e essa leitura não seja pensada somente como um produto final, mas sim como um processo que nele que se consegue chegar às descobertas através da interpretação.

É preciso uma constância nas tentativas pertinentes para a mudança desse quadro, a partir do panorama das pesquisas. A promoção de uma cultura leitora através de políticas públicas de incentivo à leitura e de formação de leitores se torna significativa à ampla inclusão da população nessa atividade, até então, de privilegiados. Mais uma vez, repito, despertando para a importância da leitura na vida do indivíduo inserido em uma sociedade, aprendendo a fazer o uso da leitura no meio social, pois só há sentido em ler quando o indivíduo “atribuir significado ao texto e questionar tanto a individualidade como o universo das relações sociais[...] alargando os horizontes de expectativa do leitor e ampliando as possibilidades de leitura do texto e da própria realidade social”. (MARTINS, 1994, p. 66)

Dentre uma perspectiva crítica da educação, a promoção de uma cultura leitora romperia com a postura intelectualizada e dominante do *status* letrado da elite que determina até onde se devem atingir os níveis de leitura e o comportamento leitor na sociedade. Esse sentido de privilégio trata dos que são favorecidos e utilizam a língua como instrumento de “dominação” mediante determinados grupos, uma vez que, ter domínio da língua pode representar os favorecimentos construídos a partir do domínio de uma classe sobre a outra, em que exclui quem não tem o mesmo domínio, sobre determinados comportamentos em sociedade.

No rompimento de paradigmas, a leitura passa a ser uma ferramenta de denúncia, de autonomia, e de enfrentamento as imposições postas sobre determinados grupos dominantes. Por isso, as pessoas precisam despertar para esse conhecimento e partir para a construção de uma cultura leitora que luta para nivelar as condições de estar presente na sociedade. Sobre as alternativas apresentadas pela 4ª Edição da pesquisa Retratos da leitura no Brasil

É preciso apostar no aumento do número de leitores a partir de um tripé essencial formado pela família, pelo Estado e pela sociedade civil. No primeiro caso, a propósito, em resposta a uma nova pergunta adicionada a esta edição da pesquisa, a figura da mãe surge como a principal influenciadora no gosto pela leitura. Ao Estado cabem os investimentos a longo prazo em educação, o empenho na formação de professores e mediadores de leitura, os esforços para a implementação do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) e o fortalecimento do sistema de bibliotecas públicas. [...] Já na sociedade civil, empresas, ONGs e escolas vêm desenvolvendo projetos, eventos e prêmios em prol do incentivo à leitura, buscando proporcionar o acesso aos livros a pessoas de diversas idades e níveis de alfabetização. (FAILLA, 2016, p.6).

É preciso que todas as instâncias ao mesmo tempo se revelem a partir da importância da leitura desde os objetivos mais amplos, como: o crescimento intelectual dos sujeitos leitores, a criticidade, a assiduidade, o aumento da bagagem cultural, o desenvolvimento social, político, econômico e cultural. Até os objetivos mais pessoais e cognitivos, como: soltar a imaginação, estimular a criatividade, aumentar o vocabulário, aumentar a compreensão das coisas, contribuir com a facilidade da escrita, facilitar a comunicação e o desenvolvimento afetivo. Desse modo, entende-se que a leitura vai muito além da decifração da escrita e do código linguístico, mas envolve todo um conjunto que reflete basicamente a vida dos indivíduos em sociedade.

Retomando a questão inicial desse texto, ressalta-se que são várias as possibilidades de leitura no cotidiano, em variados suportes como: panfletos, propagandas, avisos, mensagem em rede social, entre outros, que podem ser encontrados em diversos lugares, como na rua, na igreja, na lanchonete, no espaço digital e etc. Então, em como analisar tais possibilidades de leitura para uma constatação de que leitores não usufruem da leitura? Um bom leitor sabe o que precisa ler, sente a necessidade de ler, escolhe o que ler, e sabe o porquê ler. Ao formar leitores preza-se pela autonomia dos sujeitos em fazerem suas próprias escolhas, estabelecendo objetivos para a leitura e sabendo onde buscar essa leitura compreendendo um conjunto de fatores que envolve tal escolha.

É por isso que ainda o melhor caminho para se chegar a fonte de leituras, o livro, segue como um grande aliado de professores, alunos, médicos, advogados, artistas entre outras profissões que se utilizam de tal objeto para se satisfazer com a leitura em variados aspectos, seja por profissionalismo ou por lazer. Sobre o principal objeto ofertante da leitura apresentadas pela 4^o Edição da pesquisa Retratos da leitura no Brasil convém destacar que

Além de inquestionável propulsor do saber, o livro precisa ser valorizado como importante fonte de crescimento pessoal e de entretenimento. Esses fatores também ajudam a criar estofô para uma formação humana e crítica que, numa dimensão coletiva, aliada à educação de qualidade, pode conduzir ao progresso. (FAILLA, 2016, p.6).

Muitas pessoas que afirmaram ler livros nessa mesma pesquisa são livros considerados midiáticos. Então, qual referência os leitores precisam ter? Uma referência mais ampla do que aquilo que lhe pode ser apresentado limitadamente através das mídias de venda do mercado. Podem ser referências escolares, de amigos, de familiares, ou de

estudiosos, o que importa é que o leitor tenha autonomia suficiente para listar suas próprias indicações e sua funcionalidade.

A divulgação pela mídia eletrônica e o vínculo com o mundo do entretenimento constituem apelos a que nem as escolhas universitárias ficam imunes. A popularização do escritor, sua presença na tela ou no circuito de palestras, quando estabelece relação direta com o público, desempenhando, ao mesmo tempo, função de ator e comunicador, é também capaz de alterar o padrão de consumo intelectual, de modo tão ou mais eficaz do que consegue a crítica especializada e assim, interferir na composição de algumas listas. (CADEMARTORI, 2012, p. 23)

Com isso concluímos que o cuidado com a formação de leitores é primordial para termos uma sociedade leitora. Por isso é necessário unir forças para a disseminação e o fortalecimento de uma cultura de leitura. E que seja um compromisso de todos, não somente do instrutor da biblioteca ou do professor de Língua Portuguesa. O ideal não é culpabilizar os agentes que o promovem, e sim, unir forças para cobrar de quem deixou uma dívida histórica na formação de leitores, ou seja, as bases governamentais do Estado brasileiro - desde o processo de aquisição da leitura, com as dificuldades impostas ao processo de alfabetização ao acesso restrito à materiais de leitura, com a falta de bibliotecas nas escolas, a ausência de investimento na formação de professores para formar novos leitores e o investimento tardio nas políticas públicas de distribuição de livros.

2.2 LEITURA LITERÁRIA: O SENTIDO DE LER LITERATURA

A literatura pode não mudar o mundo, mas em parte, pode contribuir com a sua transformação. Através da sensibilização das pessoas é que, isto se torna possível. Quando tocamos o imaginário literário de alguém, tocamos o consciente e o subconsciente, seu mundo simbólico, despertando emoções e provocando reações, que, com a absorção da informação do texto, vão se sobressair nas expressões humanas, seja de modo artístico ou simplesmente como satisfação da leitura através da apreciação do texto literário, que remete inspiração, ou prazer.

O texto literário é variável carrega consigo valores, críticas, histórias, emoções, fictícios ou não, uma pessoa ao lê-lo e envolver-se é tocada de algum modo, podendo influenciar comportamentos no modo de ver e viver a vida, pois reflete muito do/no existir

humano. Já que, desde todo o tempo à criação de histórias, heróis, versos, cantigas, poesias, sempre fez parte do seu universo, mostrando que a necessidade humana de recriar o mundo onde ele vive pode representar para ele uma forma de projetar o seu mundo. Vista deste modo a literatura aparece como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. (CANDIDO, 2004, p. 174). É assim que o crítico literário Antônio Cândido (Idem) defende que a função da literatura é o de organizar através de palavras os nossos sentimentos, o nosso mundo interior.

A literatura vai além dos gêneros literários, vai além da técnica de escrita, ela é a representação do imaginário humano, pois ela parte da necessidade de expandir nosso mundo, de inventarmos outros e reinventarmos a realidade. E como já foi citado: “a leitura do literário consiste em uma leitura de ampliação do mundo simbólico, vai muito além de simplesmente ler uma obra de um autor renomado”. Assim, o ser humano é um poeta, é aquele que cria, poesia vem do grego *poieses* (*criar, criativo*), derivada de um termo genérico *poiein* (*fazer*), o homem que faz, o homem que cria, sendo ele por natureza um ser investigativo, por isso é necessário ler para escrever e escrever para se ler. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado descreve Candido. (2004, p, 174).

Segundo o crítico literário a literatura satisfaz uma necessidade básica do ser humano: a ficção. Por isso, o ser humano é um ser inventivo e não fica sem imaginar, conviver ou criar histórias o tempo todo. “Se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação é um direito” (CANDIDO 2004, p, 174).

Dessa forma, cria-se de acordo com as emoções e sentimentos humanos, por que, a literatura é um dos meios da expressão humana, imaginária, afetiva e simbólica. Uma tentativa de compreensão de problemas relacionados à existência. (ALMEIDA, 2013, P. 59). Já que, pode proporcionar o sentido do encontro entre homem e mundo, ou de se fazer ou estar presente nele. Por isso, a literatura também possui seu papel social, já que se constitui a partir dos indivíduos que a compõe e se expande ao imaginário coletivo de forma cultural.

A literatura nos transforma a partir do que somos capazes de sentir ao nos envolvermos, dando sentido a nossa própria vida. A literatura tem o poder de nos despertar e dessa forma podemos nos conhecer e conhecer melhor o mundo, identificando as pluralidades e singularidades que a vida e o mundo nos oferecem. A literatura não é mágica quando se refere ao resgate ao indivíduo deprimido, mas através dela podemos nos desenvolver, sendo uma arte que nos aproxima enquanto seres humanos por meio da expressão, o que é fundamental para o desenvolvimento da interação das linguagens humanas.

Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no consciente. (CANDIDO, 2004, p. 175)

Pensando nessa relação mútua enquanto seres humanos, como resultados de um processo que inclui a linguagem como item fundamental, nos faz afirmar com base antropológica que o homem é o único animal que quando nasce não traz consigo um padrão de comportamento, ou seja, o comportamento do homem se adequa, depende dos padrões que lhe são oferecidos. “Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles”. (Idem).

O homem não tem seu comportamento determinado ao nascer, diferentemente de outros animais. Somente ao longo do seu desenvolvimento que vai adquirindo seu padrão de comportamento. O homem vai assumindo ao longo da sua vida a cultura de acordo com a oferta de padrões de interpretação que lhe são ofertados para a construção do seu mundo. De acordo como o homem é educado é que ele vai responder as apreensões de mundo que modificam seu comportamento, e a linguagem está inserida em todo esse processo.

Portanto, o processo de constituição de um homem depende da formação conceitual e essa, por sua vez, depende dos padrões de interpretação a ele oferecidos. As diferentes manifestações culturais constituem-se em padrões de interpretação. Entre elas, destaca-se, seja pela alta elaboração própria do código verbal, seja pelo envolvimento emocional e estético que propicia, a literatura. (CADERMARTORI, 2010, p. 23):

A leitura ajuda a expandir o nosso conhecimento como dito anteriormente, a literatura então, não é apenas um mero registro das invenções humanas, pois ela nos diz

muito sobre o ser humano, este como um ser criativo, e que possui sua imaginação em crivo a vida perante a sociedade. O ser humano em nenhum momento abstém-se da sua imaginação, pois ela é inerente à vida humana e uma das suas razões de existir.

Portanto a obra literária recorta o real, sintetiza-o e interpreta-o através do ponto de vista do narrador ou do poeta. Sendo assim manifesta, através do fictício e da fantasia, um saber sobre o mundo e oferece ao leitor um padrão para interpretá-lo. Veículo do patrimônio cultural da humanidade, a literatura se caracteriza, a cada obra, pela proposição de novos conceitos que provocam uma subversão do já estabelecido. (CADERMARTORI, 2010, p. 23)

A literatura então pode ser compreendida como arte, já que dispõe ao ser humano apreensões de mundo que podem compô-lo em sua forma de ver e viver a vida, estabelecendo vínculo com as relações humanas, por meio das diversas reações e expressões que contribuem no questionamento de padrões de comportamentos humanos estabelecidos em sociedade. Por isso, a literatura se utiliza da linguagem para se constituir e se efetivar como algo concreto, já que pode ser escrita e comunicada, mas, subjetivamente pode ser interpretada de acordo com o ponto de vista de cada leitor talvez perdendo o próprio sentido que o autor quis estabelecer em seu texto. Deste modo, é necessário entender a linguagem, modo de efetivação da literatura e a língua meio de comunicação.

A leitura faz parte desse processo como forma de entendimento da língua e meio de comunicação através da linguagem. Ler é uma forma de apreensão do significado do código linguístico que somente através da compreensão e da interpretação desse código é que é possível simbolicamente atravessar suas formas de sentido. Compreende-se leitura no contexto das práticas comunicativas que produzidas socialmente, envolvem uma diversidade notável de agentes [...] que se relacionam mutualmente e incessantemente e transformadora troca de informações (BARROS; ANDRADE, 2017, p. 110).

Para a construção do sentido de ler-literatura precisa-se ir de encontro ao significado do conjunto das palavras. Por isso, etimologicamente a palavra leitura vem da atribuição do radical da palavra ler, e ler em seu significado de origem latina, pode ser, “*ver com os olhos*”, ou “*apanhar*”. Já a etimologia da palavra literatura vem do latim “*litteris*” que significa “*letras*”. Então podemos dizer que, apanhamos letras? Ou, vemos letras? Bem mais que isso. A leitura literária é um tipo de leitura que emerge de várias formas e sentidos. Não é simplesmente uma leitura voltada para obras literárias como se

pensou há muito tempo, essa forma de pensar, permite uma análise simplista do que seria a leitura literária. Por isso, uma leitura que se diz literária é quando: “A ação do leitor constitui predominantemente uma prática cultural de natureza artística, estabelecendo com o texto lido uma interação prazerosa” (NOGUEIRA, 2017 apud PAULINO, 2016, p. 3).

Então, quando pensamos em leitura literária pensamos além de leitura estética, pensamos também na fluência dessa leitura no trabalho com o imaginário do leitor, prazer da leitura, formação simbólica e cognitiva do indivíduo que lê e, principalmente, na apreciação do texto literário. Assim como em outras artes atribuiu-se à literatura muitos significados, justamente pelo modo humanista em que se dá. Mas, para que haja uma predominância cultural é necessário que o indivíduo esteja apresentado a esse universo, e esteja inserido, caso contrário, não podemos dizer que a ação do indivíduo se faz de uma predominância cultural, a interação prazerosa pode acontecer não somente pelo nível estético e cultural, mas pelo indivíduo simplesmente gostar do que lê. Ele pode ler a partir do seu contexto cultural lendo obras seletivas às quais se identifica, ou estar de fato inserido em uma cultura leitora que analisa esteticamente as obras a partir do cânone literário, referindo-se ao leitor em formação.

Assim, ao pensar sobre o ensino de literatura e a leitura dessa literatura, geralmente nos deparamos com uma dicotomia que é o saber conceitual: aquele que é nos ensinado na escola, muitas vezes distantes das obras literárias; e o saber empírico que é justamente a experiência leitora das obras. Somente com a fluência da leitura é que se entende que não há separação entre conceito e empiria, pois só existirá o saber empírico se houver a efetivação da leitura. A leitura literária tem em sua amplitude o desenvolvimento do gosto estético literário (prazer em ler a partir do que se lê, obras seletivas de movimentos literários, de escolha própria ou indicação), e o desenvolvimento do gosto pela leitura ou simplesmente do hábito de ler (por qualquer tipo de leitura, não importando que obra seja ou que autor seja) não que ambos estejam separados, mas acontece de acordo com o que o leitor procura em sua leitura, pois a leitura literária oferece esse tipo de liberdade.

Em síntese, a necessidade de se justificar a literatura e as artes vêm desde a tentativa de usurpação do imaginário coletivo com as novas formas do agir humano, tais como o advento da tecnologia, em particular nas últimas décadas. A forma fragmentada e superficial com que a ciência chegou através da tecnologia praticamente retirou do homem o papel de desenvolvedor de seus próprios conhecimentos e de suas ações, para dar total espaço ao mecânico. Dessa forma, recorre-se ao bem histórico humano, *as artes*, e a sua

função social como forma de redescobrir com a ajuda da crítica filosófica, o ser humano, como sendo uma criatura puramente humana, um ser antropológico, e não definitivamente um ser robotizado que age de forma mecânica. Para tanto, ressalta-se o valor da literatura e a sua importância enquanto direito humano como defende o crítico literário Antônio Candido (2004) em sua obra *O direito à literatura*.

Conclui-se que o sentido de ler literatura se encontra no objetivo a ele empenhado, principalmente para o leitor em formação no processo de construção de conhecimento. Ressaltamos ainda que esse sentido deve ser relacionado à subjetividade nesse processo, já que se trata de uma linguagem artisticamente organizada. A partir dessas reflexões sobre a importância da literatura e da leitura-literária especificamente, faz-se necessário discutir sobre o ensino da literatura nas escolas, onde é sua base primeira, e o currículo dessa formação, para que haja a valorização da real função da literatura na vida dos indivíduos, que não é a utilitária, cabendo ao próximo item tratar sobre tal questão.

2.3 ENSINO DE LITERATURA: PRÁTICA DOCENTE E FORMAÇÃO DE LEITORES

Por muito tempo no país o ensino de literatura não foi muito diferente do de outras disciplinas, a didática presente estendeu-se ao ensino decorativo, ao ensino diacrônico e cumulativo de teorias, sem apreciação literária, as obras somente deveriam ser lidas, ou nem lidas, meramente decodificadas através da leitura de fragmentos, além de servir como forma de ensinar a língua. Essa decorrência pode ser explicada porque durante séculos “a literatura exerceu um papel preponderante como eixo vertebral do ensino linguístico, a formação moral, a consciência de uma cultura com raízes greco-latinas e, desde o século XIX, de aglutinadora de cada nacionalidade” (COLOMER, 2007, p. 15).

No momento em que esse modelo de ensino passa a ser problematizado, a leitura literária começa a ganhar atenção. Se considerarmos hoje que esse modelo foi superado, podemos entender que novas práticas de ensino começaram a se estabelecer e que novas metodologias começaram a ser aplicadas e questionamentos passaram a ser feitos em relação ao papel do professor sobre o ensino literatura. Isso decorre a mudança de objetivo estabelecido conforme Colomer (2007) qualquer modelo de ensino literário se caracteriza pelo forte inter-relação que estabelece entre seus objetivos, seu eixo de programação, o

corpus de leitura proposto e as atividades escolares através das quais o ensino se desenvolve (COLOMER, 2007, p. 19).

Desse modo, se entendermos que a valorização da leitura literária em sala de aula passou a ser uma exigência ao professor de literatura em corresponder às expectativas de fluência de leitura dos alunos, em conjunto aos novos métodos então aplicados, o professor passa a ser cobrado dentro da expectativa de formar alunos letrados e leitores interessados em literatura. Essa exigência confere que ele acompanhe e proporcione formas de atender esses novos objetivos aumentando a sua demanda no intuito de sanar um problema instaurado pelo modelo anterior, como se nunca tivesse existido o perfil do leitor literário, a literatura agora passa a “salvar” o perfil de um modelo de leitor, ou seja, não se forma o leitor para ler literatura, mas se forma a partir da literatura, leitores.

Nesse caso, de emergência na formação, o professor pode então para se sentir bem sucedido, acabar se validando de métodos os quais lhe permitem a sensação de dever cumprido, quando alunos às vezes nem correspondem às tentativas postas pelo professor. Métodos esses, muitas vezes, equivocados, por serem entendidos como imediatistas na formação de alunos leitores. A esse respeito Lajolo (2000, p. 14) afirma que: “Técnicas milagrosas para convívio harmonioso com o texto não existem, e as que assim se proclamam são mistificadoras, pois estabelecem uma harmonia só aparente, mantendo intato – quando já instalado – o desencontro entre leitor e texto”.

Para se formar o leitor literário é necessário encontro constante entre leitor e obra, pois esse leitor não é um leitor comum, pois, a formação literária apresenta nuances que só podem ser entendidas a partir da leitura da linguagem artisticamente organizada. Então qualquer trabalho que o professor realize deve estar alinhado aos vários aspectos formativos que a literatura exige principalmente se for pautado na construção de sentido.

Estudos como o de Lajolo (2000) publicado no livro *Do mundo da leitura para a leitura do mundo* apresentam críticas da forma como alguns professores encaram o desinteresse literário dos alunos, de como não basta apenas levar dinâmicas motivacionais para a sala de aula, mas como é preciso que a postura do professor também esteja condicionada a essas motivações, caso contrário, para leitores iniciantes, dependendo da forma que esse tipo de leitura lhes são apresentados, podem criar aversão à leitura ou simplesmente se sentirem desmotivados a ler, causando efeito contrário do pretendido. Podem achar desinteressante de tal forma que não irão reconhecer a importância da leitura literária, subestimando o seu sentido, agregando a esses momentos de leitura uma

desvalorização ou, simplesmente, encarando-os como um “passa tempo” na escola e na sala de aula. Dependendo da conduta do professor em sala de aula, pode contribuir-se com a manutenção e ampliação desse julgamento da literatura, devido à má apropriação da leitura. Desse modo, o papel do professor é primordial para a protagonização da leitura literária em sala de aula, enquanto leitor atuante.

Talvez não se tenha refletido ainda o bastante sobre alguns traços que modernas pedagogias e certos modelos de escola renovada imprimiram à educação, principalmente ao ensino de literatura. Nesse sentido, urge discutir, por exemplo, o conceito de motivação, porque é em nome dele que a obra literária pode ser completamente desfigurada no espaço escolar. Propor palavras cruzadas, sugerir identificação com uma ou outra personagem, dramatizar textos similares atividades que manuais escolares propõe, é periférico ao ato de leitura, ao contato solitário e profundo que o texto literário pede. (LAJOLO, 2000, P. 15).

O cuidado que deve se estabelecer com a suposição de motivação é legítimo, pois através dessa sustentação pode incidir de se fragmentar, mais uma vez, o ensino de literatura e não se efetivar a formação do leitor literário com o risco do afastamento do leitor/obra na tentativa de aproximá-lo. A formação de leitores literários tem sua centralidade na leitura do texto e não no distanciamento. A secundarização do texto literário é um risco que imprime a não contemplação e conseqüentemente a fragilização nessa formação.

Sobre “ensinar ler literatura” cabe questionar qual o papel do professor na formação de um aluno leitor crítico/assíduo de leitura literária? A essa pergunta cabe uma resposta que deve ser bastante problematizada, como já citado acima, o papel do professor é o de protagonizador da leitura literária junto aos seus alunos, ou seja, o de levar a leitura literária para sala de aula e envolver o aluno com essa leitura, e envolver-se junto a ele. O professor é o responsável por fazer com que essa leitura chegue à sala de aula, mas principalmente, ao aluno. Por que ele precisa descobrir que tem uma voz própria, a da subjetividade.

[...]o mediador responsável pela aquisição da prática da leitura - o professor - deverá elaborar estratégias significativas para que ocorra a formação do leitor, de forma consciente pela prática concreta e efetiva do ler, pois somente quem se relaciona com livros, de maneira preciosa, será detentor do poderio de gerar novos bons leitores. (KRUG, 2015, p.3)

Sabemos que para a fluência da leitura literária acontecer vai depender também do aluno e não somente do professor, por isso, muitas vezes os docentes enfrentam resistência

dos alunos para que a leitura de fato aconteça. E em muitos podem ocorrer em um tom ameaçador, ou uma chantagem, como estratégia para que os alunos leiam forçadamente e, desta forma, não há como despertar o encantamento pela leitura, pois o aluno já vai de encontro ao texto, com tensões pré-estabelecidas. Em alguns casos possa ser que “funcione”, pois essa estratégia regida como infalível por muitos professores “não pode dar errado”, o professor jamais irá negar que o aluno não leu o texto, mas será que o professor será capaz de admitir que este método não conseguiu de fato formar um leitor encorajado? E que não conseguiu despertá-lo para as nuances que a leitura literária oferece? Muitos professores têm a consciência de suas práticas embora, refletidas ou não, continua a praticá-las.

O professor é quem oferece oportunidades para que os alunos possam se envolver com esse tipo de leitura. Então, não basta apenas levar livros para a sala de aula é preciso que o professor dinamize, proporcione momentos, questione aos alunos para gerar discussão, que o professor relate as suas experiências com o texto literário de forma a convidar o aluno a ler o texto, e só assim o aluno se sentirá a vontade para experimentar algo novo. É preciso também que o professor reserve o espaço da leitura, “porque a leitura requer certo isolamento e certa forma de solidão para construir a subjetividade”. (CARDEMARTORI, 2012, p. 25).

As ações dos professores não podem fugir do que seja primordial no ensino de literatura por meras invenções, pois tudo deve ser planejado com objetivos estabelecidos sem abandonar o que seja fundante na literatura, inventar também faz parte do processo, mas que essas invenções tenham objetivos em relação à literatura. Assim, “o que fazer com ou do texto literário em sala de aula funda-se, ou devia fundar-se, em uma concepção de literatura muitas vezes deixada de lado nas discussões pedagógicas.” (LAJOLO, 2000, p. 11).

Embora o professor sendo o responsável de proporcionar momentos de apreciação literária, o aluno é o principal condutor da situação, pois é ele quem dará o retorno tanto do interesse como do desinteresse do que vem sendo apresentado. Por isso, nessa relação de protagonização o desenvolvimento deve acontecer em via de mão dupla. Apesar de ser o professor o responsável por ofertar essa leitura em sala de aula, sabemos que existem outras vias através das quais os alunos podem envolver-se, abrindo espaço para outros motivos que levam os alunos a procurarem a leitura literária. Por isso, salientamos que o

espaço onde geralmente a leitura literária acontece ou deveria acontecer, é um espaço de aprendizagem, a sala de aula, e o responsável de proporcionar isso, o professor.

Nesse sentido, o aluno também é protagonista com o seu desenvolvimento da/na sua experiência literária. Como já foi explicitado, o professor é o responsável em despertar a fluência da leitura literária no aluno fazendo com que sinta gosto por essa leitura. Mas o aluno também trás influências para o ambiente, pois carrega consigo suas experiências de vida que o permite fazer escolhas. Desse modo, quando o professor consegue formar o aluno leitor, esse leitor formado passará a ser também protagonista, conduzindo sua própria experiência literária, indo ao encontro das obras, na conquista da sua autonomia, formando sua própria trajetória literária.

Para que a formação de leitores seja fortalecida é necessário que o professor também se forme leitor. O professor “bem alimentado” dessa importância terá domínio do que pretende e das situações que acabam por exigir improvisos. O professor precisa estar consciente do seu papel e também da sua responsabilidade, em provocar e se responsabilizar pela reação a essas provocações. Assim, reflete Lajolo (2000, p. 16) que: “o desencontro literatura-jovens que explode na escola parece mero sintoma de um desencontro maior, que nós – professores – também vivemos. Os alunos não leem, nem nós; os alunos escrevem mal e nós também.”

É nesse contexto que para pensar sobre a superação de problemas no ensino de literatura, refletimos sobre o papel do professor como sendo de fundamental importância para os encaminhamentos e propostas para a área. Inclusive propõe-se não fugir totalmente dos encaminhamentos tradicionais do ensino de literatura, pois entendemos que eles se fazem necessários, compreendendo, por exemplo, o contexto em que as obras foram produzidas. Os textos contextualizados nos dão acesso a uma historicidade concreta, na qual podemos extrair as intenções do autor de determinada época, referentes às suas produções. E também, acesso a textos que constituem os juízos críticos acumulados ao longo da história sobre determinada obra ou autor. Porém, não podemos nos esquecer do que de fato nos aproxima do leitor para que a nossa aula se efetive da melhor maneira possível, no espaço de liberdade, criticidade e autenticidade.

A discussão aqui estabelecida e as críticas aqui referidas não propõem que todas as tentativas já promulgadas pelos professores devam ser exterminadas, pelo contrário, isso mostra que trabalhos foram desenvolvidos e que, como fazendo parte do processo, houve tentativas que não contemplaram totalmente os objetivos estabelecidos nas suas propostas

e por isso, devem ser mais bem refletidas, para que se desenvolva dentro de cada contexto e atenda aos objetivos a que se pretende atingir em seu trabalho. Sabemos que todo e qualquer trabalho desenvolvido para se formar leitores é relevante, desde que tenha sentido a sua construção. Assim, Lajolo se refere ao sentido da leitura literária, bem como das próprias aulas de ensino de literatura:

A leitura literária foge da técnica se o objetivo é o de formar apreciadores. A literatura exige que o leitor adentre no seu mundo com o sentido de degustação, ou o texto dá sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum. E o mesmo se pode dizer de nossas aulas. (LAJOLO, 2000, p.16).

Sabemos também que para discutir sobre o papel do professor no ensino de literatura deve-se refletir sobre o contexto em que se está inserido, levando em conta o currículo escolar e as exigências acadêmicas durante a formação do professor de Língua Portuguesa. Já que sabemos que as formações acadêmicas historicamente apresentaram lacunas no que se refere ao ensino de literatura, citadas em estudos que provocam reflexões e críticas a respeito da formação dos professores de Língua Portuguesa no ensino superior.

Nessa discussão, não se pode ignorar a bagagem adquirida pelo professor durante o seu percurso de formação de leitores, na efetivação da prática docente. Para tanto, é necessário partir dessas reflexões antes de se fazer críticas que meramente acusem o professor, pois o ensino de literatura não emerge somente da classe docente, mas está inserido em uma lógica, no interior de um sistema social e educacional que envolve, dentre outros aspectos, a determinação do currículo por instâncias nacionais de deliberação das políticas educacionais no âmbito dos governos, tais como o Ministério da Educação, e a influência que ele possui nos direcionamentos curriculares. Os problemas com investimentos no meio artístico e literário ou na falta deles, a formação continuada de professores de Língua Portuguesa, e a democratização do conhecimento são outros aspectos importantes desta discussão.

2.4 O ENSINO DA LITERATURA NAS ESCOLAS DO CAMPO

“A Educação do Campo emerge diante da constatação de que aos agricultores, doravante identificados como camponeses, têm sido negada uma educação que os estimule a continuar vivendo do seu trabalho da/na/com a terra.” (RIBEIRO, 2013, p. 124). Desde

as primeiras discussões no final do século XX até os dias de hoje, durante esse processo de construção e criação da Educação do Campo, vários foram os pontos de problematização, como por exemplo: às famílias que sobrevivem do seu trabalho da/na/com a terra, tem sido oferecida uma formação escolar semelhante à que é oferecida nas áreas urbanas, perdendo todo um sentido de convivência com a sua realidade; a precariedade do ensino oferecido pelas escolas rurais mantidas devidas a falta de formação continuada e especializada de professores, dentre outros. Tais pontos são de fundamental importância para o esclarecimento das lutas por uma educação do campo que respeite os direitos e a vivência desses povos no/do Campo.

Além disso, luta-se contra um modelo de escola rural que entre as suas concepções, “invade o *modus vivendi* dos camponeses, ao mesmo tempo em que os anula, considerando arcaicos os seus métodos tradicionais de lidar com a terra e produzir, e atrasadas a sua linguagem e cultura” (RIBEIRO, 2013, p. 124). Sinalizando concepções/práticas de produção agrícola que valoriza o abandono do campo por imposição do modelo agrícola mecanizado em que os sujeitos são expulsos do campo, devido à lógica de mecanização e financeirização da agricultura e pelo empresariado agrícola, e deixando de sobreviver da sua própria produção enquanto famílias camponesas.

Desse modo, a educação do campo é pensada de forma a defender a dignidade dos sujeitos do campo, a valorizar o seu modelo camponês de produção e de sobrevivência, na busca por uma sociedade igualitária e de justiça social que não se orienta pela visibilidade do lucro, dentre essa via, a soberania alimentar da agricultura familiar camponesa que vem sendo uma das alternativas proposta pelos movimentos sociais populares do campo, como uma forma de enfrentamento à lógica do agronegócio. Assim, o projeto social de educação do campo, em conjunto aos movimentos sociais, prima por um projeto popular de sociedade, em que a educação é um direito e não mercadoria.

Atualmente a Educação do Campo é uma concepção de educação que pensa em sua formação a contextualização do ensino a partir da realidade do educando, a inter/transdisciplinaridade a partir do diálogo com as áreas de conhecimento, e as tecnologias camponesas de produção agrícola, como a agroecologia, pensando justamente nos sujeitos do campo, e se contrapondo a educação rural que se vale de uma educação tradicional e de uma visão reducionista do que é o Campo. “O significado de “campo” e não mais o rural acrescenta à conquista da educação do campo a reflexão sobre o sentido atual do trabalho camponês e das lutas sociais e culturais”. (RIBEIRO, 2013, p. 125). A

educação do campo é uma educação de resistência que junto aos movimentos sociais se faz presente em um espaço de luta na sociedade.

Sendo assim, o ensino nas escolas do campo é um ensino problematizador e infere-se de questões sociais abrangentes no contexto do campo e dos sujeitos que nele vive e os direitos sociais desses sujeitos. Sendo assim, onde a literatura se faz presente nessa problematização? A literatura também abre espaço para questões políticas e sociais, mesmo não sendo de função informativa, pois a literatura pode ser refletida como uma tentativa de compreensão de problemas relacionadas à existência (ALMEIDA, 2013, p. 59), em amplos aspectos, assim como no mundo das artes a literatura pode apresentar em sua linguagem resistências ao que se faz presente na sociedade.

a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 2004, p. 175)

Desse modo, o teórico Antônio Cândido teoriza sobre a literatura através dessa problematização enquanto questão social no sentido em que o direito a literatura é primordial para a formação humana, tendo que se fazer presente nesse processo de formação não podendo ser negada aos sujeitos esse direito. A princípio teoriza sobre os direitos humanos relativos às conquistas humanas e aos problemas materiais e sociais do homem como a distribuição de renda e seu desequilíbrio. Com o olhar crítico social parte para a questão do direito a literatura com o questionamento: a literatura tem para o homem uma necessidade relevante para se instituir como direito? Apresentando essa relevância individual e social, com enfoque social e a má distribuição de renda, assim como outros bens ele argumenta que a literatura pode tornar-se restrita a privilegiados.

[...] é uma necessidade universal imperiosa, e por que fruí-la é um direito das pessoas de qualquer sociedade, desde o índio que canta as suas proezas de caça ou evoca dançando a lua cheia, até o mais requintado erudito que procura captar com sábias redes os sentidos flutuantes de um poema hermético. Em todos os casos ocorre a humanização e enriquecimento, da personalidade e do grupo, por meio de conhecimento oriundo da expressão submetida a uma ordem redentora da confusão. (CANDIDO, 2004, p. 178-179)

É nesse sentido da luta por direitos que convém associar o direito à literatura, posto em Antônio Candido, ao ensino de literatura e as problematizações sociais inferidas da educação do campo. Já que tratam de direitos em relação aos grupos marginalizados da sociedade que ficam a mercê dos privilegiados. Nesse sentido, os povos do campo também fazem parte das maiorias que sofrem com a falta de oportunidades e de acesso aos seus direitos legítimos. O ensino da literatura no campo também é resultado dessas problematizações. Como já foi citado o ensino na escola do campo segue o preceito de partir da realidade de cada indivíduo construindo-se a partir da contextualização do ensino, e no desenvolvimento da formação humana dos sujeitos sociais, e no reconhecimento dos seus direitos.

Assim, o método de alguns professores das escolas do campo no que diz respeito a leitura literária é partir da literatura local para poder chegar a literatura de obras clássicas, chamando assim o aluno da sua realidade para a do mundo, é nesse sentido em que se configura a literatura nas escolas do campo. Mas cabe observar na crítica literária de Cândido que não se pode somente trabalhar com esse tipo de literatura, deve-se tomar muito cuidado para não satisfazer aos interesses dos privilegiados, em restringir o acesso ao literário.

A organização da sociedade pode restringir ou ampliar a fruição deste bem humanizador. O que há de grave numa sociedade como a brasileira é que ela mantém com maior dureza a estratificação das possibilidades, tratando como se fossem compressíveis muitos bens materiais e espirituais que são incompreensíveis. Em nossa sociedade há fruição segundo as classes na medida em que o homem do povo está praticamente privado da possibilidade de conhecer e aproveitar a leitura de Machado de Assis ou Mário de Andrade. Para eles ficam a literatura de massa, o folclore, a sabedoria espontânea, a canção popular, o provérbio. Estas modalidades são importantes e nobres, mas é grave considera-las como suficientes para a grande maioria que devido à pobreza e à ignorância, é impedida de chegar às obras eruditas. (CANDIDO, 2004, p. 186)

A literatura popular não é uma literatura pobre, ao contrário, é uma literatura riquíssima, mas ela não pode ser utilizada unicamente durante o processo de formação, pois se assim for, os sujeitos estarão sendo privados ao acesso de obras literárias e de estarem inseridos na produção estética literária, assim como outros bens que são restritos. O acesso à estética literária é importante para qualquer povo independente da sua classe social. Deste modo, os povos do campo têm o direito de se apropriar da literatura, de

participar desse universo literário de produção e de sentido, aproveitando assim, para utilizá-la como um espaço de resistência, como salienta Almeida (2013):

Um espaço que possibilita uma experiência desviante em relação às normas e às regras de nossa sociedade, uma experiência de resistência às repetições de comportamentos e de pensamentos produzidos pela dinâmica do mundo contemporâneo. (ALMEIDA, 2013, p. 59)

Ao apropriar-se da literatura, os indivíduos têm a chance de se utilizar dela contra as convenções estabelecidas de ordem social, tomando-o como direito e se utilizando dela. A literatura seria, então, uma forma de resistência às palavras de ordem que circulam no nosso cotidiano. Ela tende a subverter a língua maior e a subverter a fala hegemônica. (Idem, p.64). Desse modo, à literatura não é atribuída ao sentido de informatização, mas como uma forma de resistência aos códigos linguísticos e à tradição e, através da leitura, ela possibilita um questionamento das ramificações do poder que nos atravessam. (ALMEIDA, 2013).

Desse modo, conclui-se que a literatura tem um papel importante na sociedade nos espaços que ocupa. A literatura não serve para estar à serviço da utilidade imediata, mas elaborar uma experiência intensa que possibilite o questionamento do mundo e de nós mesmos (ALMEIDA, p. 59). A literatura, também, não serve para reforçar atos repetitivos de uma sociedade mecanizada e de padrões de comportamento elegidos por uma elite predominante, e sim romper, pois se faz livre, e por ser livre, deve-se estender como direito de acesso ao povo e de se utilizar como um bem pertencente de toda uma sociedade.

2.5 A ADAPTAÇÃO DE OBRAS LITERÁRIAS CLÁSSICAS COMO ESTRATÉGIA DE LEITURA.

Uma das formas de compreender o universo do leitor é pensar sobre a recepção dos clássicos de literatura. O estudo dos clássicos por sua vez é imprescindível ao “ensino historiográfico” de literatura comumente presente nas escolas, mas que nos últimos dez anos vêm sendo alvo de críticas pela forma como é conduzida, ao mesmo tempo em que está perto dos alunos, está completamente distante, pois a materialidade dos livros na presença do aluno não faz com que ele esteja de fato adentro de todo um contexto de

desenvolvimento de repertório literário. Os ditos “clássicos” presentes no programa escolar não podem ser substituídos por outros que não tenham a aceitação, ou seja, que não tenham estética comprovada. O cânone literário apresentado, principalmente os originários da literatura, sem uma articulação conceitual e facilitadora da leitura torna-se desinteressante e incompreensível aos alunos, devido à linguagem abordada. Para tanto, uma das possíveis facilitações para a leitura decorre de uma “flexibilização da obra” conceituado de adaptação.

Na contemporaneidade, cada vez mais se ampliam as possibilidades de leituras de um texto, dessa forma, também se ampliam os mecanismos para apropriação e ressignificação das obras literárias, a partir da criatividade e da reinvenção. Desse modo, podemos dizer que as adaptações são tipos de reinvenções que cada vez mais vem ganhando espaço devido às novas configurações da contemporaneidade. Para Mateus (2013, p. 07), em sua tese de Doutorado em Literatura de Língua Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: “a sobrevivência dos clássicos- decorre da sua mediação, junto do público jovem, por parte de produtos colocados no mercado sob a designação genérica de “adaptação”.

Enquanto estratégia de divulgação e promoção do clássico recrutada pelos mecanismos formais de configuração e afirmação do cânone em contexto educativo, a adaptação comporta-se como um instrumento institucional destinado ao prolongamento da tradição literária e da vigência dos critérios de gosto definidos pelo sistema social que a fomenta e em que, como já referi, a escola funciona como agente e locus central. (MATEUS, 2013, p. 23).

Para tanto, a adaptação pode ser analisada a partir da percepção de sobrevivência que corresponde à existência da literatura, das necessidades de aprendizado escolares ou simplesmente como uma forma de atender as demandas de estímulo ao consumo no mercado. Em todo caso, é necessário investigar a validade hermenêutica ou a fidelidade dessa adaptação em relação à obra original, para poder inserí-la em sala de aula.

A configuração destas adaptações como obras com existência separada do original, a sua relação textual com os clássicos de que nascem e para os quais necessariamente reenviam e as técnicas de escrita com que, nessas adaptações, se efetua a apropriação da matéria ficcional de base apontam para uma especificidade deste formato editorial que permite conceptualizá-lo enquanto modalidade dotada de autonomia discursiva e literária. (MATEUS, 2013, p. 23).

Esses outros gêneros representativos da obra original devem ser objeto de investigação para os estudos literários, tendo em vista as novas modalidades de gêneros criadas com as chamadas "adaptações". Assim, por exemplo, a massiva presença das mídias na atualidade, em que novos gêneros surgem através do meio digital, torna-se necessário questionar, do ponto de vista literário, se sua expansão como "adaptações" implicam em substituição da obra original ou se se configuram como auxílio ao clássico. Sobre a configuração destas adaptações afirma Mateus 2013:

Por outro lado, a sua utilização institucionalmente protegida ao abrigo de indicações programáticas que as valorizam e delas se servem, em contexto escolar, como mecanismos de preparação da interpretação dos originais é indicativa do papel que estes produtos são chamados a desempenhar no processo de sobrevivência institucional dos textos de partida no cânone.

A adaptação de clássicos pode contribuir com a formação de leitores desde que aproxime o leitor do texto e, principalmente, da obra originária da adaptação. A escola não pode preservar unicamente as adaptações ao gosto dos aprendizes e dispensar as obras elementares, a adaptação pode e deve se fazer presente em um trabalho de “ via de mão dupla”.

A dentrodo contexto institucional descrito, a adaptação estabelece com a obra canónica sobre a qual é exercida uma relação que se poderia dizer de mútua legitimação [...] como uma forma de mutualismo em que os benefícios são repartidos quase equitativamente pelas duas instâncias intervenientes.(MATEUS, 2013, p. 23).

A adaptação não pode ser meio substitutivo do cânone literário, deve ser, portanto porta de entrada de forma a instigar a leitura, ou, de saída, como forma de reforçar a leitura. Pode também, ser meio para a contextualização do ensino tendo em vista a pluralidade de pensamentos, de cultura, ou de regionalismos sem abandonar o original. A adaptação exige cuidados de análises antes de ser posta em sala de aula, já que não passa pelo crivo da aprovação estética literária, cabendo ao professor analisar a validade literária de tal produção, assim como as características nela trabalhadas. Deste modo, pode ser trabalhada de várias formas, em função do gênero para o qual foi adaptada.

Nesta pesquisa, por exemplo, utilizou-se uma adaptação da narrativa clássica de *Inês de Castro*, da Literatura Portuguesa, no gênero cordel. Tendo em vista as

peculiaridades da cultura do Cariri Paraibano, que possui um histórico de gerações de poetas cordelistas, torna-se de grande importância trabalhar com o cordel na sala de aula, como gênero pertencente da cultura popular e bem patrimonial linguístico das comunidades caririzeiras, juntamente ao pensamento da literatura clássica em um sentido de referência e contextualização trabalhando os variados conhecimentos.

Sobre o enredo adaptado, o trágico romance entre o Príncipe Dom Pedro e a jovem Inês de Castro, muito conhecido entre os poetas, já foi adaptado para outros diversos gêneros como óperas, musicais, poemas e peças de teatro, em diversas partes do mundo.

Difundindo-se cada vez mais, as adaptações podem dar vida às obras desde que sejam trabalhadas com fidelidade ao original. Por exemplo, o cordel “*A história de Inês de Castro ou A dama lourinha que, depois de morta, virou rainha*”, adaptação em forma de cordel criado por Fabio Sombra, escritor, violeiro e cordelista brasileiro, mostra a narrativa clássica da literatura e da história de Portugal de forma vivificada através de versos rimados de cordel.

Sobre a narrativa clássica, conta-se que Inês de Castro e Dom Pedro apaixonaram-se, mas tiveram seu romance interrompido por Dom Afonso IV que, por razões de poder, ordenou que a executassem em Coimbra aproveitando a ausência de Dom Pedro, que fora caçar. As diversas narrativas que registram esse episódio contam que ela implorou piedade do rei em nome dos filhos que teve com o príncipe, entretanto, prevaleceu a influência dos conselheiros sobre a decisão de Dom Afonso. Revoltado com a decisão do pai, depois que assumiu o trono, resolveu punir os culpados do assassinato de Inês, revelando mais tarde um casamento secreto, trasladou o corpo em um túmulo e postumamente a proclamou rainha de Portugal.

Um romance que atravessa séculos, a princípio na língua Portuguesa através da oralidade, seus primeiros registros aparecem com nomes de Fernão Lopes, Garcia de Resende, Antônio Ferreira. Seu episódio também aparece no canto III em *Os Lusíadas* de Luís Vás de Camões e que muito inspira poetas até os dias de hoje, inclusive aos cordelistas.

Sobre a literatura de cordel ou literatura popular em verso no Brasil, conforme Abreu (1999), a sua historicidade iniciou-se a partir do momento em que chegou até nós, no século XVII, via Portugal, durante o início da colonização. Ressalta-se que o que era constituído como literatura de cordel nesse primórdio, modificou-se ao penetrar o Brasil, transformando-se no que hoje conhecemos como a nossa literatura de cordel.

No Brasil, até a década de 1960, sua circulação impressa atingia somente um público seletivo e intelectualizado, que tinha acesso às manifestações literárias e culturais ibéricas. Um longo percurso do gênero até os dias de hoje mostra a resistência do gênero enquanto cultura popular transmitida e perpassada por várias gerações. Hoje é imensurável calcular a riqueza cultural do cordel brasileiro e especificamente na região Nordeste. Portanto, cada vez mais que estudos literários discutem sobre o cordel, mostra-se a relevância do cordel dentro de um contexto cultural e que pode ser expandido através da sala de aula.

3 PRÁTICAS INOVADORAS DE LEITURA LITERÁRIA: ABORDAGEM E METODOLOGIAS ALIADAS À TECNOLOGIA E O JOGO SÉRIO NA SALA DE AULA

3.1 A LEITURA NA ESCOLA E AS NOVAS TECNOLOGIAS

A tecnologia cada vez mais evolui e avança na sociedade causando grandes transformações nos modos de interação social. Apresentando uma série de efeitos positivos e negativos, essas mudanças são tão significativas que cotidianamente podemos sentir o seu impacto. Nos últimos dez anos, a mídia eletrônica vem ganhando cada vez mais espaço na sociedade e a tendência é de que avance cada vez mais com descobertas no meio através de estudos e pesquisas especializadas no assunto.

A tecnologia em suas múltiplas funções nos ajuda a encontrar um local com facilidade e que tenhamos acesso rápido aos diversos tipos de informações, ou que entremos em contato com alguém rapidamente, além da possibilidade de nos comunicar com mais de uma pessoa ao mesmo tempo. Hoje, a tecnologia eventualmente se destaca, em causa, ao impacto da acelerada velocidade de informações. Causando efeitos diversos, como, por exemplo: a acelerada troca de informações fortuitas e o aumento da ociosidade em frente aos aparelhos eletrônicos como, a possibilidade de passar o dia inteiro em frente à tela de um celular ou de um computador, aumentando o número de vezes com quem se fala em um dia de forma aleatória, ou, acessando repetidas vezes as redes sociais, aumentando a frequência de uma atuação mais na vida virtual do que na vida real, além de vícios em jogos eletrônicos.

Esses efeitos podem suscitar de forma lógica problemas já existentes na sociedade, ou criar outros, como, por exemplo, *stalkers*, perseguições, isolamento social, *fakenews*, discursos de ódio, além dos efeitos na saúde, física, psicológica e comportamental. Os distrativos que a tecnologia nos proporciona podem nos afetar de tal maneira conforme Cortella (2018, p. 101) que, se ficarmos distraídos o tempo todo com os múltiplos estímulos que recebemos, acabamos por perder a intensidade das informações, a reflexão sobre as mesmas, perdendo o foco e o sentido do que se deseja fazer, quando a ação pensada possuía um objetivo que se perdeu.

Na verdade, precisamos refletir sobre a realidade. A tecnologia é hoje, sem dúvida, de fundamental importância para se viver em sociedade, uma vez que a rotina do homem é acelerada e necessita da contribuição da tecnologia para se realizar certas ações com mais rapidez. A tecnologia contribuiu e contribui muito com a pesquisa em medicina, com os meios de comunicação, com os meios de deslocamento, com as diversas áreas de conhecimento e investigação. Mas, até que ponto essas contribuições passaram a ser invasivas na nossa vida e na nossa sociedade? O que precisamos é reconhecer a utilidade da tecnologia, refletir sobre ela, e isso implica refletir sobre nós mesmos. Afinal de contas, o que nos leva a passar tantas horas em uma rede social, ou estarmos envolvidos com algum meio eletrônico o tempo todo?

A tecnologia é importante, mas também importa como se usa, para quais finalidades e de como proporciona a utilidade, para poder assim, não se permitir “escravizar” sob ferramentas que mais parecem dominar do que realmente contribuir. A tecnologia, por exemplo, pode ser uma ferramenta durante o processo de ensino aprendizagem desde que a sua necessidade seja refletida antes mesmo de se chegar à sala de aula. Pois eliminando os distrativos, o que sobra é de domínio do professor, em saber como pode ser utilizada em sala de aula a partir de determinados assuntos ou conteúdos, pois não se pode admitir que tais ferramentas de distração sejam utilizadas nos momentos que demandam do aluno atenção e concentração.

Sendo assim, a tecnologia pode ser uma ferramenta para o aprendizado e para o conhecimento, desde que saibamos utilizá-la. Hoje, os estímulos que ela nos proporciona são quase ininterruptos. A grande questão, em torno disso, não é a tecnologia em si, mas seu uso imoderado e aleatório. Na verdade, o que precisamos é de uma educação para as novas tecnologias, pois a tendência é o crescimento desenfreado de muitos efeitos danosos que surgirão além do fortalecimento dos já existentes. Pode ampliar-se também variados efeitos benéficos em diversas situações. O exemplo disso, o estudo com a tecnologia pode auxiliar na resolução de problemas graves da sociedade a curto, médio ou longo prazos. Desse modo, pensar a educação a partir disso significa também ressignificar as práticas na contemporaneidade, na busca de um mundo melhor, em que a tecnologia nos auxilie a transformar o mundo de maneira positiva.

Como já explicitado, hoje, a tecnologia proporciona uma série de atrativos para todos os públicos incluindo crianças, jovens e adultos, como redes sociais, aplicativos, jogos diversos entre outras redes e mídias sociais. A educação precisa estar atenta a isso, ao

surgimento de novos adventos que têm o poder de mudar a vida das pessoas, trabalhando em cima disso de forma a não perder a essência da humanidade, já que a tecnologia tende em parte a distanciar homem e natureza, o homem das suas características em quanto ser humano. Assim, sob qualquer razão a educação não pode perder o seu sentido humanizador, e sim a partir dele, enfrentar os novos desafios.

Pensando nessa problemática a respeito da educação em meio ao avanço da tecnologia que especificamente no campo da linguagem e afunilando para o campo artístico em que envolve a literatura: o que concorre com ou o que promove a literatura? e o que a literatura pode configurar:

Do lado de fora da escola, a literatura vive a história de uma desvalorização social, deslocada na sua função mais básica – proporcionar prazer ao suprir nossa demanda por ficção – pelas novas formas culturais e artísticas propiciadas pela evolução técnica dos meios de comunicação áudio visual e seu poder de intervir na formação dos gostos e do imaginário coletivo. O enfraquecimento da representação social da literatura atinge o espaço escolar e afeta o seu ensino. (GOMES, 2010, p. 02).

Pensar no ensino de literatura hoje compete pensar na instauração de muitos fenômenos que podem influenciar na formação do leitor e, por isso, devem ser levados em consideração, como já mencionado, tais como o currículo escolar, a prática docente, as necessidades individuais e da sociedade, que condicionam o alcance do objetivo último em questão, o da efetivação da leitura literária na sala de aula e na vida. Uma série de ofertas que conseguem prender a atenção de crianças, adolescentes e jovens, e diversos fatores que contribuem com a distração dos alunos, colocam a literatura à risca, à cargo de novos atrativos.

Com a revolução digital, ampliam-se as possibilidades de uso da palavra escrita e os objetos de leitura diversificam-se numa escala inédita. As mídias eletrônicas provocam transformações profundas nos modos tradicionais de apropriação e de compreensão das linguagens. A necessidade de a escola responder às novas demandas de leitura provenientes dessas mídias é outro fator de reconfiguração do lugar da literatura no ensino da língua. (GOMES, 2010, p. 02).

Assim como especifica Gomes, a reconfiguração do lugar da literatura no ensino da língua a partir das novas demandas da sociedade provenientes dessas mídias que nos últimos dez anos vêm resignificando as discussões e objetos de estudo, principalmente, no

que tange a formação do leitor em relação à literatura, acrescento que pode contribuir para a criação de novas metodologias que envolvem as redes e mídias sociais no ensino de literatura como forma de engajamento da literatura não só na sala de aula, mas também no meio digital. Podemos considerar estas como metodologias inovadoras, já que unem as diversas facetas da tecnologia como forma de contribuir no processo de ensino/aprendizagem, tornando-as recursos criativos e produtivos, quando utilizados de forma planejada - e não só na literatura, mas no campo educacional como um todo.

E é por isso que, dentre as perspectivas de enfrentamento dos desafios sociais, a tecnologia pode se aliar a partir da criatividade em um contexto social de inovação, para melhor atender às necessidades pungentes da sociedade e da escola. Evidentemente, os desafios sociais podem ser vários em qualquer tempo e sociedade. No que se trata da educação no Brasil, as necessidades basilares estão entre a aquisição da leitura e da escrita na escola. Em consequência disso, busca-se uma abordagem educacional que conecte as práticas de leitura e escrita na escola com a vivência diária dos estudantes nestes espaços sociais, levando-os a contribuir com a solução de problemas (BARROS; ANDRADE, 2017, p. 107).

3.2 A PLATAFORMA LERATOS E A GAMIFICAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA

Assim como postula a Base Nacional Comum Curricular, do ponto de vista das práticas contemporâneas de linguagem, ganham-se destaque tanto no Ensino Fundamental como no Ensino Médio:

A cultura digital, as culturas juvenis, os novos letramentos e os multiletramentos, os processos colaborativos, as interações e atividades que têm lugar nas mídias e redes sociais, os processos de circulação de informações e a hibridização dos papéis nesse contexto. (BRASIL, 2016, p. 490).

Pensando nesse contexto de informações, nas práticas sociais contemporâneas e nas necessidades dela existentes que professores articularam em um sistema de leitura que alia tecnologia através do jogo e o enfrentamento dos desafios sociais através do engajamento

com a leitura criando a plataforma LerAtos de gamificação da leitura em observância ao poder dos jogos de leitura em ações sociais com o envolvimento digital.

O LerAtos é uma abordagem inovadora de ensino aprendizagem na escola que contribui com o processo educacional utilizando *jogos sérios de realidade alternada* com leitura e produção de textos de teatro, para desenvolver habilidades de leitura e escrita criativas. LerAtos foi desenvolvida na Unidade Acadêmica de Sistemas e Computação (Centro de Engenharia Elétrica e Informática) pelo Atelier de Computação e Cultura da UFCG. Sendo uma meta game personalizado pelo docente para transformar-se em um jogo sério de realidade alternada, no qual jogadores vivem experiências de leitura inovadora em mundos virtuais e no mundo real. (SOUSA 2017)

Essa abordagem utiliza, dentre vários aspectos, uma metodologia que possibilita variadas adaptações, a saber, do professor, contribuindo com o desempenho dos alunos em conteúdos curriculares inter/transdisciplinares, aumentando o nível de engajamento dos estudantes e professores ou, até mesmo, de pessoas da comunidade em ações sociais que dizem respeito a sua própria comunidade:

Nessa abordagem os jogos cauterizam-se por missões vividas partes nos mundos virtuais oportunizados aos jovens no computador e em dispositivos móveis, e parte em palcos do mundo real, nos quais estes jovens estudantes aplicam conhecimentos dos conteúdos curriculares e textos dramáticos para resolver problemas na sociedade. (BARROS; ANDRADE, 2017, p. 115).

Desse modo, através da gamificação da leitura os estudantes são capazes de identificar problemas de pessoas e/ou de instituições da sua comunidade no mundo real, uma vez que, se trata de um jogo que apresenta a possibilidade de que esses problemas possam ser resolvidos com o uso de um conhecimento proposto de forma coletiva que virá possivelmente solucioná-lo a partir da ação dos indivíduos. Todo esse processo ocorre em um ambiente híbrido de aprendizagem que inclui "palcos" construídos a) na sala de aula, b) em um espaço virtual na web e c) no entorno de vivência do estudante (da comunidade).

Nestes espaços durante um período de uma temporada de jogo, os estudantes, apresentados a uma sequência de situações pré-programadas pelo professor, vivem um papel de um personagem representativo de uma experiência problemática, devendo expor de forma oral e expressiva este papel para os demais atores situação, visando adquirir conhecimento para construir, colaborativamente, a solução, aplicando os saberes embutidos no conteúdo curricular e no texto dramático usado, bem como praticando a espiral do conhecimento. (BARROS; ANDRADE, 2017, p. 114-115).

O LerAto pode ser considerado uma ferramenta de criação para novos conhecimentos, assim como, uma forma de enfrentamento dos problemas sociais existentes, trabalhados em temáticas propostas pelo o professor(a) orientador do jogo. O LerAto em sua base original é composto de duas plataformas tecnológicas que podem ser adaptadas pelo próprio professor, por meio de um processo muito simples de *game design* de jogos sérios de realidade alternada, para um tema social complexo escolhido e para um projeto pedagógico específico (BARROS; ANDRADE, 2017, p. 114-115)

O plano metodológico do LerAto permite a gameificação da leitura e segue uma estrutura de apropriação, criação, produção, ação e exposição. Seguindo essa estrutura, o professor pode criar suas próprias versões de jogo, já que a metodologia pode ser adaptada para os diversos tipos de situações. Sobre os recursos utilizáveis que contribuem para a apropriação, criação e produção em que evoluem a mídia e os espaços digitais, em um ambiente de jogo, vejamos:

No ambiente os jogadores estudantes dispõe de recursos de georreferência de toda ação realizada usando o GPS, ferramentas e itens para registro e envio de arquivos de texto multimodal, áudio e vídeo, missões de ação do mundo real, minigames e quizzes temáticos, aplicativos reconfiguráveis para produção artística multimodal (leitura-escrita de texto, gráficos, áudio e vídeo) e feira virtual das obras produzidas pelos jogadores (“comércio” eletrônico de bens culturais). (BARROS; ANDRADE, 2017, p. 116).

Estes recursos ganham uma nova configuração a partir de objetivos estabelecidos em cada jogo, com a ampliação dessas possibilidades, amplia-se também, as possibilidades de leitura e escrita criativas. Das ações que podem ser empregadas no ambiente de jogo através dos comandos do gerenciador com as regras já estabelecidas:

No ambiente Web (site interativo) os jogadores professores e formadores de professores dispõe de um sistema-fábrica de missões para mundo virtuais e para o real, um painel de controle de experiência de jogo, um sistema de informação georreferenciada, um ambiente de capacitação online de jogadores (alunos e professores), uma rede social própria e conexões com as principais redes sociais abertas (face book, instagram, etc.). (BARROS; ANDRADE, 2017, p. 116).

Antes de se iniciar o jogo, para que se tenha conhecimento de determinadas temáticas/problema, é necessário estudar as informações sobre determinados assuntos para que haja o reconhecimento da causa/problema para poder trabalhar sobre ele e aí sim partir para a produção ou ação, sendo também uma forma de motivação para que o aluno se sinta sensibilizado em sua tarefa e procure sensibilizar outras pessoas.

As missões correspondem a atividades específicas leitura que envolvem as práticas de liderança, pesquisa, ensino e extensão, destinadas a criar uma obra multimodal de impacto no tema do problema complexo escolhido, com valor reconhecido para a comunidade envolvida no jogo. Estas obras nascem de uma experiência de leitura de um texto multimodal (texto, áudio, vídeo, etc), que trata do tema escolhido que torna um o leitor também autor, de uma determinada imagem do real que ele constrói- a partir da leitura que fez deste texto. (BARROS; ANDRADE, 2017, p. 116).

Para a produção de textos especificamente nas missões e na leitura ocupam-se os espaços de vivência (escolar, lar, etc.), contextualizando o conteúdo lido e recriando o texto (tarefas de redação) ou criando novos suportes (novas obras em texto, áudio, vídeo, fotos, HQs, etc.) a partir de um texto inicial (Idem, Ibidem). Na finalização de todo esse processo em decorrência do jogo com os conhecimentos assimilados e produzidos, as novas obras ou produtos são expostos para os jogadores e para a comunidade usando-se o recurso da Feira Cultural LerAtos, como culminância de todo o processo e na demonstração dos resultados adquiridos.

Os jogos sérios de realidade alternada vêm ganhando cada vez mais espaço na sociedade contemporânea, pois ultrapassa os limites da ludicidade no processo de aprendizagem sobre um conteúdo curricular. Marcado pelo contexto de inovação associado ao desafio social, o jogo de realidade alternada permite explorar possibilidades de transformação do comportamento humano, com atos de heroísmo como nos típicos jogos convencionais. Com os jogos de realidade alternada busca-se:

[...]criar oportunidades de o jogador romper a fronteira do círculo mágico do jogo e atuar no seu cotidiano de vivências com o desafio social estudado, experimentando o conceito de realidade alternada em que se realiza parte das missões do jogo no mundo virtual da narrativa e parte no mundo real”. (BARROS; ANDRADE, 2017, p. 112).

Explicita-se que o jogo sério pode ser um aliado na sala de aula, já que pode ampliar as possibilidades de construção de conhecimento e de desenvolvimento, nos educandos, de responsabilidades enquanto jogadores. Os jogos e as temáticas trabalhadas não podem ser descontextualizados da realidade da escola e do aluno e, primordialmente, dos conteúdos empreendidos em sala de aula. Todos esses componentes devem ser articulados para atingir resultados satisfatórios por meio da diversão, socialização, interatividade, e dinamismo.

Os jogos têm muito a oferecer se criados para finalidades de conhecimento e efetivando-se de maneira positiva, tendo em vista que, o jogo proporciona motivação para conseguir os objetivos que se deseja, como por exemplo, vencer. A motivação é o estímulo fundamental dos jogos para enfrentar os obstáculos e conseguir a vitória no jogo, e quando essa vitória está relacionada a resolver situações problema é um diferencial que chama a atenção e deve ser valorizada por trazer contribuições à sociedade.

O que vemos com frequência no mundo virtual é uma variação de jogos que motivam as pessoas a agirem no mundo real realizando ações para completar as missões que são proferidas pelo jogo virtualmente, sendo motivados a todo instante a continuarem tentando, mesmo se perderem, sendo que, para passar para a próxima fase é necessário realizar as missões anteriores para poder finalizar o jogo. A realidade da *gamificação* de ações é inerente à realidade social contemporânea, por isso, trazer essa realidade para a escola pode contribuir com a reflexão crítica de ações realizadas pelos próprios estudantes, sendo os mesmos que, muitas vezes, estão sujeitos às armadilhas virtuais, como o “jogo da baleia azul” - um jogo suicida que vitimizou muitos jovens no ano de 2017 e que consistia em desafios distribuídos por um “curador” em grupos fechados de redes sociais. Dessa maneira, refletir sobre determinadas procuras e ações na Web é necessário para evitar tragédias e reconhecer quais são os perigos na internet através de jogos de risco refletindo, sobre as vulnerabilidades na web.

Trazer essa estratégia de jogos de realidade alternada para o campo educativo pode ser uma saída para evitar a sedução dos jovens por jogos que influenciam de forma negativa e violenta na vida dos indivíduos. Além de fortalecer as práticas educativas,

potencializando o conhecimento distribuído no espaço escolar na formação de cidadãos atuantes na sociedade. Por isso, trabalhar com o jogo sério de realidade alternada implica ajudar o aluno a pensar que caminhos seguir e que escolhas fazer, ao se deparar com jogos que incitam qualquer ato criminoso ou a desordem na vida pessoal e social, trazendo sérios riscos de ameaças à vida e a sociedade quando se torna caso epidêmico.

Os jovens precisam ser prevenidos dessa vulnerabilidade que lhes deixam suscetíveis a determinadas exposições, por isso, ressalta-se a importância dos jogos educativos para o uso consciente das mídias e tecnologias sociais, além da sua contribuição no processo de ensino/aprendizagem dos conteúdos escolares. No caso deste estudo, o trabalho com a leitura e escrita criativas, especificamente voltadas para a formação do leitor literário e incentivando a leitura e contribuindo com a sociedade reduzindo as deficiências de leitura e escrita na escola.

Concluimos que a importância de metodologias inovadoras que venham a contribuir para a formação de leitores é crucial para a nova dinâmica que deve ser estabelecida entre o ensino de literatura e contemporaneidade. Assim, a abordagem LerAtos de construção de jogo sério de leitura em realidade alternada, baseada em práticas de leitura inovadora de qualquer obra multimodal, busca promover uma experiência frutiva de educação e leitura. Desse modo, leva-se em consideração o esforço para empoderar e engajar professores e estudantes das comunidades por meio da "leituração", pensando justamente na formação de leitores em experiência com a literatura.

4 METODOLOGIA

Essa sessão trata da metodologia adotada em que aborda o tipo de estudo, os instrumentos de coleta de dados, e os procedimentos da pesquisa. Para tanto, a investigação dos impactos sobre a prática da leitura literária através de metodologia que utiliza jogo sério em sala de aulas e deu com a pesquisa-ação. Esse tipo de pesquisa, semelhante à pesquisa participante, consiste em uma “metodologia para intervenção, desenvolvimento e mudança no âmbito de grupos, organizações e comunidades”. (GIL, 2010, p. 42). Para tanto, essa investigação buscou intervir para conseguir resposta da problematização do objeto de pesquisa com a aquisição de conhecimentos claros, precisos e objetivos. Tendo em vista que a pesquisa-ação tem “características situacionais, já que procura diagnosticar um problema específico numa situação específica, com vistas a alcançar algum resultado prático” (NOVAES, GIL; 2009, p.143).

A pesquisa é importante, pois ela permite descobertas que podem solucionar problemas que afetam a sociedade como um todo. Também é importante por estabelecer ou descobrir caminhos metodológicos que contribuem na geração de novos conhecimentos. A pesquisa pode ser definida segundo Gil (2010, p. 01) como procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. Desse modo, o trato com a pesquisa define a veracidade das informações, uma vez que, os procedimentos exigem que tal fidelidade na pesquisa seja respeitada. Já que:

a pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder tal problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema (NOVAES, GIL; 2009, p. 01).

Está também relacionada com a aquisição de saberes, já que a pesquisa geralmente parte dos questionamentos sobre determinadas situações ou problemas, e com isso se fundamenta, se coleta dados e analisa na tentativa de se solucionar problemas ou de testar hipóteses gerando novos conhecimentos. Como cita Gil (Idem, Ibidem), a pesquisa desenvolve-se ao longo de um processo que envolve fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados. Já para Marconi e Lakatos (2011, p.03):

Toda pesquisa deve basear-se em uma teoria, que serve como ponto de partida para a investigação bem sucedida de um problema. A teoria, sendo instrumento de ciência, é utilizada para conceituar os tipos dados a serem analisados. Para ser válida, deve apoiar-se em fatos observados e provados, resultantes da pesquisa.

A base científica se sustenta na relação teoria e prática, através do desejo de cada vez mais se adquirir conhecimentos. E dessa forma a educação também se alia à pesquisa, pois a partir dela o profissional da educação possuirá o alicerce para encarar os desafios e enfrentá-los, transformando-os em resultados positivos e até mesmo solucionando-os. O que é muito importante, pois a educação lida com a formação de pessoas preparando-as para o futuro e ingressando-as no campo do conhecimento sistemático e científico. A pesquisa e a educação são lados complementares do conhecimento, tanto para a sua produção como para sua difusão.

No caso do presente estudo, a pesquisa-ação se fez necessária e pertinente, uma vez que um dos nossos objetivos incluem, além de analisar as prescrições curriculares para o ensino de literatura e analisar a prática docente quanto ao ensino de literatura, o de realizar uma intervenção pedagógica com jogo literário, investigando os possíveis impactos desta na formação leitora.

4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para responder aos objetivos previstos nesta pesquisa, fizemos uso dos seguintes procedimentos metodológicos:

4.1.1 Análise documental

A pesquisa documental valoriza o caráter da pesquisa, pois se caracteriza, antes de tudo, na busca de fontes confiáveis para a realização da pesquisa, sendo que a partir dessas fontes é que se realizam as análises. A pesquisa documental vale-se de variados documentos, elaborados com finalidades diversas e sem tratamento analítico, como: documentos oficiais, autorizações, cartas, entre outros. Para tanto, essa investigação foi

delineada com a orientação da análise documental, com consulta de documentos públicos como decretos legislativos e documentos curriculares, na busca de informações que foram julgadas pertinentes ao tema deste estudo. Por tanto, essa pesquisa valeu-se de fontes primárias de documentos que norteiam a educação na atualidade e que orientam as práticas docentes no ensino de literatura nas escolas públicas, sendo analisados de acordo com o objetivo da pesquisa, os documentos legais: Lei da Reforma do Ensino Médio de nº 13.415/17 e a Base Nacional Curricular Comum (BNCC).

4.1.2 Entrevista semiestrurada

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional (MARCONI; LAKATOS, 2011, p. 80). A entrevista é um meio de coletar dados contribuindo com o pesquisador se conduzida de forma que atenda a objetividade da pesquisa. Assim, o pesquisador sempre necessitará ser o mais objetivo possível e atentar-se ao processo da entrevista, caso contrário precisará elaborar outras alternativas para a obtenção de dados, embora o objetivo principal da entrevista é “a obtenção de informações do entrevistado, sobre determinado problema ou assunto” (MARCONI; LAKATOS, 2011, p.81). Dessa forma, as perguntas da entrevista realizada foram elaboradas a partir do referencial teórico para atender ao objetivo da pesquisa, utilizando-se de um roteiro contendo 11 perguntas, todas respondidas pela professora de Língua Portuguesa da Escola Maria Balbina Pereira.

4.1.3 Observação

A técnica também escolhida foi a observação sistemática, pois neste tipo de observação “o observador sabe o que procura e o que carece de importância em determinada situação” (MARCONI, LAKATOS, 2011, p. 78). Desse modo, na observação também se estabelece critérios para atender aos objetivos pretendidos. Como, por exemplo, identificar apenas os aspectos que forem relevantes à pesquisa, com a elaboração de um plano de observação. Assim, para o registro da observação dessa pesquisa foi utilizado caderno de campo e o registro fotográfico. Foram observadas 12 aulas da professora de Língua Portuguesa, antes da realização da intervenção.

4.1.4 Questionários

O questionário é um dos instrumentos mais utilizados em pesquisas por se tratar de uma técnica de investigação direta e objetiva. Por tanto, nessa pesquisa foram elaborados e aplicados dois tipos de questionários:

4.1.4.1 *Questionário fechado final com os alunos*⁴

O questionário fechado final de avaliações de impacto contém 12 perguntas elaboradas conforme a metodologia utilizada seguindo o objetivo principal da pesquisa. Esse questionário foi respondido pelos 12 alunos, tendo em vista que, 3 deles não participaram de forma efetiva da pesquisa. O que implica uma variação de 3 entre SIM E NÃO no resultado do questionário da pesquisa apresentada a seguir nos quadros na análise dos resultados.

4.1.4.2 *Questionário aberto com a professora ao final da pesquisa*⁵

Ao final foi realizado um questionário aberto com a professora com o objetivo de sondar avaliação de impacto sob a perspectiva docente.

4.1.5 **Intervenção da pesquisa-ação: realização do jogo sério com os estudantes da turma e procedimentos para coleta de dados.**

A intervenção da pesquisa-ação foi orientada através de um roteiro de atividades que continha em seu planejamento todas as atividades que seriam realizadas em toda a trajetória da intervenção e que foi elaborado após a realização da entrevista com a docente da disciplina de Língua Portuguesa. Esse roteiro sofreu alterações de acordo com as

⁴Foram realizados dois questionários com os alunos: o primeiro foi o questionário do aluno inicial e final e o segundo de avaliações de impacto no final da pesquisa. Somente foi utilizado para análise dos resultados o questionário de avaliação de impacto, sendo que, o questionário do aluno foi utilizado como diagnóstico sobre o conteúdo.

⁵O questionário aberto com a professora ao final da pesquisa estará disponível no anexo. Será encontrado no questionário o nome de estagiária ao invés de pesquisadora, uma vez, que a pesquisa foi realizada no mesmo período de estágio.

demandas da escola, por tanto, o roteiro elaborado segue com as seguintes propostas e etapas:

I - Momento

- Contextualização sobre o que é leitura: a contextualização da leitura serve para ressaltar o valor imprescindível que possui, para refletirmos sobre o que é leitura, para que serve e porque precisamos de uma sociedade leitora.
- Apresentação do gênero miniconto: a Apresentação do gênero miniconto busca revelar aos alunos um modelo de produção de texto literário. Assim, ao reconhecer o gênero o aluno tornasse capaz de produzir com a estrutura já explorada anteriormente.
- Disponibilização de minicontos de romance e de temas variados para leitura e apreciação.

II - Momento

- Lançamento do jogo *Inês & Nós* como ferramenta para a realização das atividades que serão desenvolvidas.
- Socialização, interpretação, e apreciação da obra *Inês de castro*, com leitura silenciosa, e leitura dramatizada.
- Discussão da obra a partir das temáticas presentes na sociedade, sobre os personagens, destacando suas atitudes e ações no enredo.
- Produção de minicontos com versões criadas a partir da obra *Inês de Castro*.

III- Momento

- Atividades a partir do Jogo *Inês & Nós* com o lançamento da missão social.
- Reescrita dos minicontos (correções).
- Os minicontos deverão ser registrados em forma digital e enviados para a quinta do amor infinito, um espaço na mídia digital utilizado para a realização do jogo, utilizando uma rede social, o *Face book*.
- Socialização no meio digital com o lançamento da missão: conquista de leitores/ conquista de *likes*.

IV- Momento

- Culminância um momento de festividade em que haverá a premiação de quem conseguiu realizar a missão social do Jogo *Inês & Nós*.
- Todos compartilham os resultados suas missões de leitura em torno da história de Pedro e Inês, e realizam leituras em voz alta das suas versões da história de Inês, reescrito no formato de miniconto.

4.1.6 Análise dos resultados

Os dados foram analisados a partir da caracterização temática, das observações das aulas, análise da entrevista e dos resultados da intervenção realizada com o jogo sério e a abordagem LerAtose o questionário de avaliação de impacto.

4.2 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Esta investigação está ciente da importância em considerar a Resolução do Ministério da saúde 4666/12 do Conselho Nacional de Saúde, de que as pesquisas no âmbito da Ciências que lidam com seres humanos, devem estar submetidos à aprovação do comitê de Ética em Pesquisa. Para tanto, fez-se uso do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido contendo os objetivos da pesquisa, a não obrigatoriedade em participar da mesma e o anonimato da participante, que foi entregue e assinado pela professora entrevistada.

4.2.1 Caracterização da comunidade⁶

A comunidade de Santa Luzia do Cariri pertencente ao Município de Serra Branca cidade do cariri paraibano, se localiza no centro da microrregião dos Cariris Velhos da Paraíba, em uma superfície de 1.034 km², ocupando o 8º lugar em extensão do Estado, o que corresponde a 4,4% da Microrregião, e se distanciando da capital 240 km e de Campina Grande 110 km. A comunidade conta com uma população estimada de 1.500 habitantes, caracterizando-se como uma comunidade rural.

⁶ As informações dos subtópicos: caracterização da comunidade e caracterização da escola Maria Balbina Pereira, foram retiradas do Projeto Político Pedagógico da própria escola.

A região teve como primeiro habitantes os índios Sucurus, pertencentes ao grupo Tarairus, que faziam parte da tribo Cariri e descendentes dos índios Tabajara. Esses povos eram nômades, pois não tinham habitação fixa e abandonavam os lugares quando lhes faltavam recursos naturais. Alimentavam-se das coletas de caça e habitavam principalmente os montes, morando em locas.

A história do Distrito de Santa Luzia do Cariri se inicia com a ocupação do território por volta 1904, quando três (03) moças da família Rodrigues: Águia Luzia, Joana e Joaquina, Saíram de Jurema lugar situado no Brejo paraibano e habitaram nossa terra. O que se sabe é que a vinda delas foi motivada pelo medo de grupos de Cangaceiros que rondavam naquela região do Brejo. Por pertencerem a Igreja Católica Apostólica Romana, trouxeram consigo várias imagens de escultura em oratórios, e dentre elas, havia a imagem de Santa Luzia.

Religiosas, sempre rezavam novenas em suas casas que ficavam localizadas a Oeste do Distrito, tendo hoje como ponto de referência, a barragem do Sr. Veríssimo Campos. Posteriormente, resolveram construir uma capela e puseram Santa Luzia como padroeira. O que se sabe é que com o passar do tempo as senhoritas sentiram a necessidade em dar um nome a este povoado, assim chamando-o de Santa Luzia do Cariri, em homenagem à santa; Cariri por estar localizada nos Cariris Velhos da Paraíba.

Logo após a essa ocupação, estabeleceram-se outras famílias como: a família Sebastião e Pilé. Em 1922, foi doado o patrimônio de Santa Luzia do Cariri pelos senhores: Manuel Rodrigues Pequeno, Manoel Rodrigues dos Santos e Manuel Sebastião de Melo. Essas faixas de terra tinham uma dimensão de 120 braças de comprimento por 80 braças de largura.

As principais atividades econômicas e produtivas da cidade advêm da agricultura de subsistência: milho, feijão, criação de caprinos e ovinos. Há Programas do Governo Federal como, Bolsa Família, seguro Safra. Algumas pessoas são funcionárias do município e do estado, além de pensionistas do INSS. Outras famílias se mantêm de pequenos empreendedorismos nos setores do comércio como: mercadinhos, lojas de material de construção, loja de montagem de móveis planejados, loja de roupas e de utensílios domésticos.

4.2.2 A Escola Maria Balbina Pereira

A escola E.E.F.M. Maria Balbina Pereira se localiza no distrito de Santa Luzia Do Cariri no Município de Serra Branca-PB, na Rua Maria Balbina Pereira s/n. Foi fundada em 30 de Setembro de 1931, recebendo este nome devido a uma homenagem a Senhora Maria Balbina Pereira, uma pessoa que era muito influente na comunidade por ser parteira. Natural do município de Serra Branca, nasceu em 1910 e faleceu em 1981.

Essa escola possui vinculação com estado, contendo hoje 13 professores, sendo 07 efetivos e 05 contratados, 07 funcionários, 119 alunos distribuídos em um total de 09 turmas, sendo 07 turmas de ensino regular, Fundamental e Médio, 02 turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA). A instituição atende ainda a alunos dos Distritos de Santa Luzia do Cariri e Sucuru, e dos Sítios: Sussuarana, Riacho do Buraco, Marias Preta I, Marias Preta II, Barriguda, Boa Vista, Salão, Ingá, Angico, Pé d Serra, Cacimba Nova, Quixaba.

Sobre o funcionamento da escola estadual, esta se encontra em atividade em dois turnos, pela manhã divide o espaço com a escola municipal em um acordo feito entre o Estado e o Município sobre o prédio, no período da tarde funcionam 7 turmas no horário de 13h00min às 17h45min, e à noite as turmas de Educação de Jovens e Adultos das 18h00min às 21h45min.

A escola possui um total de 12 salas, sendo somente 09 salas de aula. Possui banheiros, almoxarifado, e biblioteca, e um pátio localizado entre as salas no sentido frente da escola. Uma observação a ser feita é que a biblioteca, a sala de direção e a sala dos professores funcionam no mesmo espaço, assim como a sala da auxiliar de secretaria funciona no Laboratório de Informática, onde deveria ser um espaço para alunos se informatizarem, e a biblioteca um espaço para alunos lerem, concluímos que essas improvisações de salas podem contribuir para a falta de interesse dos alunos em buscar a biblioteca no cotidiano escolar devido à movimentação na biblioteca que deveria ser um espaço silencioso.

Possui também 04 laboratórios que são, Laboratório de Informática, Laboratório de Biologia e Ciências, Laboratório de Matemática, Laboratório de Química e Física. Os três últimos laboratórios não possuem espaço físico, o que implica que por não terem salas adequadas para a exposição e conservação desse material, muitas vezes este material fica

guardado em armários. Não sabemos se os professores utilizam esse material em sala de aula e se são disponibilizados para os alunos.

Em relação à estrutura física, a escola se encontra em condições de funcionamento, porém a iluminação e a ventilação deixam um pouco a desejar para um espaço de ensino adequado, conforme a estrutura em que é construída. As salas em sua maioria são pequenas, as turmas ficam em condições de aperto na sala de aula, assim necessitando de uma reforma que amplie o espaço escolar. Além de ter condições limitadas sobre acessibilidade, possuindo apenas uma rampa na entrada da escola, também não possui refeitório, auditório, nem quadra poliesportiva, sendo utilizada a quadra municipal para as aulas práticas de educação física. Essa quadra não é adequada, por não ser coberta, e os horários das atividades de educação física são realizadas ao sol, causando cansaço e pouca produtividade aos alunos.

No que diz respeito aos recursos materiais, a escola possui 02 data show, 04 TV, 12 computadores de mesa (total), com caixa de som, e impressora. Todo material digital é utilizado no espaço escolar inclusive na sala de aula como TVS, aparelho de DVD, ou data show. Com isso, é possível concluir que a escola é bem equipada de recursos materiais, mas infelizmente por falta de espaço físico muitas às vezes, esses materiais se tornam inutilizáveis, ficando estocados em armários como, por exemplo, o material dos laboratórios.

A escola possui funcionários que realizam dupla função como, por exemplo, a coordenadora é também secretária escolar, a técnica de informática é também auxiliar de secretaria, e quando necessário realizam trabalhos em conjunto. No que diz respeito à direção da gestão escolar, o diretor diz ter formação na área da educação, porém diz se identificar com a gestão escolar.

4.2.3 Participantes

Os participantes deste estudo foram alunos (a) do 3º ano do Ensino Médio e a professora de Língua Portuguesa da Escola Pública Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria Balbina Pereira do Município de Serra Branca localizado no Cariri Paraibano. A turma possui matriculados 12 alunos, sendo 06 do sexo feminino e 06 do sexo

masculino. Parte da turma é pertencente à comunidade rural e a outra à comunidade urbana dos distritos de Santa Luzia do cariri e Sucuru, ambos do município de Serra Branca.

Já a professora é formada pela Universidade Estadual da Paraíba em Letras Português desde o ano de 2011. Possui especialização em Direitos Humanos pela Universidade Federal da Paraíba e alguns cursos de formação continuada: Educação para o Transito; Educação social e emocional; formação do Programa Qualiescola; e cursos de Língua Inglesa. Seu primeiro trabalho lecionando foi na escola José Gonçalves de Queiroz após esta escola nos anos seguintes, conseguiu um contrato na Escola Maria Balbina Pereira, lecionando em duas disciplinas: Língua Portuguesa e Língua Inglesa, tendo, majoritariamente, aulas de língua inglesa. No ano de 2018, foi aprovada no concurso estadual, continuou trabalhando, como professora efetiva na disciplina de Língua Portuguesa.

5 ANÁLISE DOS DADOS DE PESQUISA

5.1 PRESCRIÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO DE LITERATURA NA ESCOLA: BNCC E REFORMA DO ENSINO MÉDIO.

Os documentos curriculares como já dito anteriormente, são importantes para se estabelecer as orientações da educação e do ensino nas escolas públicas. Embora, apresente legitimamente recortes dos conhecimentos científicos, culturais, humanístico e linguístico como especifica Arroyo (2011), deve contemplar na formação do indivíduo os conhecimentos pertinentes para formar cidadãos habilitados em todas as áreas de conhecimento, ofertando múltiplas escolhas a partir da complexidade de orientações existentes em seus documentos. As propostas pedagógicas de um currículo devem pensar, ainda, a formação dos sujeitos que na sociedade constituem as singularidades que exigem a heterogeneidade na formação curricular, por isso, a população deve ser a maior beneficiada com um currículo elaborado para formação de sujeitos críticos e transformadores da sociedade.

Mas, os documentos curriculares também podem ser entendidos como uma forma de fixar valores de forma autoritária, ao mesmo tempo, que, podem ser excludentes. Sendo avaliado como instrumento de poder que legitima as intenções de determinados segmentos que detém o poder na sociedade, os documentos norteadores podem ser construídos e influenciados de acordo com quem o prescreve e que tem suas intenções perante o ensino, podendo ser implementados a custo da imposição. Além disso, um currículo atende ou define as concepções de homem e de sociedade, que delinea o tipo de conhecimento a ser distribuído. E por isso, muitas vezes, o currículo construído e instituído necessariamente não parte das necessidades da sociedade e do diálogo com a mesma, mas, de quem quer determinar que modelo de ensino deve ser instituído a sociedade.

Desse modo, pode estar presente nos documentos curriculares: contradições, omissões, e diferentes significados resultados de todo um processo, que, chegado ao seu objetivo final pode haver ainda diferentes interpretações. Decorrentes dos efeitos produzidos durante o seu percurso de criação, implementação e execução em meio às intenções e julgamentos de quem o prescreve e de quem o analisa. E ainda, embora, criticados no seu percurso, podem ser estabelecidos sem consulta à sociedade ou aos profissionais da área reforçando o interesse dos segmentos interessados. Por isso, a análise

dos documentos curriculares que norteiam o ensino é crucial para sabermos a que propósitos de educação atendem e como influenciam diretamente na sala de aula já que a partir dele a escola realiza a escolha de conhecimentos a serem partilhados.

Com base nesse entendimento sobre currículo atualmente nos deparamos com uma reforma do ensino médio que institui a *Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral (EMTI)*. Lei de nº 13.415 sancionada em 16 de fevereiro de 2017 pelo Presidente Michel Temer e que se concretiza a partir da segmentação das disciplinas por áreas de conhecimento, implementação do ensino gradual e o aumento da carga horária para alunos e conseqüentemente para professores. As novas diretrizes para o ensino médio apresentam algumas orientações em que flexibiliza o conteúdo e divide as disciplinas em obrigatórias e opcionais e exclui a obrigatoriedade das disciplinas de filosofia e sociologia do currículo, além da flexibilização da contratação de professores através do “notório saber”.

Sobre as novas orientações, em artigos já publicados uma crítica em relação aos impactos e conseqüências que essa reforma acarretará, não somente nas futuras gerações de estudantes do Ensino Médio, mas em todos os atores envolvidos no cenário educacional (Neto; Lima, 2018). Além das razões da implementação da reforma do ensino médio que é a alegação do governo de melhorar o desempenho dos estudantes do ensino médio do Brasil, no qual se verifica que tais argumentos, “sejam para defesa ou refuta, em alguns momentos não se sustentam, e que a confirmação, de que a reforma resolverá ou não os problemas do ensino médio aconteceram somente com o decorrer do tempo, não será possível afirmar categoricamente que terá êxito ou fracassará”. (BALDI; FACINI, 2018).

Entende-se que não se implanta uma reforma sem antes analisar e saber a dimensão dos seus resultados futuros. Não se deve esperar um projeto fracassar para saber que não deu certo, e sim, com base em experiências já obtidas na história da educação é que se pode avaliar o que pode ser melhor feito. É necessário dialogar com especialistas e profissionais da área para melhor prescrever as diretrizes orientadas dos currículos. Além disso, proporcionar somente uma reforma para o ensino médio mostra a despreocupação do governo com as bases do conhecimento, em que maior parte das dificuldades e deficiências dos alunos no processo de ensino aprendizagem do ensino médio vem desde a base escolar, o ensino fundamental.

O que vem sendo defendido entre os docentes é que a proposta irá precarizar o ensino médio, pois apresenta contradições e suas medidas não apresentam algo que seja

inovador e beira ao regresso em comparação a outras medidas já implementadas no Brasil ao longo da história da consolidação do ensino médio. As críticas ao documento durante o percurso da sua criação e da sua aprovação é o fato de que a reforma foi feita por meio de medida provisória, sem debates com professores, alunos, especialistas ou a sociedade em geral. Entre outros fatores, desconsidera a precarização de muitas escolas do país que não comportam a capacidade de uma medida que estabelece ensino integral, apesar da liberação de verbas para essas adaptações o governo estabeleceu um curto prazo para essas mudanças, o que também gera impactos imediatos, afetando possivelmente os resultados.

Ainda em debate entre os professores o trecho do documento que diz que será permitida a contratação de professores sem diploma, que tenham “notório saber”. Gera um desconforto na classe docente, pois o seu cumprimento lhes retiram o status de profissionais em pleno exercício, o que quer dizer que dá abertura para uma escola cada vez mais sucateada e ausente de trabalhadores competentes e qualificados. Deste modo, os professores que lutam por melhorias enquanto categoria serão fragilizados por essa abertura que flexibilizará para a contratação de profissionais não qualificados.

A reforma do ensino médio depende ainda da implementação da Base Nacional Curricular Comum (BNCC), que servirá como orientação para os currículos de todas as escolas públicas e privadas do país. A BNCC foi aprovada pelo Conselho Nacional da Educação (CNE) no dia 14 de dezembro de 2018 e estabelece um currículo baseado em Itinerários formativos, com a formação por áreas de conhecimento. Além disso, as observações são de que apenas as disciplinas de Matemática e Português terão carga horária obrigatória nos três anos do ensino médio; e os demais conhecimentos poderão ser distribuídos ao longo destes três anos (seja concentrado em um ano, ou em dois, ou mesmo em três). E os currículos estaduais devem ser adaptados e implementados até o início das aulas de 2022.

A BNCC tem como base legal a Constituição Federal de 1988, sendo uma exigência colocada para o sistema educacional brasileiro pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996; 2013), pelas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica (Brasil, 2009) e pelo Plano Nacional de Educação (Brasil, 2014). A base define o conteúdo mínimo que os estudantes de ensino médio de todo o Brasil deverá aprender em sala de aula, e deve ser implementada em cada estado conforme as realidades locais.

Dentre as áreas de conhecimento que compõe o novo currículo tem-se área de linguagens e códigos. E é especificamente nessa área que se encontra a disciplina de

Língua Portuguesa e as orientações sobre o ensino de literatura. Estreitando a discussão para tratarmos sobre o ensino de literatura o novo currículo apresenta mudanças com vista na atualidade e nas práticas contemporâneas, preocupando-se com a formação de leitores. Em relação à literatura, a própria BNCC critica o modelo de ensino que vinha sendo empregado nos últimos anos e que vinha por sua vez, deixando de lado a preocupação com a formação do leitor:

Em relação à literatura, a leitura do texto literário, que ocupa o centro do trabalho no Ensino Fundamental, deve permanecer nuclear também no Ensino Médio. Por força de certa simplificação didática, as biografias de autores, as características de épocas, os resumos e outros gêneros artísticos substitutivos, como o cinema e as HQs, têm relegado o texto literário a um plano secundário do ensino. Assim, é importante não só (re)colocá-lo como ponto de partida para o trabalho com a literatura, como intensificar seu convívio com os estudantes. (BRASIL, 2016 , p. 491)

Esse trecho deixa clara a crítica sobre a secundarização do texto literário no ensino de literatura por outras fontes que relegam a primazia do texto. A efetivação dessa prática relega também, dessa forma, o papel principal da literatura. Deixando de lado, o pleno exercício da leitura do texto literário por uma substituição pouco ativa de leitura, perdendo a familiarização com a leitura e do principal objeto ofertador dessa leitura, a obra. E dessa maneira, perde-se a fruição da leitura desse texto, a interpretação, a apreciação, e a experiência com o próprio texto literário.

Em sequência a Base Nacional Comum Curricular explora brevemente a importância da literatura mais no âmbito individual do que social, uma vez que, no âmbito social a literatura contribui para que os indivíduos se desenvolvam criticamente político, econômico e socialmente. Enquanto no aspecto individual, a literatura tem mais a ver com o desenvolvimento cognitivo do indivíduo. Sabemos que um currículo deve levar em conta a formação crítica do aluno que está inserido em sociedade, em qualquer área de conhecimento, e não reduzir suas orientações a um único aspecto formativo em determinada área. E a literatura como manifestação artística deve ser formativa nos dois âmbitos, tanto no individual como no social, pois se desenvolve dentro de um contexto histórico que exige a interpretação para além do texto literário.

Como linguagem artisticamente organizada, a literatura enriquece nossa percepção e nossa visão de mundo. Mediante arranjos especiais das palavras, ela cria um universo que nos permite aumentar nossa capacidade de ver e sentir. Nesse sentido, a literatura possibilita uma ampliação da nossa visão do mundo, ajuda-nos não só a ver mais, mas a colocar em questão muito do que estamos vendo/vivenciando. (BRASIL, 2016, p. 491.)

O trecho acima é o único do documento que trata sobre a importância da literatura e de forma muito resumida discute sobre as visões de mundo que a literatura pode proporcionar nas construções individuais de um leitor. Sem citar a articulação com o passado, as visões de mundo ampliadas a partir do que se vivencia em contato com a literatura geram questionamentos para o que se vivencia no momento, sem referenciar a contextualização histórica, já que as relações que a literatura constrói perpassam a língua e sua organização, estabelecendo inter-relações entre os âmbitos individual e social e que exigem uma compreensão para além do texto literário.

Ainda sobre as orientações do documento no que se refere à literatura, define-se a progressão das aprendizagens e habilidades através de eixos de integração propostos para área de conhecimento, além das dimensões, habilidades gerais e conhecimentos considerados, e que são também, os mesmos para toda a área. Especificamente tratando sobre a literatura a respeito da progressão das aprendizagens e habilidades estudos já realizados sobre o documento citam a inversão da progressão do ensino de literatura, em que o aluno transita entre a literatura contemporânea ao mesmo tempo em que à literatura do século XVI, por exemplo.

Ainda mais, para o currículo do ensino médio o próprio documento enfatiza que não há indicação de anos na apresentação das habilidades, com a justificativa de que não só em função da natureza mais flexível do currículo para esse nível de ensino, mas também, pelo grau de autonomia dos estudantes, que se supõe alcançado desde o ensino fundamental. Deixando a critério da rede de ensino e a escola de organizar localmente as sequências e simultaneidades. Para tanto, no que diz respeito ao repertório literário com ênfase no que foi citado sobre a inversão da progressão do ensino de literatura, destaca-se no documento.

a ampliação de repertório, considerando a diversidade cultural, de maneira a abranger produções e formas de expressão diversas – literatura juvenil, literatura periférico-marginal, o culto, o clássico, o popular, cultura de massa, cultura das mídias, culturas juvenis etc.– e em suas múltiplas repercussões e possibilidades de apreciação, em processos que envolvem adaptações, remediações, estilizações paródias, HQs, minisséries, filmes, vídeo minutos, games etc.; (BRASIL, 2016, p. 491.)

De forma atualizada podemos perceber que a BNCC se preocupa em citar a mídia digital entre outras as formas de linguagem contemporânea na contextualização do ensino de literatura apresentando opções variadas. E como já mencionado, os campos de atuação social propostos para contextualizar as práticas de linguagem no Ensino Médio em Língua Portuguesa em que está inserido a literatura correspondem aos mesmos considerados pela área, que são: o campo da vida pessoal; campo artístico literário; campo das práticas de estudo e pesquisa; campo jornalístico midiático; campo de atuação na vida pública; em cada campo referido há orientações de como deve desenvolver-se os estudos de literatura.

Dentro do campo artístico e literário as orientações seguem na busca da ampliação do contato e a análise mais fundamentada de manifestações culturais e artísticas em geral. Assim, faz a defesa da continuidade da formação do leitor literário, permanecendo o estudo dos clássicos e o trabalho com os diversos gêneros que estejam vinculados à apreciação dessas produções ou a apropriação delas, mas não exigindo a escrita literária como foco formativo no componente da língua Portuguesa.

Podemos analisar que a Base Nacional Comum Curricular apresenta um pequeno avanço em algumas discussões que se referem ao ensino de literatura, tratando-se da formação do indivíduo, atendendo as necessidades da contemporaneidade, com o foco formativo no sujeito leitor e centralidade no texto literário. Porém, o documento não explora no campo social de como se dão as manifestações literárias na formação do indivíduo inserido em sociedade atuando de forma crítica na transformação de seu contexto social. Afinal de contas, a literatura não se restringe a um trabalho com gêneros literários ou digitais, o contrário, a literatura se amplia cada vez mais, quando essas possibilidades lhe são perpassadas. A presença da literatura na formação do sujeito leitor e na sociedade é de fundamental importância e precisa ser mais bem enfatizada.

5.2 DADOS DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA: COMPREENDENDO AS PRÁTICAS DE ENSINO A PARTIR DA PERSPECTIVA DOCENTE.

No dia 11 de novembro, realizamos uma entrevista com a professora titular da disciplina de Língua Portuguesa da turma do 3º ano do Ensino Médio. A entrevista continha onze questões abertas referentes ao ensino de literatura. As questões foram desenvolvidas com base no referencial teórico explorado, tratando-se de formação docente, metodologia, e a importância da leitura literária na sala de aula. A entrevista foi gravada, permitindo à professora se sentir a vontade para responder as questões propostas.

Na entrevista inicialmente a professora nos descreveu sua formação: licenciada em Língua Portuguesa, com foco em estudos de gramática, leitura, interpretação e literatura. Porém destacou ter dificuldade em trabalhar com a literatura, pois não cursou literatura no ensino médio por falta de oferta. Apenas tendo contato com a literatura na universidade, sentindo dificuldades pela ausência de conhecimentos que deveriam ter sido assimilados durante o ensino médio. Em seguida disse que depois de formada começou a lecionar Língua Inglesa, e por isso, por muito tempo, suas aulas foram voltadas para o ensino de Língua Inglesa, não tendo tempo de se desenvolver ou de desenvolver projetos e aulas sobre literatura. Sendo que há pouco tempo leciona a disciplina de Língua Portuguesa devido à aprovação no concurso público. E somente depois de assumir a disciplina é que passou a se dedicar passando a ter mais tempo para buscar conhecimentos, considerando que o ensino de literatura é bom e uma forma de aprendizado interessante, onde os alunos são colocados em situações de leitura.

A essa fala da professora sobre desenvolver-se em relação à literatura refletindo que deveria ter tido mais tempo para se aprofundar, tendo em vista a sua deficiência no ensino médio e que afetou sua formação no ensino superior, considerando pouco seu conhecimento para o que se é exigido por um professor de língua portuguesa e literatura, podemos atribuir tal reflexão:

Quando se trata de literatura, de promovê-la na escola ou em outro lugar, ou quando se discute a experiência do professor como leitor, é importante ter presentes os diversos estágios por que passa um leitor, por que a formação não se dá de uma só vez, nem de modo único ou mecânico. Tornar-se leitor é processo que ocorre ao longo de tempo e de distintas maneiras para diferentes pessoas. (CADEMARTORI, 2012, p. 23-24)

Por isso é importante levar em consideração a formação do professor para tratar sobre o ensino de literatura e as instituições formadoras de literatura a partir dos seus currículos para não se cometer equívocos. Tratando-se da importância da leitura literária na formação do indivíduo, a professora diz ser importante, pois: “através da literatura o indivíduo ele aprende muita coisa, muito sobre a vida, nós temos o universo literário falando de tudo sobre a vida, então assim na literatura você pode trabalhar todos os aspectos da vida, todos os conhecimentos a partir da leitura de textos literários. Então, eu acho que a literatura é riquíssima para se trabalhar tudo.” A professora revela isso embora destacando que não tem propriedade para falar do assunto e lamenta por ser uma disciplina que gosta.

Sobre desenvolver espaços de leitura literária em sala de aula a professora respondeu que costuma oferecer, mas não sempre. Os trabalhos desenvolvidos com a leitura literária na sala de aula sempre são dedicados para o projeto anual da escola para concorrer ao prêmio Mestres da Educação. Prêmio que, segundo uma pesquisa que realizamos no site da secretaria de educação do estado diz respeito a uma iniciativa do Governo do Estado que consiste no fomento, seleção, valorização e premiação das experiências administrativas e práticas pedagógicas exitosas, resultantes de ações integradas e executadas por profissionais de educação em exercício e lotados nas escolas públicas estaduais de Educação Básica, e que, comprovadamente, estejam tendo sucesso no enfrentamento dos desafios no processo de ensino e de aprendizagem.

Em seguida a professora cita uma série de projetos em que a escola participa deste modo, diz não sobrar muito tempo para desenvolver projetos específicos de literatura em sala de aula, por preservar o conteúdo programático. O que é um aspecto importante a ser observado sobre a autonomia do professor em sala de aula em que há exigência do cumprimento de demandas postas pelos currículos e por programas das secretarias de educação a nível estadual e federal advindos do ministério da educação e que condicionam o trabalho docente em sala de aula e que se coincidem e acabam por acomodar ou incomodar a iniciativa docente em realizar algum trabalho específico na sala de aula de acordo com a deficiência dos alunos, precisando o tempo todo realizar adequações.

A professora cita também um trabalho desenvolvido por ela e o que vem trazendo para a sala de aula referente à leitura para colocar os alunos em situação de reflexão. Com isso, realizamos uma pesquisa no Projeto Político do Pedagógico (PPP) da escola e certificamos nos projetos temáticos trabalhados em 2018, o projeto referente a Língua

Portuguesa cujo título e objetivo é: Desnaturalizar situações de violação aos direitos humanos a partir da poesia de Manuel Bandeira. E que tem por objetivos específicos (Re)conhecer a violação aos direitos humanos a partir da leitura e análise dos artigos: 01, 02, 07, 24 e 25 da Declaração Universal dos Direitos Humanos; Perceber a violação dos direitos humanos a partir dos poemas “o bicho” e “Meninos carvoeiros”, de Manuel Bandeira; Elevar a proficiência do alunado nas competências de leitura, escrita, oral e gramatical, bem como de matemática, alcançando as metas propostas pelo IDEPB para 2018.

Podemos analisar que o projeto possui um objetivo específico e que não trata especificamente sobre leitura literária, conforme comprova a fala da professora anteriormente. O que não significa ser menos importante, já que o trabalho com a poesia em sala de aula é de extrema importância na formação do indivíduo leitor, principalmente se for aliada a reflexões como, por exemplo, aos direitos humanos como no projeto da professora, em que mostra preocupação com uma temática de interesse social e articulação com a sua formação citada no perfil da docente.

Acerca das metodologias utilizadas em sala de aula, para proporcionar momentos com a leitura literária aos alunos a professora afirma trabalhar com pesquisas sobre os autores das obras, apresentações de poemas, transformações de um gênero textual em outro gênero textual, leitura e interpretação de texto, e a função social dos gêneros. Com isso, podemos perceber que há uma preocupação de que a leitura e produção de textos tenham uma finalidade social. Já que para alguns professores o desafio maior é, geralmente, conseguir efetivar isso na prática docente, uma vez que, muitos ainda pedem aos seus alunos para produzirem textos sem que eles tenham clareza dos objetivos da escrita, público leitor a ser alcançado.

Porém, a professora revela não ter conhecimento sobre práticas inovadoras de fomento ao desenvolvimento da Leitura Literária, o que mostra a importância da formação continuada para professores ou até mesmo durante a formação inicial o estudo de práticas inovadoras voltadas para formação de leitores literários ou simplesmente formação de leitores dentro de um contexto de inovação. Como discute Barros e Andrade:

A crise do sistema leitor brasileiro, passando pela crise da formação do leitor, chega ao ensino superior para perpetua-se em sua tentativa de devolver ao ensino básico a culpa de não capacitar o seu aluno para ingressar na Universidade, esquecida de que o aluno da escola básica foi formado por um aluno seu e que, portanto, a responsabilidade sendo de todos é uma só. (BARROS; ANDRADE, 2017, p. 116).

Sobre os desafios para promover a leitura literária na sala de aula, a professora expõe ser vários, citando, por exemplo, as várias opções de entretenimento que geram distração e falta de interesse nos alunos, a falta de acompanhamento da família e problemas familiares que afetam a concentração do aluno. De acordo com a experiência da professora com a formação de leitores, a relação dos jovens com a leitura é pouca. Segundo ela: “os jovens hoje em dia não querem se dá o trabalho de ler”. E ainda, “ Há uma única relação, que ele tem com a leitura é *face*, só as redes sociais, isso eles acessam bastante, mas é uma leitura que não enriquece o seu conhecimento é uma leitura vaga, uma leitura que não traz crescimento intelectual para eles [...] uma juventude que perdem muito tempo lendo bobagens na internet.”

Quando paramos para refletir hoje sobre a tecnologia concluímos que sem dúvida é de fundamental importância para se conviver em sociedade, tendo em vista, as novas necessidades do homem contemporâneo. Já o desencontro causado com uso da tecnologia vai depender da forma em que usamos a nosso serviço. Aproveitando os benefícios que a tecnologia dispõe podemos fazer dela uma aliada aproveitando a familiaridade que os jovens possuem pensando na formação de leitores em meio a esse contexto de educação e tecnologia na contemporaneidade, aliando práticas de leitura e escrita às tecnologias de inovação para fomentar o desejo de ler para aprender. Sendo uma boa ferramenta, durante o processo de ensino aprendizagem desde que, a sua necessidade seja refletida antes mesmo de se chegar à sala de aula.

Para a professora, trabalhar com a leitura e literatura na escola compete principalmente ao professor de Língua Portuguesa, mas não é somente tarefa do professor da disciplina. Já que ler é uma necessidade para todas as disciplinas e principalmente interpretar. Então, todos os professores de outras áreas devem ter isso tipo de preocupação trabalhando até mesmo de uma forma interdisciplinar com a literatura. O que prezamos ser importante.

Segundo a professora a partir da conscientização e do acompanhamento da família é que os alunos podem ver utilidade na leitura passando a se dedicar ao hábito, mostrando-

se preocupada com essa questão a professora diz sempre trabalhar com a conscientização mostrando exemplos da comunidade de pessoas que conseguiram se estabilizar financeiramente através dos estudos. Isso é considerável, uma vez que, com orientações os alunos conseguem refletir sobre o seu contexto. Há pesquisas que mostram a importância de políticas de leitura para além da escola, que valorizam e incentivam a leitura através, por exemplo, de criação de bibliotecas públicas nas comunidades, entre outras propostas que ampliam os acessos, e que é direito inclusive também das populações do campo.

Sobre a relação existente entre a leitura literária e o ensino da escola do campo a professora diz não ter ainda conhecimento. Mas tem informação sobre o público que escola do campo atende citando exemplos: “a gente sabe que é uma escola voltada para as pessoas moradoras do campo são os agricultores, as pessoas que moram em uma comunidade que tem as suas habilidades de subsistência voltadas as atividades do campo”. A professora consegue expor ainda alguma consideração sobre a relação entre a literatura e essas atividades: “com certeza há uma relação forte. A literatura é riquíssima... então assim você pode trabalhar literatura voltada para os moradores do campo, como eu já disse existem vários textos aí sobre literatura do campo são formas que você pode trabalhar com textos com temáticas voltadas para o homem do campo como, por exemplo, Patativa do Assaré que ele tem obras riquíssimas e aí são culturas que valorizam o homem do campo incentiva o homem do campo e também estimula a crescer”. Isso mostra que a concepção de educação do campo ainda não chegou à discussão de algumas escolas de forma efetiva e política e que precisa ser urgentemente ser difundida.

5.3 DADOS DAS OBSERVAÇÕES NA ESCOLA: AMBIENTAÇÃO QUANTO AO CONTEXTO ESCOLAR E DA CLASSE.

A turma do 3º do ensino médio da escola E. E. F. M Maria Balbina Pereira é composta por 12 alunos matriculados sendo que somente 10 frequentaram as aulas com assiduidade. Os outros dois não assíduos se recusaram a participar parcialmente das atividades desenvolvidas durante a pesquisa. Sendo que foram realizadas observações em 12 aulas de 45 minutos cada, sendo duas aulas observadas a cada semana, somando 1h e 40 minutos de aulas observadas por semana. Assim, iniciamos as observações na escola no mês de setembro no horário de 13h00 até as 17h00 da tarde. Inicialmente com o objetivo

de conhecer o espaço escolar, de saber como era o seu funcionamento e também de conhecermos o corpo docente e discente da escola e principalmente a professora de Língua Portuguesa regente da turma.

Durante a ambientação na escola podemos dizer que fomos bem recebidos por todos os professores e funcionários da escola, assim como, nas visitas subsequentes. Em relação à pesquisa a gestão escolar colaborou com o desenvolvimento nos permitindo fazer observações na escola e nos fornecendo dados para a pesquisa.

Figura 1 - Registro das observações



Fonte: SANTOS, A. A dos. / 2018.

Durante as observações pudemos perceber o funcionamento da escola no seu cotidiano. Já com as observações da sala de aula foi possível perceber as metodologias e os mecanismos utilizados para o desenvolvimento das aulas pela professora, sendo distribuídos no seguinte quadro síntese, em que mostra de uma maneira sucinta os conteúdos abordados em sala, os gêneros textuais utilizados, e os suportes utilizados:

QUADRO 1 - Quadro-síntese das observações.

Categorias	12/09/2018	19/09/2018	29/09/18	02/10/ 2018	09/10/2018	17/10/2018
Temas/conteúdos abordados em classe	Modernism o no Brasil segunda fase.	Gramática: colocação pronominal	Valoriza ção a vida	Discursos de ódio na internet	Discursos de ódio na internet	Preconceito linguístico
Gêneros textuais trabalhados	Biografia	Texto didático	Relato oral/ verbetes de dicionário	Redação dissertativa argumentati va	Redação dissertativa argumentati va
Suportes utilizados/recursos	Vídeo/ quadro branco	Exposição oral/ livro didático/ quadro branco	Vídeo/pa pel/quad ro branco	Vídeo/ exposição oral	Caderno	Vídeo

Fonte: Caderno de campo do pesquisador.

A partir deste quadro conseguimos identificar a variação de recursos utilizados em sala de aula. A partir das observações foi possível perceber a mediação realizada com tais mecanismos para o desenvolvimento da aula e que podemos afirmar que foram favoráveis para o trabalho com os conteúdos. Já que permitiu várias possibilidades de exposição do conteúdo no processo de ensino aprendizagem dos alunos. Identificamos também, conforme entrevista feita com a professora e a partir das observações, a realização de um trabalho diversificado com os gêneros textuais o que consideramos de extrema importância para o desenvolvimento das habilidades dos alunos. Que conforme Silva (2010, p. 73):

Abordando os gêneros, a escola estaria dando ao aluno a oportunidade de se apropriar devidamente de diferentes Gêneros textuais socialmente utilizados, sabendo movimentar-se no dia-a-dia da interação humana, percebendo que o exercício da linguagem será o lugar da sua constituição como sujeito. A atividade com a língua, assim, cremos nós, favoreceria o exercício da interação humana, da participação social dentro de uma sociedade letrada.

Podemos analisar também que mediante o quadro dentre as doze aulas observadas somente duas contemplaram o ensino de literatura. Então, tomando por análise essas duas aulas de literatura em que se pode observar maior dispersão dos alunos, em que maioria não prestou atenção ao filme exibido se ocupando em responder atividades de outras

disciplinas de outros professores no momento da aula enquanto “assistiam ao filme” que se tratava do *Quinze* de Raquel de Queiroz. Podemos perceber uma característica atribuída à literatura como sendo um conteúdo menos importante, mas que só poderia ser confirmado com mais observações em aulas de literatura, o que não foi possível contemplar nos limites desta pesquisa. E essa percepção, mais tarde, foi de encontro às respostas dos alunos a respeito dos textos literários, já que no questionário do aluno em relação à leitura de textos literários 10 alunos disseram gostar de ler textos literários e apenas 02 alunos disseram que não gostavam. Veja quadro a seguir:

Quadro 2 - Questão – Você gosta de ler textos literários?

Quantidade de alunos 12		
Sim	Não	Não respondeu ou ausente
10	02	0
Total 12		

Fonte: Dados da pesquisa/2018 – Questionários aplicados

Para tanto a relação da pergunta feita no questionário do aluno juntamente com a observação nos mostra uma contraposição, em que se têm alunos desinteressados em assistir ao um filme de literatura em uma aula, mas que em sua maioria gostam de ler textos literários conforme resposta da primeira pergunta do questionário do aluno. O que exigiria mais observações de aulas de literatura para a constatação da atribuição de um conteúdo “menos importante”, mas que com o desenvolvimento das fases da pesquisa, durante a realização da intervenção, foi possível diagnosticar o interesse e assiduidade dos alunos em relação às atividades de literatura através do jogo sério, proposto pela pesquisa.

5.4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA INTERVENÇÃO COM O JOGO SÉRIO.

No dia 07 de novembro foi feito um planejamento inicial junto à professora para elaboração de um cronograma para desenvolvimento das atividades da pesquisa. Na semana seguinte no dia 11 de novembro, a professora cedeu o espaço da sala de aula, dando-se início a intervenção com a contextualização da leitura. A princípio foram lançadas perguntas para iniciar uma discussão com os alunos. Já que, o questionamento é uma estratégia poderosa para aumentar e melhorar a aprendizagem, porque potência a

interação social na sala de aula (SILVA, 2015). E, fazer perguntas é uma atividade social que possibilita aumentar a interação entre professor e alunos e entre os alunos, em atividades de discussão quer em pequeno quer em grande grupo. (SILVA, 2015).

Então, ao serem questionados sobre se gostavam de ler alguns alunos responderam que “não gostava”, outros responderam que “às vezes”. E ao serem questionados sobre o que liam, os que responderam anteriormente que às vezes, disseram gostar de ler “histórias”, mas não especificaram quais. Apenas uma aluna respondeu: “livros baixados na internet”. O que se vale retomar a discussão iniciada na análise da observação e do questionário do aluno sobre a contraposição entre o desinteresse na aula de literatura e o gostar de ler livros literários respondido no questionário. Embora, a pergunta da intervenção tenha sido mais genérica “se gostam de ler”, revela uma proximidade que contempla a análise da observação do que a do questionário em que a maioria dos alunos afirmou gostar de ler livros literários.

Foram vários os questionamentos realizados para discussão como, por exemplo, *O que é a leitura? Para que serve a leitura? E, por que precisamos da leitura?* Todas foram lançadas para suscitar a discussão, sendo que, em relação à primeira pergunta não obtivemos resposta. Já a segunda, *Para que serve a leitura?* Alguns se arriscaram em responder: “para ajudar a entender as coisas”, “serve para muitas coisas”, “serve para estudar”, “serve para nos comunicar”. No questionamento seguinte e por que devemos realizar leituras? Foi respondido: “para aprender mais”, “falar melhor”. O que revela certa consciência da importância individual do ato de ler. Já para que precisamos de uma sociedade leitora? A resposta foi um silêncio com expressões de dúvidas. O que mostra certo desconhecimento da relação entre leitura e sociedade e das funções sociais que um indivíduo leitor assume.

O que vale ressaltar a importância dos documentos curriculares em abordar a importância da literatura no aspecto social. Explorando como se dá as manifestações literárias na formação do indivíduo inserido em sociedade para atuar de forma crítica na transformação de seu contexto. Revela também como deveria ser uma das preocupações da Base Nacional Comum Curricular discutir sobre a importância da literatura não somente no âmbito individual, mas também social, uma vez que, no âmbito social a literatura contribui para que os indivíduos se desenvolvam criticamente político, econômico e socialmente, precisando formar consciência disso. Já que a literatura como manifestação artística se

desenvolve dentro de um contexto histórico que exige a interpretação para além do texto literário.

Retomando a contextualização da leitura e a sua importância juntamente com os aspectos citados nas perguntas anteriores, apresentando que a todo o momento estamos envolvidos a leitura em diversos gêneros e em variados suportes e por isso com frequência lemos. Um aluno que anteriormente afirmou não gostar de ler, disse: “então eu sou um leitor”, com essa afirmação questionei ao aluno se ele considerava que a leitura realizada por ele ao longo do seu dia na troca mensagens, por exemplo, através de alguma rede social, oferecia-lhe acúmulo de conhecimento ou crescimento intelectual no caso da aprendizagem. Ele refletiu que “não” neste instante frisamos o que é de fato importante na leitura e por que devemos realizar leituras com objetivos específicos ao nosso interesse, como por exemplo, estudar, obter informações com credibilidade, se comunicar e onde buscar essas leituras, principalmente para aquisição de conhecimento. Já que, mesmo conseguindo ler tudo em nossa volta não significa que somos um leitor crítico.

Além disso, para enfatizar a importância da leitura apresentamos dados sobre as taxas de analfabetismo no país e de que forma isso afeta a sociedade. Durante a mediação pudemos observar que os alunos ficaram atenciosos com a explanação concordaram que necessitamos de uma sociedade leitora. Alguns ficaram impressionados com dados de pesquisas sobre os índices de analfabetos funcionais no Brasil, como os divulgados pela revista *Veja* de uma pesquisa realizada pelo Instituto de Analfabetismo no Brasil. Deste modo, os alunos foram revelando que conheciam pessoas nessa situação de analfabetismo funcional, inclusive na própria família. No decorrer da aula alguns passaram a interagir fazendo perguntas ou dando exemplos de como precisamos da leitura em situações cotidianas.

O Brasil ainda não é um país de leitores, situação determinada por fatores de natureza social, econômica, política, histórica, cultural. (CADEMARTORI, 2012, p. 25.) E o relato dos alunos que se refere à própria família mostra como há muito tempo foi negado à população o acesso à leitura, desde o processo de aquisição com as dificuldades impostas durante o período de alfabetização, ao acesso restrito a materiais ofertantes de leitura, como, por exemplo, a falta de bibliotecas em escolas públicas que inclusive até nos dias de hoje ainda é possível encontrar, quando não a falta da própria escola. E o investimento tardio de políticas públicas de distribuição de livros.

Uma época que para os mais velhos e menos favorecidos é tida como “tempos difíceis” ou “época difícil para estudar”, discurso externado pelos alunos como sendo um relato dos seus pais e avós nos seus tempos de juventude. Destacamos ainda a característica do perfil destes alunos em que parte da turma é pertencente à comunidade rural e a outra parte a comunidade urbana dos distritos de Santa Luzia do Cariri e Sucuru, ambos pertencentes ao município de Serra Branca. O que passa a ser um dado importante para análise do ensino da educação do campo na região do cariri nas últimas décadas.

É em um contexto amplo que é importante despertar para a importância da leitura na vida do indivíduo inserido em sociedade, aprendendo a fazer o uso da leitura no seu meio através de reivindicações. Pois só há sentido em ler quando o indivíduo “atribuir significado ao texto e questionar tanto a individualidade como o universo das relações sociais[...] alargando os horizontes de expectativa do leitor e ampliando as possibilidades de leitura do texto e da própria realidade social” (MARTINS, 1994, P. 66).

Partindo desse contexto mais geral sobre a leitura afunilamos para a leitura literária, sobre a sua importância e de que forma está presente em nosso meio e de que forma contribui com a formação dos indivíduos. Mediante essa discussão os alunos foram questionados se conheciam o gênero miniconto e com assiduidade responderam não conhecer, inclusive, uma das alunas utilizou a expressão “nunca ouvi falar”. Com isso, depois da apresentação do gênero miniconto sob aspectos literários e sua problematização enquanto gênero textual, apresentamos dez minicontos que foram advindos da internet e selecionados a partir de critérios que melhor atenderiam aos interesses da pesquisa, como por exemplo, ter no mínimo 50 palavras na sua composição, ser uma produção já reconhecida por prêmios, e se encaixar em duas categorias: minicontos de romance e minicontos diversos.

Assim, foram entregues cópias aos alunos dos minicontos escolhidos para que realizassem uma leitura silenciosa. Após alguns minutos e ao término da leitura perguntei se gostaram de ler os textos, os alunos responderam que “sim”. Na oportunidade, perguntamos se consideraram fácil entender a pequena narrativa em tão poucas palavras, alguns ficaram confusos e outros responderam que “sim” e outros que “não”. Ainda questionamos se seria fácil escrever um conto em tão poucas palavras, algumas alunas responderam: “precisa de muita inteligência”, “precisa ter muita criatividade”, “precisa uma viagem muito grande”, “é muito inteligente quem fez isso”, “eu não conseguiria, pois precisaria de 30 linhas”.

Os comentários mostram a dimensão racionalizada pelos alunos a respeito do processo de escrita, em que, como uma pequena narrativa poderia possuir tanta criatividade? Trazendo a reflexão de autoria para si os alunos começam a se subestimar a respeito da própria criatividade de escrita. O que é de fundamental importância o papel do professor em estimular a criatividade de leitura e escrita entre os alunos nesses momentos. Após tais declarações foi realizada uma leitura coletiva dos minicontos para possíveis interpretações, alguns alunos ficaram confusos com o que os minicontos queriam dizer, mas o espaço ficou aberto para que pudessem refletir, pois vale ressaltar a importância de permitir aos alunos a criatividade interpretativa dos textos principalmente tratando-se de textos literários.

Antes do final da mediação entregamos vários livros de diversos gêneros (poesia, cordel, literatura infantil, narrativas, contos, fábulas) do acervo da biblioteca da própria escola e levados para a sala de aula para que folheassem entre eles. Nesse momento perguntamos o que eles achavam de interessante nos livros, alguns disseram: “as imagens”, “as figurinhas”, “os textos pequenos”. Ao final uma aluna perguntou se podia pegar emprestado o livro de poesias para ler em casa, dos doze alunos em uma primeira etapa da pesquisa, uma aluna fez esse pedido, isso mostra que o contato direto com o livro surte efeitos às vezes até imediatos, o próprio livro chama o leitor, enquanto muitas vezes perdemos tempo dizendo para os alunos que leiam, o próprio livro fala por se só. Isso afirma que é com insistência que os alunos desenvolvem o interesse para leitura. A seguir registros sobre a primeira etapa da intervenção:

Figura 2 - Registro da leitura dos minicontos.



Fonte: SANTOS, A. A dos. / 2018.

O segundo momento da intervenção ocorreu no dia 14 de novembro foi realizado a aplicação do questionário do aluno para a avaliação do diagnóstico. Em seguida foi realizado o jogo dos *Pares Românticos* método da oficina LerAtos em que consiste nas etapas 1-Sonhação 2- Fruição 3- Criação- 4-Doação. No qual os alunos se empolgaram em contar as histórias dos pares românticos sorteados por eles mesmos identificando quais eram os sentimentos e acontecimentos mais fortes dessas histórias como as tragédias, as relações de poder, os finais tristes ou felizes, entre outras ações nas histórias de cada par romântico. Os pares sorteados foram Romeu & Julieta, a Dama & Vagabundo obras de Shakespeare, Edward & Bela da obra Crepúsculo, Jack & Rose do filme Titanic, Sherek&Fiona, e A bela & a Fera do filme Walt Disney, essa dinâmica inicial permitiu aos alunos começarem pensar em uma história de amor e na diversidade presente neles.

Ao término da dinâmica foi apresentado o jogo *Inês & Nós* “jogo do amor infinito” sendo o primeiro palco - Lançamento do jogo no espaço escolar: em que todos vivem e experimentam a história do amor infinito de Inês e Pedro através da leitura, interpretação, contemplação, discussão e reconstrução da história. Apresentado o jogo, foi entregue a cada aluno a cópia da adaptação do mito clássico de Inês de Castro em cordel. Ao término da leitura silenciosa todos os alunos foram questionados a respeito da obra sobre o que entenderam e o que sentiram ao ler. Alguns alunos responderam que era “uma história muito triste”, uma “tragédia”, outros perceberam que havia “relações de poder”, por o rei Afonso não querer que Dom Pedro se casasse com Inês, “relações políticas”, já que Dom Pedro daria continuidade ao reinado de Dom Afonso, e que a história possuía traços da época medieval em que se tinha o casamento arranjado e a presença de reis.

Ao serem questionados sobre a realidade social da época se tratando do contexto histórico no comparativo com a atualidade os alunos perceberam a questão da “violência contra a mulher”, o “arrependimento do rei”, “a valorização e o reconhecimento, com a rainha depois de morta” e o “grande amor entre Inês e Pedro”. Ademais, foi perceptível que os alunos se envolveram com a história de Inês e Pedro, uma vez que nunca tinham ouvido falar na história da rainha de Portugal que foi coroada depois de morta. Sentindo-se comovidos com o grande sofrimento de Pedro pela trágica perda da sua Inês, além de que os próprios perceberam a relação de valores presente na história.

Sobre a recepção do cordel a maioria dos alunos afirmaram possuir familiaridade com o gênero, apesar de revelarem não terem o hábito lê-lo. E ao receberem a cópia do texto ficaram surpresos por acharem que a leitura da história seria feita por uma narrativa

“comum”, o que seria em prosa e não em versos de cordel. O que mostrou certa estranheza ao texto adaptado. Isso põe em questão a que tipo de adaptações mais frequentes os jovens vêm se deparando? No decorrer da intervenção, foi necessária uma leitura oralizada do cordel para melhor interpretação do texto.

Figura 3 - Registro da leitura do cordel: *A história de Inês de Castro*.



Fonte: SANTOS, A. A dos. / 2018.

No dia 21 de novembro foi dada continuidade à intervenção, iniciando a aula com a retomada da leitura do cordel sobre *Inês de castro* e as discussões da aula anterior com o aprofundamento do texto. Em seguida, foi apresentada a proposta da segunda etapa do jogo: a produção do miniconto sobre a história de Inês e Pedro com a versão de cada leitor, que só mais adiante os alunos ficaram sabendo da finalidade de tal escrita, como sendo surpresa para o próximo passo do jogo. Essa etapa ocorre já que:

Estas obras nascem de uma experiência de um texto multimodal (texto, áudio, vídeo, etc), que trata de um tema escolhido, que torna o leitor também autor, de uma determinada imagem do real que ele constrói – a partir da leitura desse texto-, como também o move em direção ao outro e ao seu outro mundo. [...] contextualizando o conteúdo lido e recriando o texto (tarefas de redação) ou criando novos suportes (novas obras em texto, áudio, vídeo, foos, HQs, etc.) a partir de um texto inicial. (BARROS; ANDRADE, 2017, p. 116)

Apesar de que os minicontos seriam escritos a partir do imaginário de cada escritor a partir do texto fonte, a princípio houve resistência para a produção textual, mas com insistência e motivação de que todos somos bons escritores e poetas capazes de criar qualquer história, aos poucos foram se sentindo convencidos, deixando a escrita fluir. Antes disso, revisei as regras de composição do miniconto apresentados no primeiro dia da

intervenção e os tipos que poderiam ser escritos, poético, narrativo ou musicado contendo tempo, ação, personagem, e lugar.

Neste dia, dois dos doze alunos faltaram e no momento da produção textual dois dos dez alunos presentes se recusaram a escrever. Então, somente oito, dos doze alunos, se comprometeram a fazer entregando os minicontos passados a limpo e com o seu nome. Mas, antes disso, houve um enfrentamento a resistência de alguns alunos quando disseram: “se for em formato de poesia não vou fazer”, “se for em formato de música não sei fazer”, “é muito difícil criar”, “muito difícil criar com essa quantidade de palavras”, isso reflete a subestimação produtiva individual em que foi discutido anteriormente no início da apresentação dos minicontos. Mas que com a motivação constante e a explicação que os minicontos poderiam ser escritos da forma criativa que cada um pudesse fazer, de acordo com os tipos descritos e deixando-os livres para criar, sentiram-se mais a vontade em tentar realizar a escrita.

Desse modo, o aluno que disse antes não saber escrever no formato de poesia se animou a escrever em formato musicado, já que era instrumentista, mas ao final da sua escrita ao ler a sua produção não se deu conta que, o que escreveu além de musicado era poético. Outro aluno que disse não saber fazer em formato de música fez em formato de poesia, e outros que não quiseram fazer em poesia fizeram em formato narrativo, pois considerava mais prático de escrever. Dessa forma, com a oferta de opções no modo de escrever se percebeu a preocupação nos alunos em qual melhor seria o formato para escrever, tendo em vista, as suas habilidades de escrita. O que convém destacar que:

O trabalho com a leitura, compreensão e a produção escrita em Língua Materna deve ter como meta primordial o desenvolvimento no aluno de habilidades que façam com que ele tenha capacidade de usar um número sempre maior de recursos da língua para produzir efeitos de sentido de forma adequada a cada situação específica de interação humana. (SILVA, 2010, p. 64)

Assim, o aluno que tinha afinidade com a música concluiu que tinha mais facilidade em escrever de forma musicada, outros que gostavam de poesia se identificaram com a escrita poética, em instantes os alunos me chamavam para ler suas produções em processo de criação. Perguntando se estava “bom” ou “se dava para entender”, com os incentivos e motivações cada aluno ia se empolgando em escrever mais “bonito” do que escreveu, dentre a quantidade de palavras estabelecendo sentido entre elas. Pois assim, íamos

mostrando a importância durante a elaboração da escrita, a revisão do texto ao longo produção. A seguir registro do processo de escrita:

Figura 4 - Registro do momento da produção textual dos alunos.



Fonte: SANTOS, A. A dos. / 2018.

Antes de todos terminarem suas produções lancei a missão social parte da etapa para o cumprimento do jogo que seria o de conquistar leitores com as suas próprias produções. Em surpresa as reações foram diversas e desse modo ficaram mais preocupados em melhor escrever seus minicontos, já que iriam ser publicados em uma rede social e compartilhados com possíveis leitores. Para tanto, essa escolha metodológica se deu como forma de incentivar a revisão da escrita de um texto que iria se tornar público, já que a conquista de leitores iria se dá por meio digital e seria lido/compreendido por um interlocutor virtual/real para o desenvolvimento do jogo.

Logo mais, foi anunciado um prêmio para o futuro vencedor e as regras de socialização dos textos para conquista dos *likes*. Sendo essa a forma de comprovar que as pessoas leram o texto produzido. As regras foram criadas a partir do planejamento em que calcula a quantidade de pontos a partir da definição dos *likes*. Assim, quando alguns alunos terminaram sua produção e a entregaram depois de passado a limpo, despediram-se e saíram da aula empolgados a respeito de ganhar o prêmio e se perguntando qual seria o prêmio do ganhador.

A semana seguinte foi empenhada para que os alunos se envolvessem no espaço virtual socializando com os *leitores* suas produções. Para essa finalidade um perfil na rede social *Facebook* foi criado, com o título: *Inês Castro: Quinta do amor infinito*, para divulgar as histórias recriadas da adaptação em cordel do mito clássico Inês de Castro

pelos próprios alunos em formato de miniconto. Tendo em vista a ação na comunidade conforme a metodologia *LERATOS*, que essa missão foi desenvolvida, pensando justamente na formação de leitores juntamente com o envolvimento da comunidade, tendo em vista que é necessário empoderar o aluno para desenvolver habilidades de leitura criativa e para realizar ações impactantes dela decorrentes em um contexto de um desafio social, explorando suas potencialidades e suas características socioculturais (BARROS; ANDRADE, 2017, p. 107).

O administrador do jogo *Inês & Nós* no caso o pesquisador também criou e administrou o perfil do *FaceBook* se preocupando em adicionar todos os participantes do jogo, publicando as produções dos alunos e os marcando em seus perfis, dando os comandos do jogo através do aplicativo *Messenger* que é conectado a rede social *Facebook*. A tarefa dos alunos em sua missão era o de convidar pessoas, amigos, e familiares a irem até o perfil no espaço virtual para lerem as produções publicadas em forma de posts no *FaceBook* no perfil de *Inês de Castro*, dando *likes* em forma de curtidas, comentários, e compartilhamentos como manifestação de que leram e gostaram das produções. Assim, a produção que obtivesse mais *likes* expressando a emoção do leitor convidado, consequentemente somaria mais pontos, e passaria a ser o ganhador (a) premiado(a) herói do jogo.

Os alunos usaram as suas criatividade para fazerem convites de leitura aos seus amigos do *facebook*: compartilhando seu próprio miniconto na sua rede social; compartilhando entre outras redes sociais através do link do post fonte; em chats de bate papo pedindo aos seus próprios amigos do seu perfil para compartilharem o seu miniconto diretamente do post do perfil de *Inês*. Assim, o administrador do jogo através do *Messenger* aplicativo de bate papo interconectado a plataforma do *FaceBook*, realizava notificações de quando os alunos ganhavam *likes*, motivando-os a continuar a conquistar leitores para lerem suas produções. Nesse desenvolvimento, buscou-se:

Criar oportunidades de o jogador romper a fronteira do círculo mágico do jogo e atuar no seu espaço cotidiano de vivências com o desafio social estudado, experimentando o conceito de realidade alternada em que realiza parte das missões do jogo no mundo virtual da narrativa e parte o mundo real. (BARROS; ANDRADE, 2017, p. 112).

A rede social escolhida para a realização desse jogo, o *Facebook*, é uma das redes sociais mais difundidas no mundo, criado em 2004, a plataforma hoje possui 2,6 bilhões de

usuários em todo o mundo. Informação divulgada pelo próprio presidente da empresa, Mark Zuckerberg, aos jornais, após a divulgação dos resultados do terceiro trimestre em 2018. Segundo o jornal o Globo (2018) “somente o *Facebook* tem 2,3 bilhões de usuários entrando na plataforma todo mês, sendo 1,5 bilhão todo dia. Com isso, a plataforma avança em sua liderança no ranking mundial de redes sociais e plataformas digitais.” Além disso, a empresa chega com seus produtos a 34% da população mundial, se considerados os 7,5 bilhões de pessoas, de acordo com dados do Banco Mundial.

O que é bastante significativo já que está à frente de todas as redes e mídias sociais. Divulgado ainda pelo o jornal o Globo (2018) “Segundo o ranking de redes sociais divulgado pela consultoria internacional de levantamento de dados Statista, com informações atualizadas em outubro, seguindo a liderança do *Facebook* vêm YouTube (1,9 bilhão de usuários), WhatsApp (1,5 bilhão), *Facebook* Messenger, (1,3 bilhão) de usuários”. O *FaceBook* no Brasil é também consideravelmente uma das redes sociais mais visitadas.

Em relação aos participantes da pesquisa dez, dos doze alunos, possuíam a rede social. Sendo que um não possuía, o outro possuía o perfil na rede, porém se encontrava desativado. Dessa forma, os alunos que não tinham face book ou não utilizavam mais a rede copiaram o link da publicação do seu miniconto através de outras redes sociais disponibilizado pelo administrador, tendo em vista, a acessibilidade do *FaceBook* e a interligação das plataformas digitais. Logo ao terminar o prazo da movimentação da rede foram contabilizados no total de 168 leitores, sendo que o vencedor conseguiu conquistar 31 leitores e 57 pontos de acordo com a quantidades de *likes* na publicação do seu miniconto. O que é um número considerável, uma vez que, foram oito os alunos que produziram o texto e divulgaram na rede.

Na semana seguinte a experiência no dia 05 dezembro se deu com a culminância da intervenção. De início foi reaplicado o questionário do aluno e aplicado o questionário de avaliação de impacto da pesquisa. E logo mais, os alunos puderam vivenciar a culminância da intervenção com um momento de festividade, nos quais os alunos puderam socializar suas produções com uma leitura oralizada dos seus próprios minicontos, sendo aplaudidos a cada leitura pela criatividade na sua produção. Depois de mostrar aos alunos que eles deveriam se reconhecer poetas por terem conseguido ter a sensibilidade em escrever algo tão criativo e poético a partir de um romance e que criativamente conseguiram se expressar

através de uma narrativa curta, como a do miniconto, foram parabenizados, e com isso se sentiram orgulhosos por terem cumprido tal proposta.

Em relação à pesquisa conseguimos fazer a resistência da leitura e da escrita em um ambiente em que todos os alunos se viam desmotivados dessas duas formas de expressão partindo de uma narrativa literária. E mais que isso, além de ler e produzir algo poético, os alunos também conseguiram conquistar leitores para as suas próprias produções, isso mostra algo significativo não só para eles, mas também para a sociedade e a comunidade escolar com o engajamento da leitura e a sensibilização a partir da mesma com os impactos causados através do alcance social da abordagem *LerAtos* de formação de leitores. Em seguida registro de tal momento:

Figura 5 - Socialização das produções entre os próprios alunos.



Fonte: SANTOS, A. A dos. / 2018.

Depois da leitura dos minicontos pelos próprios alunos foram realizados jogos de interação para deixar o ambiente descontraído e festivo. A primeira dinâmica realizada foi a do “o que cabe em um coração”. Escolhida de forma intencional, a dinâmica consistiu em dividir a turma em dois grupos, em que cada pessoa de cada grupo ficou com um recorte de papel no qual deveria escrever o que cabe de sentimentos bons no coração a respeito do romance Inês e Pedro tendo em vista que há presença de tragédia na história. A ideia da dinâmica consistiu trabalhar valores e sensibilização.

Deste modo, os alunos escreveram no seu recorte de papel em caneta vermelha todos os sentimentos bons que cabem em um relacionamento, como por exemplo: amor,

fidelidade, confiança, respeito, paixão, alegria, paz, felicidade, etc. Esses são exemplos de alguns sentimentos que foram escritos durante a dinâmica. Depois de cada um ter terminado de preencher seu recorte de papel, o grupo deveria montar um quebra cabeça no formato de coração, ou seja, todos os recortes de papel unidos formavam um coração para a surpresa dos alunos.

Figura 6 - Registro da dinâmica: “o que cabe em um coração”.



Fonte: SANTOS, A. A dos. / 2018.

Além dessa dinâmica foram realizadas outras com a mesma temática, mas com a intenção de provocar a interação, a exemplo de “o garotinho chamado amor”. Dinâmica que consistiu em um roteiro prescrito de ações a serem realizadas como abraço, aperto de mão, troca de lugares, bater palmas ou dar gargalhadas, garantindo assim a interação entre os alunos. Além desta, também foi realizada a dinâmica do “amor e a vida”; nesta dinâmica os alunos formavam dois círculos um dentro do outro, o círculo de dentro era intitulado amor e de fora vida, dessa forma o círculo ia se movimento de acordo com as orientações da relação entre o amor e a vida.

Figura 7 - Registro da dinâmica: “o garotinho chamado amor”



Fonte: SANTOS, A. A dos. / 2018.

As dinâmicas representaram um momento de festividade, uma forma de interação que garantiram aos leitores uma participação lúdica na finalização do jogo, que se concluiu no espaço virtual, mas que continuou a repercutir no mundo real com a socialização das produções e mais a frente a divulgação dos resultados da conquista de leitores virtual/real com as suas próprias produções que resultam no impacto social alcançado. As dinâmicas também tiveram participação na formação do leitor, uma vez que, foram contextualizadas com o conteúdo com a intenção de sensibilizar para a temática manifestada no mito clássico Inês de Castro, já que se trata de um romance trágico, mas que a principal fonte eternizador a da sua narrativa que atravessa séculos e que inspira poetas e escritores é o grande amor entre Inês e Pedro.

Para finalização, foi realizada uma experiência coletiva com a música *Versus Simples* de autoria de Cassiane Silva / Richardson Maia. Todos receberam a cópia da letra da música para cantar acompanhados ao som de um violão tocado por um colaborador da pesquisa. Assim, todos cantaram em forma de coral ao som do instrumento. Depois dessa experiência musical, os alunos foram chamados a analisar a letra da música de forma a fazer uma analogia com o mito de Inês e citar qual verso se aproximava mais a Inês ou a Pedro, então os alunos chegaram à conclusão que todas as estrofes pareciam com Pedro menos a terceira estrofe que parecia mais com a de Inês. Depois disso, os alunos foram questionados sobre a letra da música e todos afirmaram conhecer e considerá-la muito bonita.

Figura 8 - Registro da experiência coletiva com a música *Versus Simples*.



Fonte: SANTOS, A. A dos. / 2018.

No final, apresentamos e ressaltamos os resultados da temporada do jogo *Inês & Nós*, fazendo homenagem a todos os participantes e entregando o presente ao poeta mais lido na temporada-partida. O prêmio se tratava de um livro de poesias como forma de incentivar a leitura de versos e mais uma cestinha de chocolates. Ainda nesse momento, foram apresentamos os destaques da contagem dos *likes*, assim como os resultados do jogo dos participantes ganhadores. Neste momento, ressaltamos a importância de todo esse trabalho na formação de leitores e dizer que toda contribuição para uma sociedade leitora deve ser valorizada e reconhecida, assim com as produções poéticas de todos os alunos.

Figura 9 - Registro da premiação do ganhador do jogo.



Fonte: SANTOS, A. A dos. / 2018.

Vale ressaltar que pretendemos com essa intervenção não formar leitores literários imediatos, meramente pragmáticos, como criticado na fundamentação teórica no início deste trabalho, mas sim avaliar as possíveis contribuições da abordagem *LerAtos* na formação de leitores e suas múltiplas habilidades com a vivência de leitura e escrita inovadoras, mediante a realização de atividades propostas como missões relacionadas à temática de um problema social específico que, nesse caso, integrado à formação/interação

com leitores, e os impactos sobre a prática da leitura literária através de metodologia que utiliza jogo sério de leitura em sala de aula através da promoção e incentivo à leitura e a escrita.

Sobre a pesquisa e intervenção realizadas, a professora colaboradora demonstrou total interesse em participar das atividades desenvolvidas se fazendo presente em todas as mediações, lendo os textos apresentados sobre a metodologia aplicada colaborando totalmente com as atividades desenvolvidas e cedendo as aulas para a realização da intervenção, além de ter nos concedido a entrevista e suas aulas para observação da pesquisa.

5.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS POSSÍVEIS IMPACTOS DA INTERVENÇÃO NA PERCEPÇÃO DOS DISCENTES PARTICIPANTES.

A pesquisa foi realizada com alunos do 3º ano do ensino médio da rede estadual de ensino mediante a presença da professora regente da turma que cedeu o espaço da sala de aula para a realização da pesquisa. E como foi citada anteriormente a turma do 3º ano é composta por 12 alunos matriculados sendo que, somente 10 frequentavam as aulas com assiduidade. Os outros dois não assíduos se recusaram a participar parcialmente das atividades desenvolvidas durante a pesquisa, porém no dia da culminância da intervenção em que foi aplicado o questionário final todos responderam. Possuindo uma variação de três para sim e três para não, nos quadros apresentados a seguir. O questionário aplicado foi apontado como forma de avaliar os possíveis impactos causados de uma forma mais objetiva. O que não exclui a análise da intervenção. Assim, os impactos causados pela abordagem LerAtos na formação de leitores podem ser identificados através da análise dos quadros a seguir:

Quadro1- Questão – Você se sentiu motivado a ler textos literários durante e depois da intervenção?

Quantidade de alunos 12	
Sim	Não
09	03

Fonte: Dados da pesquisa/2018 – Questionários aplicados

De acordo com a apresentação da tabela, observa-se a quantidade de 9 alunos que se sentiram motivados a ler textos literários durante e depois da intervenção. O que significa que a metodologia aplicada teve relevância no desenvolvimento do gosto pela leitura literária apresentando impactos positivos mediante a motivação da leitura, sendo essa uma das principais preocupações da nossa pesquisa durante e depois da formação de leitores.

Quadro2 - Questão – Você gostou de tentar entender o sentido prático da obra trabalhada (INÊS DE CASTRO)?

Quantidade de alunos 12	
Sim	Não
10	02

Fonte: Dados da pesquisa/2018 – Questionários aplicados

De acordo com a apresentação do quadro foi possível perceber o interesse dos alunos em procurar entender o sentido prático do texto, ou seja, em fazer não meramente uma leitura simples do texto, mas sim, uma interpretação que ousaria ir mais afundo do texto, ou seja, atravessando as fronteiras poéticas e épicas do texto com interpretações para além do texto literário e as descobertas que integram a função social do texto a partir da contextualização, tratando-se de um mito clássico literário adaptado em versos de cordel. Uma das questões discutidas na análise da intervenção e nos documentos curriculares atuais que norteiam o ensino de literatura: o trabalho refletido a partir do indivíduo inserido em sociedade.

Quadro3 - Questão – Você se sentiu sensibilizado na construção de uma sociedade leitora?

Quantidade de alunos 12	
Sim	Não
08	04

Fonte: Dados da pesquisa/2018 – Questionários aplicados

Uma questão de fundamental importância que é a sensibilização de pessoas para a formação de uma comunidade leitora, mas que apenas 08 dos alunos afirmaram no questionário, conforme apresenta o quadro, sentir-se sensibilizado, isso mostra que maior parte da turma despertou interesse para formação de comunidades de leitores tomando para si a responsabilidade, mostrando mais uma vez que a proposta da abordagem LerAtos

impactou positivamente, sendo que a proposta foi refletida na missão social proposta pelo jogo Inês e Nós.

Quadro 4 - Questão – Você sentiu satisfeito com o resultado da sua busca de leitores no jogo literário?

Quantidade de alunos 12	
Sim	Não
10	02

Fonte: Dados da pesquisa/2018 – Questionários aplicados

Neste quadro, temos os dados de satisfação dos alunos sobre o resultado da própria busca de leitores no jogo literário e que também reflete o desempenho no engajamento com a missão dada, em que 10 dos 12 alunos afirmam estar satisfeitos com a sua própria busca de leitores para as suas produções. O que representa favoravelmente o quesito *engajamento*, para avaliação de impacto da abordagem.

Quadro5 - Questão – Você a partir de hoje se interessará a praticar a leitura literária dentro ou fora da escola?

Quantidade de alunos 12		
Sim	Não	Não respondeu
09	02	01

Fonte: Dados da pesquisa/2018 – Questionários aplicados

A pergunta deste quadro mantém ligação com a primeira pergunta do questionário do primeiro quadro, em que os alunos foram questionados se se sentiram motivados a ler textos literários durante e depois da intervenção. Já a questão apresentada nesse quadro tem um sentido prático que parte da motivação para a ação, ou seja, o exercício pleno da leitura. Assim, dos 12 alunos, apenas 09 afirmaram que a partir de hoje se interessará a praticar a leitura literária dentro ou fora da escola. Tendo em vista a sua participação na intervenção com o jogo sério de formação de leitores interessados a ler literatura.

Quadro 6 - Questão – Você gostou de ter participado do jogo literário Inês e Nós?

Quantidade de alunos 12	
Sim	Não
12	0

Fonte: Dados da pesquisa/2018 – Questionários aplicados

Uma pergunta de interesse da nossa pesquisa que teve por unanimidade 12 afirmações sobre gostar de ter participado do jogo literário Inês e Nós. Isso mostra que o engajamento na participação no jogo Inês & Nós se deu pelos alunos gostarem da proposta diferenciada de leitura.

Quadro 7 - Questão – Você gostou da missão social indicada no jogo literário Inês e nós?

Quantidade de alunos 12	
Sim	Não
10	02

Fonte: Dados da pesquisa/2018 – Questionários aplicados

Apesar de no quadro 3 apenas 08 alunos terem afirmado sentirem-se sensibilizados na construção de uma sociedade leitora, no quadro 7, 10 alunos afirmaram gostar da missão social indicada no jogo literário Inês & Nós, que consistiu na busca por leitores para as suas próprias produções. Indicação de um dado positivo em uma das discussões feitas a partir da abordagem LerAtoS.

Quadro 8 - Questão – Você acha que aprendeu muito participando de um jogo de leitura?

Quantidade de alunos 12	
Sim	Não
12	0

Fonte: Dados da pesquisa/2018 – Questionários aplicados

Uma pergunta também muito importante para a nossa pesquisa que se refere a aprendizagem, e que, satisfatoriamente todos os alunos afirmaram ter aprendido muito participando do jogo de leitura como o proposto que consistiu de leitura, interpretação, produção escrita, e ação na comunidade a partir de uma narrativa literária.

Quadro 9 - Questão – Você achou importante envolver amigos e familiares neste projeto escolar?

Quantidade de alunos 12	
Sim	Não
12	0

Fonte: Dados da pesquisa/2018 – Questionários aplicados

Mais uma vez por unanimidade os alunos satisfatoriamente acharam importante envolver amigos e familiares em um jogo escolar. Isso mostra que a participação da família afeta positivamente no processo de ensino aprendizagem dos alunos, e que é cada vez mais importante a aproximação entre escola e família e escola e comunidade.

Concluimos com a análise dos questionários que todas as atividades realizadas para a formação de leitores com suas múltiplas habilidades com a vivência de leitura e escrita inovadoras e as missões relacionadas à temática de um problema social específico que nesse caso integrado a formação/interação com leitores juntamente a prática da leitura literária impactou favoravelmente. Sendo a abordagem LerAtos um recurso atrativo para aumentar o engajamento de jogadores/leitores para fomentar a leitura, inclusive, a literária e o engajamento para uma experiência *gamificada* de ensino-aprendizagem da leitura e de ação social.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo promoveu um experimento com um *jogo sério* de leitura para formar leitores engajados com a leitura literária dentro de espaço representativo da sala de aula promovendo ações com a comunidade com a busca de leitores para produções realizadas pelos próprios alunos. Tendo por objetivo investigar os impactos sobre a prática da leitura literária através de uma abordagem que utiliza jogo sério em sala de aula, oferecendo um espaço para o envolvimento e formação de novos leitores. Contando com a pesquisa ação para o desenvolvimento de uma intervenção que permitisse a obtenção de dados que atingissem o nosso objetivo através de um plano metodológico utilizado. Além disso, foram utilizadas a observação, a entrevista, e análise de documentos para também subsidiar a pesquisa na coleta de dados.

No que se refere ao objetivo específico de "*analisar as prescrições curriculares que norteiam o ensino de literatura no ensino médio*", identificamos que a Base Nacional Comum Curricular conforme dito anteriormente apresenta um pequeno avanço em algumas discussões que se referem ao ensino de literatura, tratando-se da formação do indivíduo, atendendo as necessidades da contemporaneidade, com o foco formativo no sujeito leitor e centralidade no texto literário. Porém, o documento não explora no campo social de como se dá as manifestações literárias na formação do indivíduo inserido em sociedade atuando de forma crítica na transformação de seu contexto social. A presença da literatura na formação do sujeito leitor é de fundamental importância e precisa ser mais bem enfatizada.

Quanto ao objetivo específico de "*analisar a prática docente quanto ao ensino de literatura em escola do campo*" foi identificada com as observações realizadas a ausência do trabalho com a leitura literária onde realizei a experiência descrita. Ao analisarmos as observações feitas em sala de aula verificamos resistência, falta de interesse e motivação à escrita e a leitura pelos alunos. O que implica na deficiência dessas duas habilidades, sendo preocupante tendo em vista que, são alunos que estão no ano de concluírem o ensino médio e ingressarem em cursos superiores, técnicos ou no mercado de trabalho. Além disso, a professora colaboradora não trabalha especificamente com projetos de leitura literária em sala de aula, o que confirmado na entrevista, em que revela argumentos que foram

expostos na análise da entrevista e que vão desde a sua condição de formação, outros fatores externos.

No espaço observado percebemos uma variação de atividades e de recursos utilizados pela professora o que consideramos ser positivo, mas que não verificamos nenhum trabalho que intensifique o envolvimento com a leitura literária. Apesar de que em algumas declarações a professora alega que já fez tentativas de trabalhar a leitura de obras literárias, mas os alunos levam as obras para casa e não leem o que acaba fortalecendo cada vez mais o desinteresse dos alunos pela disciplina e pela leitura. Por esse ponto se analisa a questão do método específico para um problema já identificado. Assim como também na entrevista a professora alegou não conhecer metodologias inovadoras que contribuíssem com esse tipo de atividade. O que em nossa análise se tornou completamente compatível o discurso da professora na entrevista com o diagnóstico das observações feitas em sala de aula.

Nesse contexto foram pensadas atividades para formação de leitores, em atividades que contribuíssem com o desenvolvimento da escrita e da leitura e colaborassem com a turma no enfrentamento da falta de interesse e desmotivação justificando-se a intervenção com a abordagem LerAtoS de formação de leitores com a vivência de prática de leitura escrita inovadoras. Sobre a pesquisa realizada a professora demonstrou total interesse em participar das atividades desenvolvidas se fazendo presente em todas as mediações, lendo os textos apresentados sobre abordagem, colaborando totalmente com as atividades desenvolvidas e cedendo as aulas para a realização da intervenção.

Na entrevista com a professora embora possível perceber argumentos que esclarecem possivelmente a ausência da leitura literária na sala de aula, também é possível perceber o interesse de conhecer metodologias que tenham o foco no desenvolvimento desse tipo de leitura. A docente tem consciência da importância da leitura literária na sala de aula para o desenvolvimento do aluno. A insuficiência na formação literária da professora, assim como, na de muitos outros professores confirma o que algumas pesquisas mostram com crítica sobre a formação docente no curso de letras em relação a formação de leitores:

O Brasil ainda não é um país de leitores, situação determinada por fatores de natureza social, econômica, política, histórica, cultural. [...] Não podemos esquecer, porém, que muitos professores não tiveram as condições necessárias para se desenvolverem devidamente como leitores e às vezes, pensam ser deficiência pessoal o que, na verdade, provém de âmbito muito mais amplo, como a dívida social do país com seu povo. (CADEMARTORI, 2012, p.25)

Destaca-se na entrevista, o que deu base a esta pesquisa, à relação dos jovens com a leitura. Em que a professora cita a tecnologia da rede social, ou seja, o espaço de mídia utilizado pelos alunos sem fins educacionais, como sendo a única relação entre a leitura e o leitor dos jovens de hoje. Deste modo, a pesquisa ação foi pensada na formação de leitores a através de indicadores, ou seja, mostrar para os alunos que o espaço de mídia pode ser utilizado para a construção de conhecimento, desde que seja refletida a sua ação. Desta forma, a pesquisa utilizou o espaço de mídia para a formação de leitores, aliando o que os jovens usam como as redes sociais a influência do hábito da leitura. Este trabalho desenvolvido estabelece uma relação entre o universo do leitor com a leitura realizada, pensado articuladamente, o que mostra que a tecnologia tem muito a oferecer desde que saibamos utilizá-la como recurso em sala de aula para aprendizagem.

O jogo literário em que envolveu a mídia e a tecnologia proporcionou a aproximação entre autores e leitores através de uma única ação, a leitura. É justamente o que a metodologia LERATOS faz menção, o percurso em que todo o processo de intervenção deve ser um momento motivador e de descobertas em que os alunos se sintam capazes de serem autores e que as suas produções sejam reconhecidas e que toda ação escolar tenha diálogo com a comunidade como forma de contribuir de forma positiva na resolução de problemas ou de suprir as suas necessidades.

Assim, metodologias inovadoras sobre leitura literária consistem em, apresentar ao educando novas formas de ver o mundo, com o intuito de transformar esse indivíduo em um leitor/cidadão crítico, utilizando subsídios que provoquem antes de tudo a motivação no leitor, para que assim a transformação aconteça, pois é necessário também que esse educando torne-se um leitor contínuo e assíduo. Para tanto, concluiu-se que a experiência de integrar a diversão, a leitura, a escrita, e a análise textual, com a gamificação da literatura com o auxílio da tecnologia da informação na forma de jogo sério de realidade alternada, foi satisfatório, uma vez, que conseguimos alcançar tais objetivos da pesquisa.

No objetivo de "*analisar possíveis impactos da intervenção pedagógica com jogo literário para a formação do leitor, na perspectiva de discentes e docentes participantes*",

podemos afirmar que, do ponto de vista dos estudantes, a experiência com jogo sério foi significativa, tendo em vista sua adesão voluntária durante todo o processo e a avaliação final realizada individualmente acerca desta experiência. De igual maneira, na perspectiva da professora participante, os aspectos mais destacados por ela foram positivos, em especial porque se conseguiu prender a atenção dos alunos despertando o interesse em participar das atividades quando se encontravam há muito tempo sem interesse pelos estudos.

Para concluir este trabalho fazendo uma reflexão sobre o mesmo percebemos que a lacuna presente esteve na falta de observações de aulas de literatura para uma melhor compreensão da relação dos alunos com a literatura sob a mediação da professora. Mas que tal necessidade não comprometeu o nosso estudo. As novas perguntas geradas com esse trabalho estão entorno do ensino de literatura e a formação leitores, sobre a que tipo de adaptação mais frequente os jovens vêm se deparando no espaço da sala de aula ou fora dela. Um questionamento interessante para a realização de novos estudos.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras: ALB, 1999.
- ALMEIDA, Leonardo Pinto de. O espaço político aberto pela leitura literária. **Revista Psicologia & Sociedade**. Brasil. v. 25(1) p. 58-67, 2013.
- ARROYO, M. G. Currículo, território em disputa. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BALDI, Volnei A.; FASINI, Edí. **Reforma do ensino médio: resgate histórico e análise de posicionamentos a respeito da lei nº 13.415/17 por meio de revisão de literatura**. Univates, 2018. Disponível em: <https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/1868/1/2017VolneiAndreBald>. Acesso em: 02 de julho de 2019.
- BARROS, Marcelo Alves; ANDRADE, Valéria. LerAtos: Jogos sérios de Leitura performática em realidade alternada para engajar população e escolas em desafios sociais. *In*: ALVES, Lourdes Kaminshi, Célia Arns de Miranda (Org.). **Teatro e ensino: estratégias de leitura do texto dramático**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Segunda Versão Revista. **MEC**. Brasília, DF, 2016.
- CADEMARTORI, Lúgia. **O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- CADEMARTORI, Lúgia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2010.
- CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. *In*: **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.
- COLOMER, Tereza. **Andar entre livros**. São Paulo: Global, 2007.
- CORTELLA, Mário Sérgio. **A sorte segue a coragem**. São Paulo: Planeta, 2018.
- FAILLA, Zoara. (org.). **Retratos da leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. Disponível em: http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016_LIVRO_EM_PDF_FINAL_COM_CAPA.pdf. Acesso em: 17 de junho de 2019.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler, em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Ribeiro Inara. Sobre “por que” e “como” ensinar literatura. **Revista Nau Literária**. v. 6, n. 2. p. 2. Porto Alegre: 2010.

KRUG, Flávia Susana. A importância da leitura na formação do leitor. **Revista de Educação Ideau, Alto do Uruguai**, v. 10, n 53, p. 1-14, jul. 2015.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2000.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MATEUS, R. M. A. **Fundamentos e práticas da adaptação de clássicos da literatura para leitores jovens**. Tese (Doutorado em literatura em Língua Portuguesa: investigação e ensino), Faculdade de letras da universidade de Coimbra, Portugal, 2013.

NETO, Edgar de C.; LIMA, Edméia M. Breve reflexão acerca da reforma do ensino médio e seus impactos na formação do estudante. 2018. Trabalho apresentado no XII Educere. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23840_12892> Acesso em 02 de julho de 2019.

NOVAES, Marcos Bidart Carneiro de. GIL, Antonio Carlos. A pesquisa-ação participante como estratégia metodológica para o estudo do empreendedorismo social em administração de empresas. **Rev. Adm. Mackenzie (Online)**, São Paulo: v. 10, n. 1, p. 134-160, Feb. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167869712009000100007&lng=en&nrm=iso.pdf. Acesso em: Julho de 2019.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

RIBEIRO, Marlene. Desafios das escolas do Campo. **Revista Histedbr On-line**, Campinas, n°. 50 (especial), mar. 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640298>. Acesso em: Junho de 2019.

ROUXEL, Annie. ENSINO DA LITERATURA: Experiência estética e formação do leitor. *In*: ALVES, José Hélder Pinheiro (org.). **Memórias da Borborema**: discutindo a literatura e seu ensino. Campina Grande: Abralic, 2014.

SILVA, Helena Santos. Questionamento Eficaz na Sala de Aula: Procedimentos e estratégias. **Revista Eletrônica de Educação e Psicologia**. Vila Real, n 5, p. 1-17, jul. 2015. Disponível em: <http://edupsi.utad.pt/index.php/component/content/article/79-revista2/124>. Acesso em junho de 2019.

SILVA, Sílvio Ribeiro da Silva. **Soletras**. São Gonçalo, n 20, p. 64-75, jul/dez. 2010.

SOARES. M. Letramento e Alfabetização: as muitas facetas. **Leitura e Escrita**. Minas Gerais, p. 14, 2003. Disponível em: www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf/. Acesso em: 02 jul. 2019.

SOMBRA, Fábio. **A história de Inês de Castro ou A dama loirinha que, depois de morta virou rainha**. Rio de Janeiro: Escrita Fina, 2011.

SOUSA, Rafael Barros de. **Práticas de leitura e escrita inovadoras: uma experiência com poesia de cordel e jogo sério na escola do campo**. 2017. 75f. (Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia), Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, Universidade Federal de Campina Grande, Sumé – Paraíba – Brasil, 2017. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/4981>

APÊNDICE A - Plano metodológico

I PALCO: LEITURA/PRODUÇÃO- MISSÃO/MEIO DIGITAL/JOGO

O palco primeiro é o meio digital, neste palco acontece o primeiro dizer sobre o tema escolhido, o educador modela as missões de leitura que se inicia no meio digital.

- I. Lançamento do jogo no espaço escolar, os alunos serão orientados a ler uma obra literária, depois criar a sua própria versão em formato de outro gênero textual.
- II. Depois os alunos serão orientados a utilizar um espaço no meio digital que será definido pelo o educador para que todos socializem as suas versões na ação empreendida de conquistar novos leitores a partir das suas produções.

II PALCO: INTERAÇÃO – MISSÃO/MEIO COMUNIDADE/JOGO

No segundo palco a missão acontece na comunidade fora do meio digital, missões no mundo real, orientados pelo educador inferindo-se da produção e da leitura literária.

- I. Lançamento de uma nova missão que será realizada na comunidade, podendo ser em casa, na rua, na escola, instituições, famílias, etc. Essa missão pode ser em formato de apresentações, leitura performática, campanhas, ações coletivas.

III PALCO: CULMINÂNCIA – SOCIALIZAÇÃO DOS RESULTADOS/MEIO ESOLAR/FIM DO JOGO

O terceiro palco a culminância das missões que se dará no espaço escolar com a socialização de todo o percurso das missões com a produção.

- I. Os educandos apresentam na escola o texto multimodal do seu trabalho e o disponibiliza para a escola. Com a celebração de ter se sensibilizado de fato com a obra literária e na condição de ser um bom leitor para também conquistar leitores.

APÊNDICE B - Planejamento de atividades

Aula I – 31/10/2018

- **Contextualização do que é leitura.**
- **Apresentação do gênero miniconto.**
- **Apresentação de minicontos.**

OBS: A contextualização da leitura serve para ressaltar o valor imprescindível que possui, para refletirmos sobre o que é leitura e para que serve a leitura. Deste modo, então, por que devemos realizar leituras. Além de nos fazer refletir de o porquê precisamos de uma sociedade leitora.

A apresentação do gênero miniconto tem uma intenção futura no desenvolvimento das atividades. Ao reconhecer um gênero o aluno tornasse capaz de produzir com a estrutura já conhecida e explorada anteriormente.

Aula II – 07/10/2018 Palco I

- **Lançamento do jogo Inês e nós.**
- **Socialização da obra Inês e castro.**
- **Interpretação e experimentação da obra**
- **Produção do miniconto.**

Regras para a criação do miniconto:

- 1- Os minicontos podem ser de duas modalidades textuais: a) narrativo b) poético c) musicado**
- 2- O limite de tamanho de cada miniconto é no mínimo 25 palavras e máximo 50 palavras.**

OBS: Todos vivem a história e experimentam a história de amor infinito de Pedro e Inês e criam suas próprias versões de histórias de Inês e o amor infinito na forma de minicontos, se deixando levar pelo poder da inspiração e da criação.

Aula III –14/11/2018 Palco II

- **Reescrita do miniconto (correções).**
- **Os minicontos devem ser registrados em forma digital e enviados para a quinta do amor infinito. (Face book)**
- **Socialização no meio digital.**
- **Lançamento da missão/ conquista de leitores/ conquista de likes.**

3- Cada jogador deve conquistar pelo menos 10 leitores para seu miniconto.

4- Cada leitor deverá enviar para a quinta do amor infinito (espaço digital no Face Book) pelo menos um like.

5- Os likes podem ser de 3 tipos:

- a) LIKE TIPO CURTIDA (1 PONTO)
- b) LIKE TIPO AMEI (2 PONTOS)
- c) LIKE TEXTUAL tipo comentário escrito em até 10 palavras. (5 PONTOS)
- d) Os likes devem ser feitos na publicação do miniconto no Face Book da Quinta do Amor Infinito. (INÊS DE CASTRO)

OBS: Na quinta do amor infinito todos compartilham suas versões da história de Inês e o amor infinito na forma de minicontos, por meio digital (Face Book), para conquistar leitora(es) comentadoras(es). Esses leitores compartilham seus comentários na Quinta do amor Infinito, em formato digital.

Aula IV – 21/11/2018 Palco III

- **Culminância**
- **Festividade**
- **Premiação de quem conseguiu mais leitores.**

OBS: Todos compartilham os resultados suas missões de leitura são em torno da história do Amor infinito de Pedro e Inês.

APÊNDICE C - Plano de aula

INSTITUIÇÃO: MARIA BALBINA PEREIRA

TURMA: 3º ANO MÉDIO

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA

ANO ESCOLAR: 2018

PROFESSORA: AMANDA ARAÚJO

PLANO DE AULA

ASSUNTO: A importância da leitura e a formação de uma sociedade leitora – abordagem do gênero Miniconto.

OBJETIVOS:

- Contextualizar o que é leitura e qual a importância da leitura.
- Apresentar o gênero miniconto.
- Reconhecer a função do miniconto no estímulo à leitura.
- Conceituar, exemplificar, ler e interpretar minicontos.

CONTEÚDO: Contextualização da leitura. Reflexão sobre a importância da leitura. A abordagem do gênero miniconto.

METODOLOGIA

A aula será dialógica. No desenvolvimento da aula, os conceitos sobre o que é leitura serão apresentados, além da importância da leitura para o indivíduo e para a sociedade. Além de abordar o gênero miniconto como meio de efetivação da leitura e ponte para se chegar à leitura literária.

RECURSOS METODOLÓGICOS: Data show, quadro branco, caneta de quadro branco, folha de papel ofício.

AValiação: A avaliação dar-se-á por meio de avaliação contínua de interação na aula expositiva e participação.

REFERÊNCIAS:

Disponível em: <https://www.revistabula.com/1939-20-micro-romances-em-140-caracteres/>
Disponível em: <http://autoressaconcursosliterarios.blogspot.com/2013/05/os-20-minicontos-classificados.html>

APÊNDICE D - Plano de aula

INSTITUIÇÃO: MARIA BALBINA PEREIRA

TURMA: 3º ANO MÉDIO

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA

ANO ESCOLAR: 2018

PROFESSORA: AMANDA ARAÚJO

PLANO DE AULA

ASSUNTO: Vivências literárias a partir da obra de Inês de Castro e produção de Minicontos. Lançamento do jogo literário Inês& Nós.

OBJETIVOS:

- Proporcionar vivência literária entre os alunos.
- Ler e interpretar a obra literária sugerida.
- Contextualizar a obra lida e produzir textos a partir do gênero miniconto.

CONTEÚDO:

Contextualização e leitura da obra de Inês de Castro. Reflexão sobre a leitura e produção de minicontos a partir da obra lida. Lançamento do jogo literário Inês& Nós.

METODOLOGIA

A aula será dialógica. No seu desenvolvimento serão proporcionados, dinâmica de contação de histórias de amor de pares conhecidos nos romances de filmes; vivência e experimentação da obra Inês de Castro, para que a partir disso, os alunos criem suas próprias versões de histórias no formato de miniconto.

RECURSOS METODOLÓGICOS:

Data show, quadro branco, caneta de quadro branco, folha de papel ofício.

AValiação:

A avaliação dar-se-á por meio de avaliação contínua sobre a participação dos alunos e a realização das atividades.

REFERÊNCIAS: SOMBRA, Fábio. A história de Inês de Castro ou A dama loirinha que, depois de morta virou rainha. Rio de Janeiro: Escrita Fina, 2011.

APÊNDICE E - Plano de aula

INSTITUIÇÃO: MARIA BALBINA PEREIRA

TURMA: 3º ANO MÉDIO

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA

ANO ESCOLAR: 2018

PROFESSORA: AMANDA ARAÚJO

PLANO DE AULA

ASSUNTO: Culminância das vivências literárias a partir da conclusão do jogo literário Inês & Nós.

OBJETIVOS:

- Realizar dinâmicas interativas entre os alunos
- Premiar o vencedor do jogo literário Inês & Nós
- Proporcionar festividade na culminância da vivência literária entre os alunos.

CONTEÚDO:

Culminância das vivências literárias a partir da conclusão do jogo literário Inês & Nós.

METODOLOGIA

A aula será festiva. No seu desenvolvimento serão proporcionados dinâmicas; vivência e experimentação musical com a música versus simples, para que os alunos analisem os versus da música a partir da história do amor infinito de Inês e Pedro. Premiação do vencedor do jogo literário Inês e Nós.

RECURSOS METODOLÓGICOS:

Data show, quadro branco, caneta de quadro branco, folha de papel ofício, EVA.

AValiação:

A avaliação dar-se-á por meio de avaliação contínua sobre a participação dos alunos e a realização das atividades.

REFERÊNCIAS: SOMBRA, Fábio. A história de Inês de Castro ou A dama loirinha que, depois de morta virou rainha. Rio de Janeiro: Escrita Fina, 2011.

APÊNDICE F - Questionário do aluno

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

QUESTIONÁRIO DO ALUNO

NOME:

PARTE 1: Responda Sim ou Não marcando com um X no quadro abaixo.

QUESTÃO	SIM	NÃO
1. Você gosta de ler textos literários?		
2. Você gosta de tentar entender o sentido prático dos textos literários?		
3. Você se acha capaz de fazer uma letra de uma música?		
4. Você se acha capaz de fazer um miniconto em texto narrativo?		
5. Você se acha capaz de fazer um miniconto em texto poético?		
6. Você se acha capaz de fazer um miniconto em texto musicado (música original ou paródia)?		
7. Você sabe fazer um miniconto em texto narrativo?		
8. Você sabe fazer um miniconto em texto poético?		
9. Você sabe fazer um miniconto em texto musicado (música original ou paródia de uma música)?		
10. Você já aprendeu um assunto estudado na escola em um jogo de leitura?		
11. Você acha importante envolver amigos e familiares nos seus projetos escolares?		
12. Você se engajaria em um projeto de uso da leitura para melhorar o seu entorno?		

APÊNDICE G - Questionário de avaliação de impacto

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DE IMPACTO

NOME:

PARTE 2: Responda Sim ou Não marcando com um X no quadro abaixo.

QUESTÃO	SIM	NÃO
1. Você se sentiu motivado a ler textos literários durante e depois da intervenção?		
2. Você gostou de tentar entender o sentido prático da obra literária trabalhada (INÊS)?		
3. Você sentiu sensibilizado na construção de uma sociedade leitora?		
4. Você gostou de fazer um miniconto em texto narrativo?		
5. Você gostou de fazer um miniconto em texto poético?		
6. Você sentiu satisfeito com o resultado na sua busca de leitores?		
7. Você a partir de hoje se interessará a praticar a leitura literária dentro ou fora da escola?		
8. Você gostou de ter participado do jogo literário Inês e Nós?		
9. Você gostou da missão social indicada no jogo literário Inês e nós?		
10. Você acha que aprendeu muito participando de um jogo de leitura?		
11. Você achou importante envolver amigos e familiares neste projeto escolar?		
12. Você se engajou muito neste projeto que usou da leitura para melhorar o seu entorno?		

APÊNDICE H - Roteiro de entrevista - Professor

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

ROTEIRO DE ENTREVISTA - PROFESSOR

Local: _____

Nome: _____

Sobre o ensino de literatura:

1. Qual é a formação do professor (a) e qual a sua atuação na escola?
2. Qual a importância da leitura literária na formação do indivíduo?
3. O professor (a) costuma desenvolver espaços para leitura literária em sala de aula?
4. Quais metodologias o professor (a) utiliza/ou em sala de aula para proporcionar momentos com a leitura literária aos seus alunos?
5. A professor (a) tem conhecimento de práticas inovadoras de fomento ao desenvolvimento da leitura literária?
6. Quanto tempo de trabalho é necessário para que realmente haja o envolvimento dos educandos com a leitura literária?
7. Quais os desafios para promover a leitura literária na escola?
8. De acordo com sua experiência com formação de leitores, qual a relação dos jovens com a leitura?
9. Trabalhar com leitura e literatura na escola é tarefa do professor da disciplina de Língua Portuguesa?
10. Ainda que muito jovens considerem ler importante, a maioria não vê utilidade nisso e não se dedica ao hábito. Como reverter essa situação?
11. Qual a relação existente entre a leitura literária e o ensino da escola do campo?

APÊNDICE I - Caderno de campo do pesquisador

12/09/2018 Nessa aula foi proporcionada a exibição da parte final de um filme que teria se iniciado na aula da semana anterior, o filme era o Quinze de Rachel de Queirós sobre a segunda fase do modernismo. Durante o desenvolvimento dessa atividade uma observação que se pode fazer é que muitos alunos não prestaram atenção no filme exibido se ocupando em responder atividades de outras disciplinas de outros professores no momento da aula enquanto “assistiam ao filme”. E como atividade de casa exigiu-se um resumo do filme com um roteiro prescrito com destaque no que deveria se ter no texto, como: explanação sobre o filme, leitura da biografia de Rachel de Queirós junto às características literárias da 2º fase do modernismo. Essa atividade de casa passou a ser exigida por a falta de atenção dos alunos na atividade desenvolvida.

19/09/2018 Nesta aula o conteúdo discutido foi sobre gramática, colocação pronominal: Próclise, mesóclise, Ênclise. Essa aula aconteceu com exposição oral do conteúdo, com a referência do livro: Nossa Língua: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Observou-se que aula foi um plano “B” realizado pela professora pelo fato de que a maior parte da turma não pode se fazer presente, pois os alunos não puderam se deslocar do sítio para a escola pela falta de transporte já que o motorista se encontrava doente, não sendo substituído por outro pela secretaria de transportes do município. Assim, para que eles não perdessem o conteúdo programado, a professora resolveu fazer uma revisão do assunto com os que estavam presentes na sala de aula.

29/09/18 Atividades desenvolvidas sobre o setembro amarelo (mês de prevenção ao suicídio) com tema valorização a vida. A aula se desenvolveu com a discussão de como enfrentar as dificuldades da vida através das competências resiliência, e autocontrole das emoções. Para desenvolver essa aula a professora realizou uma dinâmica, distribuindo pedaços de papel com os significados dos valores que estavam escritos no quadro. O aluno ao pegar o papel sorteado por ele mesmo deveria ler o conceito escrito no papel, discutir sobre o seu significado, e identificar no quadro quais dos valores escritos que correspondia com aquele conceito discutido. Os alunos aparentavam estar muito interessados na dinâmica, pois discutiam com assiduidade a cada valor citado na discussão. Em sequência,

os alunos iriam assistir ao filme *Divertida Mente* exibido para todo o ensino médio, como atividade da escola.

02/10/ 2018 Aula temática de preparação para a escrita de uma redação dissertativa argumentativa sobre o tema: discursos de ódio na internet. Para a contextualização do tema a professora utilizou o recurso áudio visual, ou seja, utilizou a TV para exibir amostras de vídeos com relatos de pessoas que foram vítimas do discurso de ódio na internet como o preconceito e o bullying. Ao final de cada vídeo pausa para discussão. Foi perceptível que os alunos se sentiram comovidos com os vídeos exibidos. Alguns se sentiram tão envolvidos com a temática que expressaram como também já foram vítimas desses discursos de ódio socializando suas impressões a respeito do tema.

09/ 10/ 2018 Observação da produção da redação dissertativa argumentativa em sala de aula, sobre o tema: discursos de ódio na internet. Neste dia foi observado o quanto os alunos apresentaram resistência para a escrita do texto alegando vários argumentos que podem ser considerados como desculpas para não escreverem a redação, como: “é difícil escrever”, “é difícil o tema”, “eu não preciso escrever”, “eu já tenho nota”, “não vou fazer ENEM” entre outros argumentos que eram rebatidos com os da professora como forma de motivação e exigência.

17/10/2018 Neste dia foi exibido um filme sobre preconceito linguístico: *Caçadores de Pipas*. Os alunos assistiram ao filme em acordo com a professora.

ANEXO A - Minicontos produzidos pelos alunos

Inês e Pedro

A história que vou falar
É de grande e lindo amor
De um casal apaixonado
Que apenas começou

Um dia estava dona Inês
Em casa com seu amado
Quando bateram na porta
Três sujeitos armados

E foi nessa hora
Que o sangue dela foi derramado
Mas mesmo assim
O amor nunca foi acabado

Inês e o rei de Portugal

Ocorreu nas terras de Portugal:
Dom Pedro, o herdeiro real,
Conheceu Inês de Castro,
Dama de companhia.

Pedro amava a bela Inês,
Mas casar-se com ela não podia:
Seu pai, rei Afonso, não admitia.
Pedro e Inês seguiram firmes
Sua história de paixão
Que até a morte venceria.

Amor Proibido

Pedro amava Inês. Era um amor proibido.
Seu pai, o Rei Afonso, não apoiou a
união: “meu filho com ela, você não casa
não!”
Pedro de casamento marcado com
Constança escolheu viver seu amor por
Inês.

O amor supera títulos

Em uma tarde calorosa, Dom Pedro se
deparou com Inês de Castro que brilhava
como o sol das manhãs de Portugal. Ele
apaixonou-se perdidamente por tal, e não
ouviu ladainhas de seu pai, pois a jovem
não tinha títulos, mas sim o coração do
futuro rei. E isso bastava.

O amor de Pedro por Inês

Há muitos séculos numa cidade de
Portugal, lá estava a linda Inês nos
campos do rio Mondego colhendo doce
fruto no sossego que se tem. O Príncipe
Dom Pedro a avistou e logo ficou
apaixonado por ela, dama de companhia
da Princesa Constança.

Um amor inacabado

Há muitos anos atrás
Nas terras de Portugal
Surge uma história de amor
Marcada por um trágico final.

Dom Pedro e Inês de Castro
Com sua enorme paixão
Terminaram separados pela morte
Quando Inês é assassinada
Por homens sem coração.

A história de amor de Dom Pedro e da bela Inês

Um amor impossível. Foi assim que
Pedro tomou uma decisão. Roubou a bela
Inês e da cidade foram embora. Assim
iriam viver a sua bela história. Mas Dom
Afonso lhes perseguiu caçando-os por
toda parte. Não lhes deu paz e sossego

Pedro deu ouvidos

Pedro deu ouvidos à língua do povo
Tanto que quis se separar.
Se ele quiser voltar
Ficarem juntos e recomeçar,
Tem a consciência limpa
Que nada de errado fez
E sim, vai recomeçar...
Pois sobre Inês ser a vítima
Ele vai desmascarar.

ANEXO B - Relato e análise feitos pela professora de Língua Portuguesa sobre a metodologia utilizada durante a pesquisa.

As aulas de intervenção da estagiária, Amanda Araújo aconteceram já no finalzinho do ano letivo, quando os alunos já se apresentam meio desmotivados, sem muito compromisso pelos estudos, entretanto, por se tratar de uma aula que associava a literatura a um jogo literário, houve um despertar desses discentes em participar.

A estagiária iniciou a aula falando da importância da leitura, do que esta pode proporcionar na vida dos leitores, bem como, das diversas formas de leitura.

Na sequência, a professora estagiária apresentou o gênero miniconto, trazendo exemplos e interagindo com eles para fazer a interpretação dos textos.

Dando continuidade, expôs como seria a sequência didática: trabalhar o gênero miniconto, a partir do qual produziram um texto de mesmo gênero ou do gênero música a partir da mesma história contada em cordel. Também, haveria uma competição, que consistia em publicar sua produção no facebook, e o vencedor seria o que conseguisse o maior número de curtidas e/ou comentários. O vencedor levaria um brinde. A ideia de oferecer um brinde foi muito acertada, a partir da qual percebemos um interesse maior dos alunos em participar das atividades.

Prosseguindo em desenvolver o projeto, a professora Amanda distribuiu exemplares de cordéis, sobre a história de Inês de Castro e Pedro. A maioria gostou da história e participaram efetivamente das discussões. Antes da análise sobre a obra, a estagiária fez a declamação do cordel. Essa é uma ação fundamental para que os discentes entendam melhor a história, bem como, percebam a beleza da poesia. Na sequência, foi solicitado que iniciassem a produção dos textos, o qual poderia do mesmo gênero (miniconto) ou o gênero música, com base na mesma história lida. Finalizado a aula, foram recolhidas as produções e levadas para correção. Por falta de tempo, foi decidido não solicitar uma reescrita.

Ao longo da semana, após a publicação dos textos na internet, os alunos começaram de fato a competição: a busca por curtidas e comentários. Essa atividade foi excelente, não só porque os colegas tiveram a oportunidade de analisar a produção do outro, mas foi uma busca por mais leitores, levando as pessoas, até aquelas que não tinham muito interesse, ler e ver beleza nos textos.

Por fim, tivemos a culminância do projeto. Foi uma tarde muito proveitosa e de aprendizado. Tivemos a socialização das produções literárias, dinâmica, músicas e a premiação do vencedor.

Diante de tudo que foi mencionado aqui sobre essa intervenção, podemos afirmar que a metodologia utilizada pela professora estagiária, Amanda Araújo foi muito acertada, uma vez que esta trouxe, inicialmente, uma reflexão sobre a importância da leitura, para valorização desta, como, também, para chamá-los a atenção para o que se seguia. Também, podemos destacar na metodologia utilizada o fato de ter escolhido um gênero literário curto que não precisariam escrever muito, o que causaria certo desinteresse, visto que eles têm uma enorme preguiça de escrever.

Vou mencionar apenas dois fatores negativos referentes às atividades que não foram acrescentadas à sequência didática (mas como sabemos, foi questão de tempo): primeiramente, fazer a distinção entre conto e miniconto, o que auxiliaria em uma melhor compreensão do gênero em questão; outro fator foi a reescrita textual.

Professora regente da turma do 3º ano.